

*

Uma variedade nos edifícios de
SÃO PAULO LITOGRAFIA S. A.
São Paulo, SP - Brasil



O RIO DE JANEIRO
visto por dois
prussianos em 1819

328

T.VON LEITHOLD
e L.VON RANGO

brasíliana
volume 328



O RIO DE JANEIRO

visto por dois prussianos em 1819

Dois prussianos, ligados por laços de família, são atraídos ao Brasil ao mesmo tempo aqui permanecem tempo suficiente para traçarem excelentes informações a respeito da terra e voltam à pátria levando, cada um, seus apontamentos. Daí resulta o aparecimento de dois livros gêmeos.

A língua alemã é das menos conhecidas das grandes línguas cultas no Brasil. Os dois livros, checados de elementos de primeira ordem pelo conhecimento da sociedade carioca no início do século XIX, permaneceram praticamente desconhecidos em nossos estúdios. Além disso, ambos compõem raridade bibliográfica.

Eis aqui o valor da presente edição: põe à disposição do público, em vulgar, os dois misteriosos livrinhos de que só afortunados bibliófilos podiam gozar as curiosas páginas, citando as passagens mais pitorescas.

O autor dessa homenagem é o Embaixador Joaquim de Sousa Leão Filho, diplomata da fé de dos Varnhagen e Oliveira Luna, que sempre associaram às atividades da carreira, desempenhadas com brilho, uma atenção inafastável para as coisas que houvesse um reflexo do Brasil.

O cuidado da tradução, a oportunidade e exactidão das notas e o critério da illustração, feita com peças da época, fazem deste livro um elemento daqui por diante indispensável numa coleção *quarantearina*. Haverá poucos elementos a ela directos e indirectos acerca da sociedade carioca no momento exacto e o que o Rio passava a ser mais do que uma simples capital de um vasto país: era uma *cidade*. Os autores, se não viram sempre a nossa cidade com simpatia e benevolência, tinham, pelo menos, as qualidades próprias da raça: o espirito de objectividade e a exactidão na pesquisa.

Eis uma contribuição — a melhor que nos chegou — da *Brasiliense* para as comemorações do Quarto Centenário da cidade do Rio de Janeiro. Procura-a elevá-la à altura de um importante acontecimento.

O RIO DE JANEIRO
visto por dois prussianos em 1819

BRASILIANA

Volume 328

Director de
ARÍSICO JACOBINA LAURETE

T. VON LEITHOLD
E
L. VON RANGO

O RIO DE JANEIRO
visto por dois prussianos em 1819

edição ilustrada

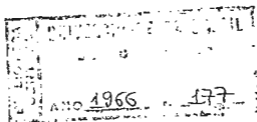
tradução e anotação de
JÓAQUIM DE SOUSA LEÃO FILHO

981
13823
328

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

433
1/2

Exemplar Nº 1556



Direitos para a língua portuguesa adquiridos pela

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Guandês, 639 — São Paulo 2, SP

que se reserva a propriedade desta tradução

1965

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

W. ...
6 ...

INDICE

<i>Introdução</i>	XI
<i>Notas biográficas</i>	XVII
<i>Prefácio</i>	XXIII
I. A motivação da viagem. Ajuda de custo concedida pelo rei. Renúncia a qualquer pensão de meu pai. Brilhantes perspectivas. A partida de Berlim.	1
II. Chegada a Hamburgo. Vista ao navio. Fatura da perna. O capitão. Restabelecimento. A cidade Jungfernstieg. O Alster. O Paço Municipal. A Bolsa. O pavilhão. Os marcos. Caresia. Como recebem os estrangeiros. Arrogância. Quartos meublados. Visita de infelizes. Vinhos falsificados. Os Guardas-noturnos. Partida	2
III. O embarque. Os companheiros de viagem. O custo da mesma. Refeições e bebidas. O serviço. Acomodação noturna. Focos, peixes-voadores e porcos marinhos. Caravelas e golfinhos. A Madeira. Las Palmas. O Cão Verde. Calmaria. A Linha. Diversos	5
IV. Cadeia de montanhas. O Brasil. A baía. A cidade. Polícia e Comissão de Saúde. Officiais da Alfândega. A vista do porto. O desembarque. A acção do ministro dinamarquês. A cena da chegada. Minha sobrinha Joana. Estranha aparição	8
V. O Rio de Janeiro. As casas. O Passeio Público. O Campo de Santana. O Largo do Rossio. A Praça do Valério. Praças menores. As ruas. Iluminação. O Cateio. Botafogo. As Igrejas. O Aqueduto.	11
VI. O teatro. Representações em português. Ópera italiana. Demoiselle Fanchette. Madame Sabini. O tenor. A orquestra. O flautista e o violoncelista. Bailados. O diretor. Madame Toussaint. Espanhóis. Uma ruína. O empresário teatral	14
VII. Touradas pelo aniversário da princesa real. Má apresentação. O boneco de pau. Touradas espanholas, as genofmas.	16
VII-A. Os Correios. O telégrafo. As vendas. Os mercados. Comestíveis: carne, legumes, frutas, aves, peixes, arroz.	18

VIII. As casas de pasto. Os Cafés, Limonada e laranjada. A cerveja. Moscas nos Cafés. O vinho. Sede e apetite. Casas de aluguel. Quartos mobilhados. Seges de aluguel. Insoção. Cavalos de aluguel. A equitação nas Minas. Estatura e peculiaridades dos cavalos. As mulas.	21
IX. O modo de vida em geral. O tempo. Guarda-sóis. Indolência das mulheres. Ruas desertas à noite. Bater palmas. Entrega de cartas e cartões de visita por baixo da porta. A passagem dos cavalos pelo salto. Alcovas.	26
X. O luxo, no vestir-se, de homens e mulheres. As plumas. Os diademas. O luxo das lavadeiras. Os leques. O luxo das escravas. Andar arrogante. Como são os casamentos. Mulheres brancas e de cor. Os palanquins. As meretrizes.	29
XI. Escravos negros. Bom tratamento dos mesmos. Razões para esse tratamento. Agilidade e robustez dos escravos. Música e danças dos negros. Negro grisalho. As vestimentas. Manuel. Aparição noturna. Acompanhante negro a uma fazenda de café. A extinção do tráfico. Torpeza de um sacerdote. Os Botocudos. Negras lavadeiras e seus filhos.	33
XII. Os insetos. Os mosquitos. Terra das bofetadas. Mosquiteiros. Os ratos e camundongos. As baratas. Os pulhos. Os cães. Os excrementos. Moléstias venereas. Pernas inchadas.	38
XIII. Demoiselle Julie. Sua residência. Recepção. Música de harpa. Os aplausos dos fidalgos. A discipula de Noddermann. Chá. Pastoro. O padre Bandeira. A galanteria de jovem fidalgo. Hupa cõlla.	40
XIV. A Polc'a. Capitães-do-mato. Negros fugidos. A crueldade dos negros contra os viajantes. Punição dos escravos fugidos. Vigilância policial. Número de habitantes. Nomes das ruas. Número das casas. A iluminação. Cães e animais mortos. O aqueduto. Incêndios. Prisões. Mortos e moribundos.	44
XV. O jôgo. As banças de faraó. Maneira de transportar os doentes. O teatro. Procições. Comércio. Armarinhos. Tipographia. Jornal. Taxas portuárias. O contrabando. Fábricas e manufacturas.	46
XVI. Doutor Ritter, de Berlim, vendedor ambulante. Infidelidade de sua mulher. Negriante em potelaras. Emprego como médico da colônia sulça. Nomeação para medico do rei em Santa Cruz. Relações matrimoniaes.	49
XVII. A côrte. O Paço de São Crisóvão. A situação: A vista. A galeria. A estrada. As diversões do rei. Bondade do seu coração. Minha apresentação ao monarca pelo ministro da Prússia, conde de Frenming. Genuflexão nos encontros com o rei ou membros da familia real. O príncipe Dom Pedro.	53
XVIII. O Cerimonial da côrte. O séquito da familia real. Festejos por ocasião da chegada da arquiduquesa Leopoldina da Austria, mulher do príncipe herdeiro.	59

XIX. As relações do rei com a mulher. O beija-mão. A indanentária dos que assistem a essa cerimônia. O trono. A sala do trono. Como se procede ao beija-mão. Música em frente ao paço durante a solidade. Seiscentos beija-mãos. O capelão-mor. O marquês de Loulé. Damas. Festividades. Cerimônia de gala no paço da cidade. Fogos de artifício.	62
XX. A Capela Real. O mestre de capella. Pouca devoção e sentimento religioso dos portuguezes. Um cado na missa. As senhoras. Sermão em portuguez. Renovando conhecimento com um francez. Sua sina.	65
XXI. Os militares. O Estado-maior. Estabelecimentos militares e científicos. Belas-artes. O Museu de historia natural. Os pássaros de Montevideu. Os papagaios. Conventos para mulheres infelizes. Curiosa vingança por crimes. Estabelecimentos de banhos. O mercado de escravos.	67
XXII. Os arredores — Botafogo. Belo passeio. A casa do ministro de Estado. A residência do ministro da Prússia. Beija-flôres. Ar celestial. São Domingos. Embarcações. Vela solitária no Rio de Janeiro. Trecho de uma carta de von Langsdorff a um amigo na Alemanha. Comparação das paisagens do Brasil com as do condado de Glata. O padre Garcia. O clero.	70
XXIII. Chegada do ministro inglês Thornton. O baile do cônsul-general da Rússia, von Langsdorff. Côro musical. Mosquitos. O calor. Pisando pés. O Banqueiro Roche. Encontro com o primeiro pastor protestante de Santa Helena, Mr. Bay. Opinião de um portuguez sobre os negócios de Estado e sobre a mãe-pátria. O general Fressinet.	75
XXIV. O general Hogendorp. O caminho para a sua chácara. A chácara. Acolhida. A vista. A decoração interna da casa. O eriano e sua familia. O jardim. Uma gruta. A plantação de café. Tratos na meta. Vinhos e licores caseiros. A situação da familia Robinson Crusó. Reflexões.	79
XXV. A colônia salga. Conceito sobre a mesma antes da chegada. Os primeiros navios. Os colonos. Cantagalo. Apoio de governo. Fuga de muitos para o interior e sua cantura. Advertência sobre a emigração para o Brasil. Reemigrados da America do Norte.	82
XXVI. O que aconteceu ao conde d'Ormeval quando de sua primeira viagem ao Rio de Janeiro. Encontro com o barão Yorta. O navio Alimôço a bordo. O arranjo do camarote. A carga. Um navio russo de descobrimento. Navios construídos na Bahia.	86
XXVII. A mandioca. Preparação da farinha. A tapioca. Preparação da farinha de milho. O pilão. Cultura do açúcar. Engenhos. Fabricação do açúcar. A cacheca. Cultura do café. O grão de café. O veterano das plantações de café. Gosto desagradável do café.	88
XXVIII. Continua minha sina no Rio de Janeiro. Negros com punha's. Meu medo e gritos de socorro. Salvação graças ao chamado: Volte a! Chegada à casa dos carpinteiros de Hamburgo. Reuho. O espanhol. Tábuas.	91

XXXIX. Sobre o verdadeiro objetivo da minha viagem. Subsistência no Rio de Janeiro como fazendeiro de café. Petição ao rei. Provas do aprêço real para com meu cunhado. Falta de resposta à petição. Adeus terra das pragas e das esperanças perdidas I.	93
XXX. A viagem de volta. A carga de navio. Saída da barra. Insetos e monstrosia. Água doce. A conduta do capitão Klaus Hoop. Paralelo com o capitão Dootmann na viagem de vinda. Pancadas e arenga aos porcos. Rudeza do capitão para com os meus companheiros. Atitude do jovem comerciante. As pierções do capitão para comigo. Carta marítima. <i>Hudibras</i> . Inteligência e queixas do capitão.	95
XXXI. As batatas. O bacalhau. A carne de boi hamburguesa. Os capitães. Pererebas. Um escorpião. <i>Zwieback</i> . A manteiga. O chá. Cura à maneira do mar.	98
XXXII. Caixa de remédios com misturas e essências, etc., contra toda sorte de maléstias. Esculápios. Gollinhos venenosos. Anedotas. Perigos durante a viagem. O serviço a bordo. Médico do capitão ante a aproximação de um navio. Preparativos. Um tufão. Perigos inventados mas nunca verificados. Melas e canasas.	100
XXXIII. Previsão da chegada a Hamburgo. O tubarão. O peixe-piolha. O número de peixes apanhados durante a viagem de retorno. Milho branco e milho pardo. Almondreugas. Panquecas. Pudim. As galinhas pernalhas brasileiras.	103
XXXIV. Ventos contrários. O macaco. Amizade do macaco por uma galinha. A morte de ambos. Uma tempestade. Seu abrandamento. As ondas. Pheras do capitão. Sol poente. Satisfação quando se aproxima um navio. Perigo. A camballota do capitão.	106
XXXV. Caravelas. Sensação sob a luz das estrelas e do luar. Influência nefasta da lua. Ventos favoráveis. O baren de Blankensee. O salmão. A música das ondas. O canal. Um farol. A Camissão de Saúde. Cuxhaven. Hamburgo. Fim da viagem.	108
*	
<i>Diário de minha viagem até o Rio de Janeiro</i>	191

Introdução

O CAPITÃO DE CAVALARIA, Theodor von Leithold, foi um dos muitos viajantes atraídos ao Rio de Janeiro pela transferência da cõrte, aqui chegando em outubro de 1919.

Cunhado de Silveira Pinheiro, — o eminente estadista e acatado, conselheiro de D. João VI, — animava-o a esperança de se estabelecer nos arredores da cidade como fazendeiro de café, contando com o parentesco influente para alcançar do rei, terras e o necessário financiamento.

Além da filha, viajou com Meier sobrinho, Ludwig von Rango, que não viu a mãe desde que esta deixara Berlim em 1807, para juntar-se com o marido, em Lisboa, à comitiva real.

Desencantado logo com o meio e não suportando o clima estival, regressa Leithold, após uma permanência de escassos quatro meses, sem mesmo esperar pelo despacho à sua petição. Tampouco se demora o sobrinho, que viera no gôzo de uma licença do seu soberano, por achar-se ainda sob as armas.

Já estavam de volta à Europa, em princípios de junho, 1820, e nesse mesmo ano publicavam ambos suas impressões de viagem, respectivamente em Berlim e Bruxelas.

Com certeza, no vasto campo dessa literatura não haverá outro exemplo de aparição simultânea de obras, cujos autores sejam da mesma nacionalidade, classe social e até família, sôbre uma só aventura! Os títulos são logicamente os mesmos: *Viagem de Berlim ao Rio de Janeiro e volta* (aliás, subtítulo), o primeiro; *Diário de uma viagem ao Rio de Janeiro e volta, nos anos de 1819 e 1820, em cartas*, o segundo.

O livro de Leithold vem largamente citado pelos autores que se ocuparam do reinado de D. João VI, a começar por Oliveira Lima, como depoimento substancial e panorâmico sobre a cidade, ao passo que o de Rango permaneceu desconhecido e só pelo título vem referido nas bibliografias especializadas. São dois livros raros, não se conhecendo no Brasil mais que meia dúzia de exemplares de cada um em bibliotecas públicas e particulares. Impurifica-se, pois, publicá-los em tradução e geminados como nasceram, ao celebrar o Rio de Janeiro seu IV Centenário.

O paralelismo é tanto mais digno de registro quanto, personalidades tão diferentes como são as de seus autores, as observações de um valem de contraprova às do outro, ao enfocarem os mesmos assuntos.

O estilo teoso, afirmativo, do tio, sem nuances nem temor a repetições -- inábiliter em suma, como ele próprio o definiu -- contrapõe-se também ao prosador elegante, cujo lirismo inflado vem à tona a cada pretexto em versos de cadência "schilleriana" ou se exalta em arrebatos patrióticos.

Racistas ambos, sobretudo o jovem, que se revela um precursor do liberalismo alemão, a sonhar com a liberdade e o orgulho de uma pátria grande recém-emergida da dominação napoleônica, não tolerava a idéia da expatriação quando a tarefa da recuperação estava a exigir o esforço de todos os "irmãos alemães". Desaprovaria, pois, a deliberação do tio e dessa divergência de vistas procederá, quiza a desinteligência que se adivinha entre os dois, ignorando-se mutuamente e levando o sobrinho a regressar por outro navio, quando o que tomaram de volta, tio e prima, devia largar no mesmo dia.

Não obstante, coincidem um e outro no horror à escravidão, ao calor e aos mosquitos e, como Leithold logo se desgostou com o país de seus sonhos, também se identificam no considerarem o Brasil impróprio para receber emigrantes alemães. Por sinal, não compreenderam ambos o caráter paternalista da coroa portuguesa, tão manifesto no ritual do beija-mão.

A insegurança de Leithold na nomenclatura de pessoas e toponímica confirma o que declara no prefácio: não ter tido a idéia de publicar as notas que ia tomando desprocuradamente; mas fôsse como passatempo durante as calmarias da travessia, fôsse como justificativa do seu logro ante seus protetores,

ampliou-as em livro, dando-lhes um objetivo utilitário e oportuno de esclarecimento da opinião sobre o problema da emigração para o Brasil, agitado em Hamburgo desde 1818. Rebate então os pareceres favoráveis de Eschwege e Langsdorff, antecipando-se negativamente à propaganda oficial do futuro Império, da qual sóra incumbido o bávaro Schaeffer, protegido da princesa Leopoldina.

Dêse ponto de vista, explica-se em parte a nenhuma simpatia com que encarou o ambiente, ao contrário de quem, como o reverendo Walsh, descreve o Rio sem propósito preconcebido; faltando-lhe também, comparado a Luccock, o trato prolongado que o comerciante inglês desenvolveu numa residência de dez anos.

Graças ao cunhado e com o apoio da legação prussiana, teve Leithold abertas as portas do campo diplomático. Recebido mais de uma vez pelo rei, « não logrou seu objetivo por não tolerar o calor, os mosquitos e o isolamento espiritual. Entendendo e amador da boa música — seu capítulo sobre os *castrati* da Capela Real e sobre a ópera italiana é seguramente o melhor —, também estranhou o desconforto e a pouca vida social, embora convidado a jantares e bailes no círculo estrangeiro, revelando-se observador curioso do luxo, sobretudo feminino, e até da vida galante, a que dedicou todo um capítulo.

Descontando-se o que há de preconceito, seu trabalho pode ser considerado um guia informativo, com indicação de preços e conselhos práticos, para uso dos estrangeiros, só lhe faltando os pertinentes mapas de ruas e da Guanabara que valorizam o livro do mesmo tipo de outro alemão (báltico): *Rio de Janeiro und seine Umgebungen in Briefen eines Rigacers*, descritivo da cidade nos primórdios da Independência.

O depoimento de Leithold sobre o general Hogendorp, por exemplo, é o mais objetivo de quantos apareceram — e não foi pouco o que se publicou no tempo sobre o fiel sequaz de Napoleão — sendo também dos que sabe fazer justiça a D. João VI. Não é apenas por deferência inata para com a realeza que sua pena amargurada se revela cortês. A inclusão do memorial (já traduzido e publicado pela primeira e única vez) do marquês de Loulé, como prova da magnanimidade real, obedeceria inconscientemente à solidariedade que lhe inspirou a carreira militar, igualmente infeliz, deste outro veterano da campanha da Rússia.

Com a inteireza de sua juventude e os antolhos de um exacerbado nacionalismo, Rango estava ainda menos apto a apreciar o meio e saiu deliberadamente a público com o objetivo de tudo deneguir para melhor servir ao seu proselitismo. Tratando-se de uma série quase hebdomadária de cartas ao mesmo extremado amigo, escritas no espaço de onze meses, sete dos quais passados no mar, metade do texto está recheado quase unicamente de dados náuticos e astronômicos que, se completam a narrativa de Leithold, não interessam ao propósito desta reedição e foram por isso omitidos. Entre os capítulos assim enxertados há um, contudo, interessante: a maneira de comerciar da praça do Rio de Janeiro, parte do material coligido pelo autor para um trabalho histórico estatístico que se propunha agregar ao seu *Diário* e que não apareceu, talvez por falta de editor.

Já a primeira parte, que saíra à sua custa em Bruxelas, tendo sido posta à venda em comissão por um livreiro de Leipzig (1821), reapareceu em 1832, com nova fôlha de rosto, em Ronneburg (Turingia) — o mesmo recheio, as mesmas estampas (uma mostrando o navio *Sophie* e outras duas de peixes, desenhadas por Rango) — devido, naturalmente ao encaixe da primeira tiragem. Tentava novamente a sorte, pois seu renome literário, como autor de vários trabalhos históricos e dramáticos, poderia assegurar-lhe maior safada.

É no prefácio e na conclusão que o poeta e teatrólogo extravasa o seu nacionalismo em imprecações à liberdade e às virtudes cívicas alemãs, tiradas que a era nazista voltaria a pôr de moda. Para melhor compreendê-las, não há que esquecer que as várias unidades germânicas haviam sido duramente humilhadas e inutiladas pelo despotismo de Napoleão, começando a sublevarem-se os patriotas desde 1809.

Se, de modo geral, as cartas sobre o Brasil não passam de rápidos flagrantes, alguns traços são saborosos e bem apanhados; assim o beija-mão em São Cristóvão, umas exéquias militares na igreja de São Francisco de Paula. Igualmente lê-se com prazer a descrição do cenário paisagístico numa excursão a Cabo Frio.

Pensa-se logo na obra de outro jovem, também artista, pois Rango na França chegou a pintar retratos para ganhar a vida, cuja estada no Rio é do mesmo ano e duração, o tenente Chamberlain: a do prussiano, filosófica e literária, po-

dendo-se até dizer doentamente cerebrina; a do inglês, simpaticizante, despretenciosa e ilustrada com pincel luminoso e luxo tipográfico, que só a liberalidade do pai, o bem remunerado cônsul-geral no Rio, poderia explicar.

A veemência de seus impulsos e o fracasso de suas tentativas como educador levaram-no a buscar no estrangeiro — ironia do destino — sua realização intelectual.

Das recordações de sua estada no Brasil extrai ainda uma novela *Tatania* — sobre uma colônia protestante alemã no rio São Francisco, em quatro pequenos volumes, publicados em 1838, outra raridade bibliográfica que nenhum dicionário brasileiro registra e só foi possível encontrar na Deutsche Staatsbibliothek e na biblioteca da Universidade de Berlim, apesar de reeditada em 1841 e 1850.

Trata-se de um romance em torno das aventuras de um alemão que se fez fazendeiro em Minas, nas cabeceiras do São Francisco, convertendo ao protestantismo sua mulher índia e a parentela que para elle trabalhava (1).

(1) Devo a informação acima à prestimosidade do Cônsul do Brasil em Munique, Sr. Mário Calábria, que localizou a referida novela e a feu.

Notas biográficas

JOH. GOTTF. THEODOR VON LEITHOLD (Potsdam, 1771; Berlim, 1826). Família de militares enobrecida pelo rei da Prússia em 1799. Tenente no Regimento de Hussardos von Schultz. Até 1803 estôve em guarnição na Silésia (Oels). Em 1804, transferido para o Regimento von Gockingk e depois para o da Guarda Real em Berlim. De 1806 a 1815 tomou parte ativa nas guerras napoleônicas, tendo feito a campanha da Rússia. Já não figura no Anuário do Exército de 1817. Reformado como capitão. Além do *Ausfucht*, publicou (Berlim) em 1821: *Meine Leben und Leiden Geschichte* (História de minha vida e dos meus sofrimentos) e *Mannigfaltigkeiten. Eine Wechschrift* (Variedades. Um semanário). *Apud Deutsche Staatsbibliothek* — Berlim.

Friedr. Ludwig von Rango (Berlim, 1794; Melun, 1861). Família de pequena nobreza da Pomerânia. Depois do divórcio da mãe (Auguste von Leithold), entrou para a Escola de Cadetes e serviu de pagem à Rainha Luísa. Alferes em 1810. Tomou parte nas campanhas de 1812 como tenente. Durante a guerra da Liberação (1813-15), foi ferido e condecorado, entrando em Paris com as tropas de ocupação, no posto de capitão. Rango, que já dera aulas na Escola Militar, funda em Berlim um estabelecimento de ensino, que depois transfere para Grima, sem êxito. Entrou para o serviço do príncipe Henrique de Reuss (1831) e em 1833 para o do príncipe Oto da Baviera, seguindo o futuro rei para a Grécia,

onde serviu como coronel no exército grego até 1836. Voltou à Alemanha onde tentou novamente o ensino. Alistou-se na *Légion Etrangère*, servindo na Argélia.

Em 1842, estabeleceu-se em Strasburg ensinando línguas e pintando retratos. Em 1849, passou-se para Offenburg, em Baden, onde foi surpreendido pela revolução. Ofereceu-se ao governo local, mas foi preso por se recusar a combater as forças prussianas invasoras que ocuparam a cidade, e, a seguir, por estas, como revolucionário. Desiludido, abandonou a Alemanha e foi novamente dar lições de línguas em Paris, conseguindo um posto de professor em Avalon e finalmente em Melun.

Poeta dramaturgo e romancista, sua obra publicada compreende: *Memoórias sobre a guerra e poesias* (1815), *Obras dramáticas* (2 vols., 1818); *Tatenia ou uma Colônia protestante no Rio São Francisco* (4 vols., 1838), reimpressa em 1841, e em 1850. *Apud Goedeke's Grundriss zur Geschichte der Deutschen Dichtung.*

Informações igualmente fornecidas
pelo Cônsul do Brasil em Munique.

MINHA
EXCURSÃO AO BRASIL
OU
VIAGEM DE BERLIM AO RIO DE JANEIRO
E
VOLTA,

Acompanhada de minuciosa descrição
dessa Capital, da vida na cõrte e dos seus
habitantes, bem como de alguns conselhos
para os que buscam melhorar sua sorte
no Brasil.

por

THEODOR V. LEITHOLD

*Capitão reformado do ex-Regimento Real
de Hussardas prussiana von Vietten*

Berlín, 1820
LIVRARIA MAURER
Poststrasse n.º 29

A SUA EXCELENCIA
o
TENENTE-GENERAL DO REINO DA PRUSSIA

VON KÖCKRITZ,

Cavalleiro dos Ordens da Águia Negra
e da Vermelha, etc.,
com

*tudo o apreço e gratidão,
dedica*

O AUTOR

Prefácio

O leitor não deve esperar uma explicação propriamente dita do objetivo deste relato, porque o mesmo resalta claramente do contexto e, muito menos, sua antecipação, uma vez que o que eu aqui disser já está tratado nos capítulos I e XXIX. O que me parece necessário porém, é pedir ao leitor que não espere deste livrinho mais do que me propus. Bem sei que não contém mais que fragmentos ou, melhor dito, materiais, em si insuficientes para a criação de um edificio, mas que poderão preencher muita lacuna.

Deixei minha pátria na sincera esperança de ver novamente levantar-se noutra horizonte minha estrela periclitante. A isto se prendem fatos em si indiferentes, de pouco ou nenhum interesse para o leitor, mas também seu verdadeiro propósito, que foi perseguir no Rio de Janeiro o objetivo da minha viagem, sem pensamento de volta e riosos ainda de publicar a descrição dessa cidade ou das minhas aventuras. Dal ter-me lá occupado unicamente daquilo que conduzisse a esse objetivo, deixando talvez de lado coisas que ao leitor estudioso teria sido de maior interesse.

Mesmo assim, estas poucas e desconexas observações sobre os quatro meses da minha permanência no Rio de Janeiro parecer-me-iam insuficientes para serem publicadas não fôsse o ter sido eu solicitado de muitos lados a mostrar a meus conterrâneos o Brasil à luz da verdade, já que eu mesmo, iludido, fui vítima do mal da emigração. Convencido de que estou fazendo uma boa ação, aqui registro conscienciosamente tudo

o que vi e ouvi de boa fonte. Recomendo também o livro aos que, ofuscados pelos louvores excessivos de tanto escritor e aventureiro, desejam procurar no Brasil a sua fortuna. Verão por experiência própria que minha apresentação nada tem de exagerado; ao contrário, concordarão em que também foram enganados. Pois aquêles autores que descrevem em cores brilhantes os maravilhosos insetos e plantas d'esse país, vêm com o mesmo entusiasmo a vida burguesa e econômica, quando justamente estas é que mostram os aspectos mais negativos — com exceção do comércio — e quem não levar capital apreciável, em vão tentará fortuna. Feliz será aquêle a quem as circunstâncias permitam emprender a viagem de volta, ao passo que o mais pobre, num país tão pouco propício aos alemães, terá que viver como um escravo, na miséria e no arrependimento, sentimentos que acabam por apalermá-lo.

Finalmente, rogo aos senhores críticos não sejam demasiado severos com um livrinho pensado e escrito por um simples oficial de husardos, que conta de antemão com a indulgência que um soldado lhes possa merecer.

TH. v. LEITHOLD.

I *A motivação da viagem. Ajuda de custo concedida pelo rei. Renúncia a qualquer pensão de meu país. Brillantes perspectivas. A partida de Berlim.*

CALAMITOSA ERA minha situação financeira, devido à guerra de 1806 e suas conseqüências; para melhorá-la de algum modo no futuro eu não via possibilidade, pois a má sorte vinha erigindo de espinhos até a minha carreira de oficial de hussardos. Aqui em tua terra não te sorri a fortuna, parecia aizer-me uma vez interior e, acreditando nela, ocupou-se minha fantasia unicamente em arquitetar planos num país longínquo. O Brasil, terra da promessa, cujos campos sempre verdes se abrem generosos aos descontentes e aos desamparados de outras regiões atraiu minha atenção; e, como muitos compatriotas, alemães do Norte e do Sul, principalmente suíços, para lá emigravam, resolvi também empreender viagem no ano de 1819.

Até então recebia do Estado uma pensão anual de 500 táleres (1), que cessaria quando aparecesse uma ocupação civil; pelo que pedi a Sua Magestade uma soma de 3 000 táleres para a execução de meus planos, a qual me foi graciosamente concedida. Em contrapartida renunciava não só à minha pensão como a quaisquer outros direitos, em vista dessa decisão.

Passé a respirar mais livremente, caíam-me as algemas da deprimente inatividade do que seria a melhor parte da minha existência. Sorria-me o futuro com brilhantes perspectivas. Não se tratava de um sonho de cavaleiro errante a construir castelos nas nuvens, sem base nem segurança. Não; o plano fôra bem amadurecido e o alicerce sôbre o qual eu ergueria meu edifício era o meu cunhado, encarregado de negócios de Portugal em Berlim (2). Mercê dos postos importantes que éle

(1) O táler prussiano equivalia ao escudo ou ao dólar, moeda cujo nome procede do alemão táler.

(2) Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1816), diplomata, publicista, jurista e economista de grande mérito e erudição. Foi secretário do conde da Barca, com quem viajou pela Alemanha entre 1800-1802, ficando em Berlim como encarregado de negócios. Foi ministro dos estrangeiros no último gabinete do Reino Unido.

ocupava na capital brasileira, onde granjeara pelo seu caráter e competência o afeto e o respeito geral, como pela confiança de que gozava junto ao rei, podia eu duvidar do bom resultado?

Arrumados meus negócios, despedi-me com melancólicos sentimentos de todos os que me eram caros e, a 20 de maio, acompanhado de um sobrinho, deixei Berlim, minha terra natal, piamente convencido de que nunca mais a ela voltaria.

II *Chegada a Hamburgo. Visita ao navio. Fratura da perna. O capitão. Restabelecimento. A cidade. Jungfernteig. O Alster. O Paço Municipal. A Bolsa. O pavilhão. Os muros. Carestia. Como recebem os estrangeiros. Arrogância. Quartos mobiliados. Visita de infelizes Vinhos falsificados. Os guardas-noturnos. Partida.*

NA SEGUNDA FEIRA, 23 de maio, chegava eu pela tarde a Hamburgo e, na manhã seguinte, dirigi-me ao navio que me levaria ao término da minha viagem. Era um três-mastros sob bandeira diramarquesa⁽³⁾; muito bem arranjado por dentro, era, por fora, na parte inferior, chapeado a cobre, o que lhe assegurava velocidade bem maior, pois nenhuma vegetação aquática adere ao casco. O camarote não só era decorado e mobiliado com gosto como tão espaçoso que seis passageiros podiam dormir à vontade em largos sofás laterais; não menos confortável e atraente era o camarote do capitão, destinado à minha filha segunda, de 19 anos, que eu ainda esperava de Berlim e me devia acompanhar na viagem.

O capitão, de nome Doormann, não se encontrava a bordo e eu queria muito, logo no primeiro dia, cumprimentá-lo e ter os necessários entendimentos para tudo determinar a tempo. O imediato ofereceu-se então para levar-me à sua

⁽³⁾ Hamburgo, cidade livre imperial e hanseática, constitua até 1806 um enclave dentro do Ducado de Schleswig-Holstein. Em princípios do século XIX, encontrava-se sob a soberania do rei da Dinamarca.

presença, de bote, em sua residência, que não ficava longe do navio Concordeí. Ao descer, por estar inundada a margem, tive que dar alguns passos sobre um tronco de árvore meio escavado e molhado. Escorreguei, perdi o equilíbrio e caí. Meu pé direito ficou preso no óco do tronco, quebrando-se à altura do tornozelo e produzindo-se um deslocamento. Fui logo levado pelos marinheiros à casa do capitão, que ficava a uns dez passos apenas, sendo recebido por ele e sua família com a maior antipathia, nessa infeliz circunstância. Chamaram imediatamente um cirurgião, que não somente me encanou o pé como fez a primeira atadura. Levou-me o capitão, a seguir, de carro para a cidade, a um hotel, no qual, em pequeno quarto, tive que passar estendido dois meses durante o forte do calor. Entrementes, chegava minha filha, a cujos cuidados e companhia devo o meu mais rápido restabelecimento.

Esta infelicidade, logo de saída, talvez tirasse a muitos a coragem, podendo ser interpretada como de mau agouro; não porém a mim, a quem só fez aumentar a impaciência por levantar-me da cama, servir-me dos pés e prosseguir viagem.

Apenas em condições de poder andar com uma bengala, visitei a cidade em companhia de minha filha. Ao lado de aspectos menos agradáveis, havia muitos outros atraentes, especialmente as belas e altas fachadas com janelas de vidro no Schweinmarkt. Também a boa pavimentação das ruas com lajes regulares, que são lavadas quase todos os dias, pelo menos as calçadas, merece registro. O JungferNSTeig é um belo passeio e bem freqüentado pelos hamburgueses. No Alsterbassin, contíguo, foram construídos dois pavilhões em que se pode tomar toda sorte de refrescos. O dito Alsterbassin forma um quadrilátero bastante grande por onde correm as águas do Alster para o Alster Exterior e daí vão para Bremen.

A grande sala do Paço Municipal, no primeiro andar, é imponente; também o são as salas do segundo, onde se extrai a loteria. A Bolsa tem belas peças e na sala de leitura encontram-se mil jornais em quase todas as línguas vivas, etc. O salão de baile no andar superior é alto e espaçoso, tendo em torno uma galeria para a música e para os curiosos. A sala do Tribunal de Comércio e as demais dependências estão apropriadamente instaladas e decoradas. Interessante é o aspecto que se goza do pavilhão sobre o Hamburger Berge, chamado Re-

creio, no Rio Elba, em frente ao qual estão sempre a passar os navios e barcos que chegam e saem. Ainda, numa rápida descrição da cidade, não devem ser esquecidos os muros de Hamburgo, porque constituem um de seus atrativos para os viajantes.

Em Hamburgo tudo é caro e por isso chamam-na de pequena Londres. Há muita gente rica, mas não serão tantos os felizes, pois tudo aqui gira em torno do dinheiro, como em toda cidade comercial em que o negociante é quem dá o tom. O forasteiro poderá ser amavelmente recebido se vier recomendar-lo, mas não sendo comerciante, ninguém d'êle se ocupa e poderá morrer de fome sem que se levante uma voz em seu auxílio. A este espírito comercial se junta certa arrogância de que eu mesmo tive um exemplo. Entre as cartas de apresentação trazidas de Berlim, duas eram para um comerciante de consideração, longinquamente aparentado comigo. Devido ao infeliz acidente que não me permitiu entregá-las pessoalmente, fi-lo saber por meio de um bilhete do meu estado e pedi a sua visita. O orgulhoso Herr N. N. apareceu e, vendo-me de cama, num hotel de segunda classe, em quarto pequeno e bem modesto, olhou em torno com espanto e perguntou-me, após sêco cumprimento: "O senhor é mesmo irmão da Senhora fulana?" Respondi-lhe lacônicamente que sim. Deixou êle mais um olhar surpreendido, lamentou *pro forma* meu acidente e excusou-se logo sob o pretexto de negócios que o chamavam à Bolsa. Depois dessa visita não mais apareceu nem voltou a pedir notícias minhas; e, como êste, vim a saber de outros casos. Nessa oportunidade, porém, fui largamente compensado pela bondade do cônsul-geral da Prússia, que eu nem conhecia.

Em Hamburgo o estrangeiro deve logo procurar quartos mobiliados, que custam por mês dois terços menos que os quartos de hotel. Logo que o pé me permitiu, fiz-me transportar para um daqueles, que são realmente baratos e bem mobiliados. Meu senhorio era o pintor Mittelstein, pessoa das mais respeitáveis, que aluga diversos quartos no Ellern Thorbrücke. Recomendando a todos, seu estabelecimento. Quando do meu regresso do Rio de Janeiro, estando os quartos todos ocupados, mudou-se para um quartinho do sótão, cedendo-me o seu, porque eu e minha filha não quisemos ir para um hotel.

Durante minha permanência em Hamburgo, infelizes vinham visitar me quase diariamente querendo que os levasse

para o Brasil; minhas finanças, contudo, não estavam em condições de fazer algo por elles (1).

Embora a Policia por muitos motivos mereça elogios, admire-me que as bodegas pudessem vender ao preço corrente de quatro xelins o quarto, vinhos francezes e Médoc falsificados, bebidas que devem ser altamente nocivas à saúde.

Mereciam ainda especificamente minha attenção os guardas-noturnos, gente que cumpre seu serviço, realmente pesado, com pontualidade e é bem equipada militarmente. Usam tricórnio e seu armamento consiste em sabre e fuzil. Quão diferentes são esses corpos noutras cidades mais importantes! Para um serviço como este só são recrutados soldados velhos ou inválidos, mais precisados de repouso do que em condições de velar pelo dos outros.

Dia a dia fui melhorando do pé, de modo que pudemos, eu, minha filha e um sobrinho, embarcar a 1.º de agosto no navio *Sophie*, dando inicio à viagem de Hamburgo para o Rio de Janeiro.

III *O embarque. Os companheiros de viagem. O custo da mesma. Refeições e bebidas. O serviço. Acomodação noturna. Focas, peixes-boadores e porcos-marinhos. Caravelas e golfinhos. A Madeira, Las Palmas. O Cabo Verde, Calmaria. A Linha. Divertimentos.*

A NOSSA SAÍDA de Hamburgo viamos de interessante, pela margem direita, o parque de Rainville, o de Blankenese — distante umas três horas — e vários outros pontos pelos quais passávamos apenas a poucas centenas de passos.

Depois de Cuxhaven, entramos no Mar do Norte e, a seguir, no Canal, onde pudemos ver Dover, o Condado de

(1) Um plano de emigração e tropéa havia sido submetido ao Correio *Braزيلense* em 1818 por certo professor de Hamburgo, J. C. Ehlers, e eram muitos os alemães de Württemberg e do Palatinado que agarravam occasião, em Hamburgo, para se juntarem aos suços de Cantagalo.

Sussex, a ilha de Wight, etc., a duas milhas de distância. Entre Dover e Calais, a largura do Canal dizem ser de cinco a seis millas somente. Bem ao longe via-se Calais, porque velejavamos mais perto da costa inglesa. Breve perdemos tudo de vista, chegando ao Oceano.

Éramos quatorze passageiros, dos quais sete acomodados no camarote e os demais no tombadilho inferior. Havia vários commerciantes, dois mestres carpinteiros com suas mulheres, um ex-tenente dinamarquês e alguns rapazes, que também iam tentar o futuro no Brasil.

Entre todos, só as duas mulheres dos carpinteiros enjoaram, e durante a viagem inteira, chegando quase esqueléticas; mas em quinze dias recuperaram o péso no Rio de Janeiro, parecendo mais saudáveis do que ao deixarem Hamburgo, o que vem provar que o enjôo, uma vez passado, é mais vantajoso para o corpo do que o nevoa.

Carla passageiro de camarote pagou pela viagem, incluída a comida, 200 pesos espanhóis, o que equivale em moeda prussiana a 500 táleres. Os outros pagaram a metade. As refeições no camarote eram bem melhores do que na coberta inferior. Durante a semana consistiam em almôndegas de toucinho e ameixas, ervilhas e feijão branco com porco salgado, batatas e ervilhas com carne defumada hamburguesa; aos domingos: sopa, galinha, pudim e farinha, manteiga e água, etc. De manhã, servia-se café com leite de cabra, mas parcimoniosamente; de noite, chá e *zwieback*, manteiga boa e queijo holandês. Vinho e rum, por conta própria. A água levada de Hamburgo em tonéis — a saigada não se pode beber, como é sabido — depois de filtrada, conserva-se tão fresca como se tivesse saído da fonte.

Os demais passageiros comiam a ração dos marinheiros: ervilhas, pudim, carne defumada ou salgada; batatas, só raramente e, como para os marujos, em quantidade limitada.

Reinava no navio muita ordem e limpeza. Os passageiros do camarote tinham a seu serviço dois grumetes, muito limpos de roupa e atentos.

Nossas camas eram os sofás do camarote, como já ficou dito. Somente o capitão dormia em rede, que fazia armar no camarote, à noite.

Durante toda a viagem nada vimos de especial senão focas, no Mar do Norte; no Oceano, peixes-voadores, porcos-marinhos

e caravelas (uma espécie de concha), muito bonitas estas e abundantes na costa de Portugal⁽³⁾. Os golfinhos, na uniforme extensão da água, são a principal atração, saltando atrás dos peixes-voadores que, quase sempre são apresados. Três destes peixes caíram sobre o navio e foram fritos pelos marinheiros; têm o tamanho de um arenque e quase o mesmo sabor. Voam em bandos, meio pé ou pouco mais acima da água, mas distâncias curtas. Com tempo bom parecem mais brincalhões e suas asas brilham ao sol. Os golfinhos são maiores do que as mais avantajadas das nossas carpas e seus belos tons reluzem com tempo claro. Os marinheiros tentaram harpoá-los, mas como o navio já pouco carregado, alto sobre a água, e o reflexo do cobre que o revestia afugenta os peixes, não puderam apanhar um só.

O tempo foi esplêndido durante toda a travessia. Passamos ao largo da Ilha da Madeira umas trinta milhas. Pudemos ver Las Palmas e, depois, à distância de três milhas, as Ilhas do Cabo Verde, arquipélago constituído por alta cadeia de montanhas. São administradas por um governador português que reside numa das ilhas.

Corremos um grave perigo em frente a elas. Contra o vento e depois das onze da noite a correnteza nos levava pouco a pouco contra uns rochedos escarpados, sem que pudéssemos ancorar. Temia também o capitão que os negros que as habitavam se aproximassem em suas canoas, a fim de nos roubar. Felizmente soprou uma brisa que permitiu ao timoneiro desviar-nos da perigosa aproximação.

Não senti sob o equador os grandes calores de que tanto falam os viajantes. Aqui, como também na latitude da Madeira, os que ainda não passaram a Linha pagam um tributo, que consiste em dar aos marinheiros um pequeno presente, segundo costume tradicional; do qual não escapam o próprio capitão, o piloto ou os membros da tripulação que a não tentam atravessado.

Do equador ao Rio de Janeiro contam-se 23 graus ou 345 milhas marítimas. Também ao sul da linha fica Santa Helena, a umas 150 milhas⁽⁴⁾.

(3) Também conhecidas pelo nome de *Nautia* ou cientificamente *Physalis Pelagica*. Ocorre, igualmente, em águas brasileiras.

(4) Estas cifras não são rigorosamente certas.

IV *Cadeia de montanhas. O Brasil. A baía. A cidadela. Polícia e comissão de Saúde. Oficiais da Alfândega. A vista do porto. O desembarque. A ocultada do ministro dinamarquês. A cena da cegada. Minha sobrinha Juana. Estranha aparição.*

A 7 DE OUTUBRO avistamos uma extensa e alta cadeia de montanhas. Que alegria! Era o Brasil. Esta cadeia estende-se do Rio Grande a Pernambuco, de Cabo Frio ao porto do Rio de Janeiro e continua abaixo até Buenos Aires [sic]. Quase perdíamos a entrada da barra, que fica meio escondida por estas altas montanhas. No dizer do capitão, teríamos tido então que navegar umas quatro semanas mais [sic].

No dia 8, ao meio-dia, felizmente descobrimos a entrada, que é indicada de um lado por alto penhasco parecido com um pão-de-açúcar, à direita do qual, penetramos na cadeia gigantesca. Aproximadamente uma hora depois, para felicidade de todos, entrávamos nessa romântica baía, depois de viajarmos 68 dias sem o menor acidente.

A entrada do porto é extremamente pitoresca; de ambos os lados avistam-se altos rochedos com palmeiras, conventos e risorhas casas de campo. Dura irei hora a passagem. Salvamos a primeira fortaleza, que nos respondeu. Ancoramos atrás dela. Daí se tem um belo panorama sobre parte da cidade e o porto propriamente dito, em que estavam fundeados numerosos navios mercantes, a capitânia e toda a frota portuguesa.

Apenas ancorados, veio ao nosso encontro, de outro forte situado em frente, um escaler, que trazia um oficial português com o fim de nos examinar, ao qual se seguiu outro maior com a Comissão de Saúde, composta de seis pessoas, para a verificação do estado sanitário de todos os que se encontravam a bordo. Ainda outro escaler trouxe os oficiais da Alfândega e quatro soldados que ficaram a bordo. Levantamos âncora, a seguir, e um pouco antes das oito horas chegamos ao porto propriamente dito, junto à cidade, ancorando a uns trezentos passos da mesma.

Ali fixei a vista prazadamente, uma vez mais, até onde ela alcançava, sobre as belezas naturais e confesso que minha pena não seria capaz de lhes fazer justiça, nem mesmo parcialmente. Até o nosso simpático capitão Doormann, que já velejou meio mundo e viu tantas enseadas bonitas, como São Tomás, por exemplo (7), mostrava-se transportado pela mágica visão.

Já passavam das oito da noite quando descermos à terra, para grande satisfação de todos. Eu me achava esfomeado. Quase todos os víveres haviam sido consumidos, e meu estômago delicado mal suportava o diário de carne salgada com ervilhas. A minha dieta dos últimos dias fora sopa de cevada ou de aveia, e, à noite, *zwieback* embabido em vinho quente.

Para chegarmos à casa de meu cunhado tivemos que andar meia légua através da cidade — eu ainda não de todo restabelecido do pé — por não haver no momento nenhum veículo disponível. O guarda-livros de um comerciante holandês prontificou-se amavelmente a conduzir nos, e, assim, com minha filha e sobrinho, conseguimos chegar até a casa, às dez horas. Batemos à porta, experimentamos o ferrólho, mas debalde; estava fechada; meu cunhado e família, ausentes; de dentro nos gritavam uns negros, em português, dando-nos a entender que sem ordem do patrão ninguém podia entrar. Que fazer? Tarde da noite, em terra estranha, sem falar a língua e conhecer os costumes, no meio da rua, extenuados e famintos! Como sair dessa situação? Pedi ao nosso guia que nos levasse a um hotel; êle sorriu e respondeu que teríamos de caminhar outra meia légua de volta. Senti calafrios. Talvez sob a impressão que sua resposta me havia causado, prontificou-se logo a nos levar a um amigo de meu cunhado, que morava a cem passos apenas e que certamente nos receberia de bom grado. Sem esperar por nossa decisão, afastou-se rapidamente, voltando pouco depois para conduzir-nos ao ministro dinamarquês, Dal Borgo d'Olinda (8) que, com efeito, nos recebeu amavelmente e nos fez jantar, atirando-nos nós ao mesmo quais lóbos famintos.

O ministro deu-se ao incômodo de ir umas poucas vezes, pessoalmente, à casa de meu cunhado para averiguar se a família não estaria de volta. Finalmente, apareceu meu cunhado em casa d'êle sozinho. A alegria do reencontro após treze anos

(7) São Tomás era então possessão dinamarquesa, a nacionalidade do navio.

(8) Dal Borgo di Primi. Daqui por diante, no texto, aparecerão corrigidos os nomes estrangeiros quase irremediavelmente estropeados pelo autor.

de separação foi indescritível. Queria êle que contivéssemos por uns minutos nossa impaciência, aguçada pela saudade, até que pudesse prever... sua mulher; minha irmã, da chegada de tão queridos parentes. Avisar a mãe da presença de meu sobrinho, filho de minha irmã, ficaria a meu cargo; mas, como esperar ainda depois de tantos anos? Corri então a vê-la, sem aguardar os preparativos de meu cunhado. Ela estava à janela com a filhinha de seis anos, já suspeitando que algo extraordinário devia haver ocorrido, pois não era comum que seu marido fôsse retido até tão tarde em casa do ministro. Passo por alto a cena da reunião com minha irmã e desta com seu filho, meu sobrinho porque só aquêles de meus leitores, unidos por laços estreitos e amorosos de família, podem avaliar o que significa ver-nos novamente aproximados, como por uma vara de condão, depois de tão longa separação.

Passadas as primeiras efusões, preparou-nos minha irmã pequena ceia, já perto de meia-noite, e, pôsto que houvéssemos comido poucas horas antes em casa do ministro Dal Borgo di Pruno, sentimos renovado o apetite para fazer honra ao assado frio com salada de repólho que ela nos apresentou. Uma hora mais tarde apareceu o ministro, que, tendo querido respeitar a cena de família, desejava também participar da alegria geral. Envergonhamo-nos não pouco de que nos visse, ao entrar, comendo com vontade quando acabávamos de ser tão bem tratados por êle; mas nossa fome era tal e o assado com salada tão tentador que sobrevivemos à nossa vergonha.

Foi um prazer especial conversar com minha pequena sobrinha Joana, de seis anos, que já falava quatro idiomas (português, inglês, francês e alemão), muito apreciada de todos pela sua beleza e inteligência. O ministro da Prússia, conde de Flemming, que frequentemente visita meu cunhado, está encantado com a menina. É pena que ela sofra da estranha consequência do que aconteceu à mãe, assustada uma vez por um raio. Sempre que ocorre uma tempestade mais forte ela cai em sono profundo, do qual só desperta depois de passada esta. A causa do estranho fenômeno foi a seguinte: três meses antes do seu nascimento caiu um raio sobre a casa fazendo com que a mãe desmaiasse. Desde então, tanto ela como a filha adormecem profundamente à aproximação de uma tempestade e durante o decurso dela.

V *O Rio de Janeiro. As casas. O Passeio Público. O Campo de Santana. O Largo do Rossio. A Praça do Palácio. Praças menores. As ruas. Iluminação. O Cateite. Botafogo. As igrejas. O Aqueduto.*

O RIO DE JANEIRO ocupa uma superfície que não é insignificante; suas ruas são quase tôdas estreitas. A maioria das casas é de um só pavimento e apenas uma janela, que, em muitas, é inteiramente de madeira, isto é, fechada por uma grade de trama apertada como as de nossos galinheiros ou pombais⁽⁹⁾. Também a porta exterior é provida de grade semelhante, que serve também de janela. Por essa porta entra-se na única e exígua peça da casa. Ao lado fica uma alcova menor e, para o quintal, atrás, a cozinha e mais um pequeno quarto, que tem, no telhado de grandes telhas de canal, uma janelinha de vidro por onde entra a luz.

As ditas casinhas não têm alicerces. As tábuas do soalho são pregadas em dormentes fixados, sem a mínima proteção, diretamente ao chão; é fácil imaginar, em consequência, os efeitos nocivos da umidade para a saúde, sobretudo na época das chuvas.

Agora estas casas térreas, há outras de dois, três e quatro pavimentos, com balcões de ferro ou de madeira; mas nelas também prevalece a mesma umidade, a ponto de não se poder deixar botas ou sapatos no segundo andar sem que se cubram em poucos dias de espessa camada de mofo; pela mesma razão, não se conservam bem os pianos, que existem, aliás, em grande número, mas em péssimas condições.

O único passeio para os habitantes da cidade é uma praça junto ao mar, cujo tamanho é a metade da nossa Gend'armes Platz. Pelo traçado aos canteiros, parece mais uma horta comum. É, aliás, muito pouco frequentada⁽¹⁰⁾.

(9) A Pallière no seu *Diário Intimo* confirma, com mais precisão de linguagem, que "les trois quarts des maisons à Rio de Janeiro sont sans vitre, mais elles ne sont pas sans toiles (réseaux), espèce de grille en bois" (Apud Almeida Prado, *Tomás Euler*, S. Paulo 1955, p. 273.)

(10) A descrição é tão sumária e deficiente que não dá idéa do que foi esse importante ornamento com que o vice-rei Vasconcelos dotou a cidade.

O Campo de Santana tem o dôbro, pelo menos, da dita *Gen'd'armes Platz*, só que circundado de casinhas modestas. De um lado, e não exatamente no meio, está um grande circo de madeira, onde se realizam as touradas; do outro lado, um grande jardim não sombreado e raramente visitado, em que há umas estátuas de madeira, pintadas. Dizem que este jardim pertence à princesa herdeira⁽¹¹⁾.

O Largo do Rossio⁽¹²⁾ tem quase o tamanho da *Gen'd'armes Platz*. As casas que a circundam são poucas, mas boas. A melhor, de dois andares, fica numa esquina e está contruída ao gosto chinês, pertencendo a um rico particular, o conde do Rio Sêco⁽¹³⁾. Do outro lado está o grande Teatro Nacional, de alvenaria. No centro, ergue-se bela coluna de arenito, cujo capitel tem seis ganchos de ferro, onde não pendurados os retratos dos fidalgos condenados como traidores da pátria⁽¹⁴⁾.

O Largo do Palácio dá para o mar e é realmente uma bela praça. Lá se encontra o magnífico chafariz, onde a maioria dos capitães de navios se abastecem da água que precisam em viagem. O palácio tem apenas dois andares, muito simples de estilo e com um m'nimo de ornatos⁽¹⁵⁾.

Uma praça menor, ao lado do teatro, só merece atenção por causa da igreja de São Francisco de Paula e do grande hospital que está sendo construído junto, local impróprio por estar no centro da cidade e que por isso desagrada a todos.

Além dessas praças principais, existem outras menores que nada apresentam de especial, daí não merecerem, aqui, referência.

As ruas, como já ficou dito, na maioria estreitas, são às vezes bem pavimentadas e supridas de calçadas. As sarjetas

(11) A mais exata representação do Campo é a que nos deixou Franz Fröhbeck (*Brazilian Journey*, Filadélfia, 1900, estampa n.º 11) artista vienense que veio com D.ª Leopoldi a em 817. Nela se vê o que Leithold chama erroneamente de jardim da Princesa, construído para a aclamação de D. João VI. Mostra a Praça do Curro em construção, que realmente não ficava bem ao centro e, finalmente, confirma a modestia das construções que a cercavam.

(12) Lampadosa, depois Consolidação e hoje Praça Tiradentes, que Leithold apelidou em francês *Place de Russie*, enjivoco onomatopaico resultante de um ouvido ainda não apurado.

(13) Depois Cassino Fluminense, hoje repartição da Polícia (vide Th. Ender: *Theater Platz, Palais etc. do Rio Sêco*, S. Paulo, 1935).

(14) O Pelourinho, também ilustrado por Ender, que nos deixou o melhor desenho do teatro.

(15) Desenhado ou temporaneamente por Fröhbeck, Delbet, Ender, etc.

correm pelo meio, como em Paris. Algumas são bem compridas, e como de cada lado as casinhas baixas formam paralelas a aparência é bem agradável. A iluminação noturna da cidade satisfaz e tudo o que se refere à mesma está instalado de maneira muito funcional.

A cidade não têm portas, mas aprazíveis arrabaldes, que lhe dão considerável extensão. O Catete, onde moram meu cunhado e vários ministros e cônsules estrangeiros, é um bairro bem mais saudável do que o centro e consiste numa única rua, larga e não pavimentada, que conduz a uma encantadora enseada, distante apenas um quarto de hora, toda rodeada de montanhas e de agradáveis chácaras habitadas por ingleses. Também a rainha ali possui uma casa de campo chamada Laranjeiras⁽¹⁶⁾.

O Catete costuma ser concorrido aos domingos, quando ocorrem numerosos pedestres, cavaleiros e carros; também o rei e a família real por aí passam quase diariamente para ir à Enseada e de lá voltar, já que os caminhos interiores são estreitos e incômodos.

O Rio de Janeiro possui poucas igrejas. Além da Capela Real e das de São Francisco de Paula e da Glória, agradávelmente situada sobre empinada colina, junto ao mar, quando se vai da cidade para o Catete, há outras menores que não vi⁽¹⁷⁾. No Catete encontram-se capelas privadas em algumas casas, como por exemplo na do almirante conde de Viana, etc., em que se diz missa e às quais assistem os vizinhos com toda a criadagem.

O soberbo aqueducto da cidade chama a atenção de todos os forasteiros. Sobre vários chafarizes, elegantemente construídos de pedra, sobre degraus, ornamentados com estátuas no gênero dos de Paris.

(16) O autor deve estar fazendo confusão com a outra casa em que a rainha também morou, na esquina da rua das Laranjeiras.

(17) Sua memória o enganou. A Candelária ficou esquecida.

VI *O teatro. Representações em português. Ópera italiana. Demoiselle Faschiotti. Madame Sabini. O tenor. A orquestra. O flautista e o violoncelista. Bailetos. O diretor. Madame Toussaint. Espanhóis. Uma mulata. O empresário teatral.*

O THEATRO DO RIO DE JANEIRO está no Largo do Rossio. É quase do tamanho da nossa Ópera, mas não tão largo. Realizam-se ali umas quatro ou cinco representações por semana, que variam entre comédias, dramas e tragédias em português, e óperas italianas acompanhadas de bailados. Os espetáculos em português são pouco concorridos. Só assisti a um, mas como não entendia a língua, não posso dar opinião, contudo, notei que falavam monótonamente.

As óperas italianas representam-se de maneira tócia especial. Assim, por exemplo, durante minha estada, foi levada muitas vezes a ópera *Tancredo*, mas eu mal a reconheci de tão mutilada e estroviada por uma péssima orquestra. Demoiselle Faschiotti, irmã de um dos *castrati* da Capela Real, e Madame Sabini cantam passavelmente, sobretudo ajudadas pelos seus dotes físicos.

Madame Sabini, pequena, atraente e muito viva, de olhos ardentes, quais os de Madame Catalani⁽¹⁸⁾, desempenhava o papel de Tancredo. Cantou o recitativo *O Patria dolce* com tanto sentimento, causando-me tal impressão, que eu tive que deixar a sala por não poder conter as lágrimas.

A ópera italiana *Gaccia di Henrico quarto*, com Demoiselle Faschiotti no papel de Marietta, foi também levada muitas vezes. Tem ela dezoito anos, bela presença e muitas condições para ser boa cantora, as quais sob a direção do irmão sabe vantajosamente cultivar. Como atriz, falta-lhe ainda desenvoltura.

(18) Angelica Catalani (1779-1849). Famosa cantora lírica.

Um tenor, cujo nome esqueci⁽¹⁹⁾, canta razoavelmente e tem boa aparência, mas é de uma magreza como nunca vi em outro homem. Muito afetado e de uma vivacidade bem francesa, dizem ser o favorito das damas do Rio de Janeiro. Estes três são os principais componentes da ópera italiana.

A orquestra é muito reduzida em número, numa palavra, miserável, apenas um flautista, francês, e um violoncelista chamaram-me a atenção. Os violinistas, então, são abaixo da crítica. O violoncelista executou uma ária do *Tancredo* e um adágio, sôzinho, com tal emotividade e expressão que, sem exagero, acreditei estar ouvindo o maestro Romberg. Informando-me sobre este homem, viam a saber que é meio demente. Ouvi-o a seguir, muitas vezes, e sua atuação inspirada pareceu-me, nas tristes circunstâncias, tanto mais comovente.

Os bailarões não são maus. Como em Paris, o público, aqui, sempre numeroso, os aprecia entusiasticamente. Cada aparição do solista e das dançarinas é aplaudida, o que acontece também com os cantores do lírico, aplausos esses que são tôdas as vezes reverentemente agradecidos.

Os organizadores do *ballet* são franceses: certo Toussaint e sua mulher, do teatro Porte St. Martin, de Paris, e certo Lacombe, também de Paris, igualmente casado, sendo este último o respectivo diretor. Apresenta n'êles grandes espetáculos, como a *Morte de Pirro*, *Paulo e Virginia*, etc., e também bailados cômicos. Dão-se em geral muito trabalho e ainda ensinam os filhos e filhas dos ricos fidalgos, de modo que ganharia bom dinheiro e fariam fortuna, que é o que pretendem, para voltar à França com suas economias⁽²⁰⁾.

Assisti a um ensaio que teve lugar à uma hora da tarde, saindo convencido dos esforços e resultados destes dirigentes, podendo atestar que fariam honra aos mais exigentes palcos

(19) O conhecido tenor Capranica

(20) O casal Augusto Toussaint, segundo o *Registvo de Estrangeiros*, chegou em 1815 e partiu para o Havre em 1821.

O casal Luis Lacombe chegou ao Rio em 1811, ano em que anuncia autas particulares de danças "próprias de sociedade". Não só ficou, como vieram juntar-se-lhe posteriormente três irmãos, que tiveram descendentes dedicados ao comércio e, na geração atual, à educação, em nível superior e internacional.

Os q'tro irmãos Lacombe todos dançarinos (Joseph Louis Antoine, Madrid 1786, Rio 1835; Laurent, 1787, 1839; Louis, Marselha 1791 e Francisco Manuel, Itália) eram filhos de Louis Lacombe (Besançon 1756, Lisboa 1806) - Maria Jodes, espanhola.

da Europa. Ao final do mesmo, os senhores Toussaint e Lacombe suavam de tal maneira como se lhes tivessem fogado em cima um balde de água. Perguntando-lhes eu se isso não lhes fazia mal à saúde, responderam-me que até agora nenhum, pois logo vestiam roupa quente e evitavam correntezas.

Madame Toussaint é uma bela mulher, algo forte; andou exposta, ao que dizem, a grandes tentações nos primeiros tempos de sua chegada de Paris — a família já está no Rio de Janeiro faz cinco anos — mas logrou felizmente superá-las e vive retuada com seu marido e muito feliz, o que lhe valeu o bom conceito de que goza na capital, mesmo entre aqueles que intentaram manchar sua reputação.

Além dos franceses, há também espanhóis e uma mulata engajados nos bailados. O jovem espanhol e sua irmã dançam satisfatoriamente, mas a mulata, a quem são às vezes entregues partes de solo, graças às suas formas atraentes, agitou-se como se fosse mordida por uma tarântula.

O empresário do teatro é um mulato que teria sido antes barbeiro⁽²¹⁾ e conseguiu enriquecer nessa atividade. Os camarotes foram todos vendidos com antecipação⁽²²⁾ e, nos grandes dias de ópera ou bailados, a casa está sempre cheia.

VII *Touradas pelo aniversário da princesa real. Na apresentação. O boneco de pau. Touradas espanholas, as genuínas.*

Entre as diversões públicas contam-se também as touradas. O circo onde elas se realizam acha-se no Campo de Santana. Por ocasião do aniversário da princesa real, se não me engano, assisti a esse curioso espetáculo, unico, aliás, verificado durante minha permanência no Rio. Foi o mesmo abaixo de tudo:

(21) O diretor do Real Teatro de São João, inaugurado em 1815, era o músico Bernardo José de Sousa e Queirós. O cabeleireiro do conde de Resende, a que se refere Leithold, foi o muito famoso José de Almeida que teve a iniciativa de construir a nova casa, recorrendo ao expediente de lotarias.

(22) Em camarotes cativos, isto é, comprados pelos assistentes antes da construção.

portuguêses, brasileiros, mulatos e negros vaiaram-no de principio a fim. Um tourinho magro, cuja ira alguns figurantes paramentados procuravam em vão provocar com suas capas vermelhas, permanencia fleugmático e, quando parecia uma vez que outra disposto a investir logo pulavam êles assustados a barreira que os separa do público e eram recebidos com assobios e cascas de laranja.

Outro combatente entrou montado num cavalo pintado, fingindo de cavaleiro, e atacou o touro com lanças, atingindo-o uma vez no pescoço; mas nada, o animal não se mexia, o que não aconteceu com os espectadores, que começaram a gritar e a vaiar com ta' insistência que teve de ser substituído, entrando outro na arena; tampouco o segundo quis enfurecer-se, e, depois de infrutíferas tentativas, terminou o espetáculo entre risadas e pateadas, o qual rendeu 6000 *talers* ao organizador.

Haviam colocado no meio da praça uma figura de madeira, de tamanho natural, envolta em manto escarlata, fixada a uma esfera vermelha. Contra êste reluzente e denodado cavaleiro, precipitou-se o touro, jogando-o ao chão cada vez que o mesmo se reerguia (23). Foi em verdade o que houve de mais divertido e do agrado do público.

Os camarotes haviam sido todos vendidos a preços altos e as arquibancadas acomodavam incrível multidão de tôdas as classes.

Que esta suposta tourada não passou de hídrica imitação do que são as espanholas, transcrevo a descrição de uma delas, extraída de *Quadros de Madri* (24), a fim de ressaltar o contraste e, ao mesmo tempo, dar uma idéja ao leitor do que devem ser... (25)

(23) Tratava-se evidentemente do bocado que conhecemos pelo nome de *Jodo Paulino*.

(24) C. A. Fischer, Berlin, 1802, p. 545 e segs. (Nota do autor.)

(25) Seguem-se sete páginas de texto cujo inclusão mal se justifica, dado o objetivo desta tradução.

VII-A *Os Correios. O telégrafo. As vendas. Os mercados. Comestíveis: carne, legumes, frutas, oves, peixes, arroz.*

CORREIOS PARA O INTERIOR DO PAÍS, fora das Minas, se não me engano, são aqui inexistentes⁽²⁶⁾. As distâncias da capital para as demais províncias ou capitánias são tão grandes e as estradas tão más que difficilmente se poderia pensar em introduzi-los. A correspondência segue por via marítima. Os pequenos navios que ligam os diversos portos do Brasil levam os sacos postais para os pontos principais nas capitánias, onde não havendo entrega a domicílio, cada qual tem que ir ao Correio buscar suas cartas. Nas condições atuais de comércio intenso ao longo da costa e com a Europa, seria desejável que se pusesse mais ordem nesse serviço, a fim de melhorar o intercâmbio comercial e as comunicações.

Num dos morros da cidade existe um telégrafo, que se comunica, creio eu, com Pernambuco⁽²⁷⁾.

Uma curiosidade da capital é o grande número de lojas de vitualhas ou Vendas, como aqui são chamadas. Não há rua, travessa, mesmo num raio de cinco ou seis horas em torno da cidade, que não tenha a sua venda a pouca distância uma das outras. Este modo tão generalizado de comércio a varejo provém do comodismo, direi antes, da imprevidência com que as portuguezas praticam sua economia doméstica, comprando só o que pode ser levado às costas e sempre em pequena quantidade. O maior defeito que exalaram essas vendas, sempre repletas de escravos bêbedos, é inseparável. Nelas se pode comprar carne de porco, banha, velas, cerveja, azeite, vinagre e outros mantimentos. Tais vendas, via de regra, pertencem a algum particular rico, que as aluga, empreita ou nelas mantém um preposto para se ocupar do negócio e lhe

(26) Ignora Leitão'd o que refere Lutcock a respeito, bem como as últimas providências para me" orá-los, constantes da obra do padre "Pereira".

(27) Isto é, do morro do Catulo com o Cabo Frio, mediante sinais sematôcos.

presta contas. É fácil imaginar o que rendem aos donos, quando as vemos diâriamente repletas.

Também há mercados e n' que se compram t'oda sorte de gêneros. Especialmente interessantes são os de animais e frutas. Nos primeiros vendem-se macacos de quatro a seis t'âleres, papagaios, de quatro a dez e outras aves, grandes e pequenas, a preços diversos; nos segundos atraem nossa at'enção os abacaxis, as bananas, os mamões, as laranjas e outras frutas tropicais. A l'enha não é vendida e distribuída, como entre nós, por fornecedores especializados, mas pelas quitandas e aos molhos, para as necessidades do dia, carregada por escravos. Assim, vemos os cozinheiros das melhores casas voltarem do mercado seguidos de um escravo, que leva, além da cesta de mantimentos, seu feixe de l'enha.

Os principais alimentos, os mais essenciais, vêm de lugares remotos, por exemplo: a farinha de trigo, dos Estados Unidos e especialmente de Valparaíso⁽²⁸⁾; a manteiga e as batatas, da Inglaterra, artigos esses aqui muito caros. As cebolas vêm de Portugal; o vinho, da França, da Espanha, de Portugal ou da Ilha da Madeira, etc. A melhor carne no Rio de Janeiro é a de porco, não tão branca nem tão gorda quanto a nossa, contudo excelente e saborosa. A carne de boi é má; vem do interior, sendo muito magra, porque os animais vêm mal alimentados pelo caminho. A escassa grama, entre os roc'edos, seca quase t'oda com o calor. Aos legumes falta vigor e substância; não têm gosto e nem de longe poderão ser comparados aos europeus. Assim, por exemplo, a ervilha e as lavas não têm sabor e, depois de cortadas e cozidas, têm o gosto de feno ressecado, o que se explica pelo crescimento demasiado rápido da vegetação.

As boas frutas europeias faltam de todo; limões propriamente não vê, salvo, uma variedade rústica (*Malus Limoniæ*)⁽²⁹⁾, amarga e desagradável, como, de resto, t'odas as frutas nativas ou cultivadas têm aqui um gosto algo medicinal. Os pepinos são muito bons e também os mamões. As uvas são colhidas e vendidas verdes porque não resistem ao calor continuado; é raro comerem-se maduras. Laranjas há em quantidade, quatro ou cinco por um vintém, mas não são

(28) O autor quererá dizer do Rio da Prata.

(29) Limão-da-terra.

igualmente bons o ano inteiro e perdem seu sabor doce e agradável, ao passo que as da Bahia, mais perto do equador, são sempre gostosas. Também há muito no Rio de Janeiro umas laraujas verdes, de casca grossa, de que não se deve abusar porque resfriam o intestino. Comem-se em geral com pão francês, o qual fora a farinha dos escravos, é o único que se encontra aqui. São, aliás, numerosos os padeiros franceses, já estabelecidos há vários anos, todos remediados, alguns mesmo ricos. Segundo os cálculos que fizemos, o capitão e eu, esse pão francês, no tamanho usual em que é cozido na França e em Hamburgo, custa o dôbro do de lá.

Os abacaxis também abundam e medem, uns pelos outros, um pé de comprimento, custando por unidade quatro a cinco dos nossos *groschen*. Quando se come umas poucas fatias provocam perturbações no sangue. São geralmente comidos em *beignet* ou como torta de maçãs, sendo então muito gostosos.

As bananas são uma fruta nativa da forma de um figo, de gosto algo parecido com a maçã (*sic*) mas com um sabor a remédio, que desaparece em parte, quando preparadas em *beignet*. De modo geral não se pode contar aqui com gêneros bons e fortificantes. O leite, de vacas cansadas e semi-esforçadas, é péssimo. Os queijos de Minas têm o tamanho e a forma do holandês, mas são secos e lembram o de cabra. Os frangos pernaltas, de aspecto miserável por causa da nutrição, assim mesmo custam uma pataca ou doze *groschen* do nosso dinheiro, os maiores, duas ou três patacas. Perus, galos e patos também há, mas exageradamente caros como os demais plúmiferos.

Os peixes abundam, mas não parece que sejam apreciados, pois poucas vêzes os vi à mesa; para meu gosto são demasiado moles.

Ostras existem também, mas péssimas. Encontram-se os bancos de ostras nos pequenos rochedos de granito.

O arroz é muito barato e, como prato português, altamente apreciado.

VIII *As casas de pasto. Os cafés. Limonada e laranja-da. A cerveja. Móscas nos Cafés. O vinho Sêde e apetite. Casas de aluguel. Quartos mobiliados. Seges de aluguel. Inalação. Cavatos de aluguel. A equitação nos Minas. Estatura e peculiaridades dos cavatos. As mulas.*

ALÉM DOS MUITOS RESTAURANTES PORTUGUESES, que são chamados "casas de pasto", há dois, franceses, nos quais se come bastante bem, mas que também sabem se fazer pagar. Anos atrás, contaram-me, ganhava-se muito, mas agora não mais trabalhavam com lucro.

Nos Cafés, uma porção de qualidade inferior custa quatro viniéns. Consiste elle de uma cafeteira de tamanho regular, servida com açúcar não refinado, leite, que mais parece água, e pão francês com manteiga um tanto rançosa, de procedência inglesa. Nesses Cafés também vendem limonada não dos limões verdadeiros, mas da outra espécie. É uma bebida indifferente como a laranja-da, que logo azeda com o calor. A chamada cerveja *porter* que se consegue aqui, vem da Suécia, custando a garrafinha uma pataca. Seria ótima, se a longa viagem não lhe desse um gosto azédo. O preço dessa cerveja é bastante alto.

Devido ás nuvens de móscas que se encontram nos Cafés, nenhum estrangeiro pode nelles demorar-se. Mais familiarizados com esses insetos, os brasileiros suportam-lhes melhor o incômodo; pelo visto estão conformados com sua presença diária, entra ano sai ano, ao passo que entre nós ellas só apparecem mais numerosas nos verões quentes e tratamos por todos os meios de lhes evitar o zumbido e as picadas. Existem também Cafés com bilhares, mas nunca os frequentei.

O vinho mais barato custa meia pataca a garrafa. Chamam-no vinho de Lisboa e é bem razoável; uma espécie de vinho verde que vem de Portugal. Bebia-o todos os dias misturado com água. Os demais são demasiado quentes e além disso caros.

Pode-se beber do vinho leve português em quantidade, sem inconveniente para a saúde. Aqui não se toma água sem misturá-la com um pouco de vinho, rum ou outra bebida; senão faz mal. Lembro-me de que certa vez, almoçando com um amigo, bebemos três garrafas dêsse vinho em cinco de água sem o menor efeito para a saúde. O constante e intenso calor exige muito líquido porque o corpo está sempre a transpirar. Nem por isso o apetite é menor e, com voracidade, volta-se a comer poucas horas depois de uma refeição.

Os alugué's aqui são extravagantemente altos. Uma casa bem modesta, das que eu antes descrevi, custa por mês e sem móveis de 11 a 15 mil-réis, ao redor de 24 *talers* prussianos. Quando uma casa fica vazia e querem alugá-la, coloca-se à porta uma lôha branca de papel, que indica estar ela disponível. Os pretendentes informam-se junto dos vizinhos sobre o nome e o endereço do proprietário. Assinado o contrato, que exige duas testemunhas, recebe-se a chave e faz-se na casa o que bem se entende, como se fosse própria. O senhorio nada mais tem a dizer. As casas maiores são proporcionalmente mais caras do que em Berlim. Quartos mobiliados são poucos e ainda por cima caros e maus. Morei dois meses na rua do Ouvidor em casa do *restaurateur* Pharoux⁽³⁰⁾ e por um quarto mau, com marquesa, uma mesa e três cadeiras, iluminado somente pelo vidro da porta, pagava dez *talers* prussianos. Um francês de nome Armand, que conheci em Königsberg (Prússia) e vim rever inesperadamente aqui na Capela Real, tinha alugado, em casa de um costureiro de sua nacionalidade, simples compartimento separado por um tabique de pino ou melhor, de gaze, como nas nossas despensas e, por essa miserável alcova, constando de marquesa, mesa e cadeira, tinha que pagar os mesmos dez *talers* mensais.

Os fiacres de aluguel ou as chamadas *seges*⁽³¹⁾ curram preços absurdos. Devem ser tomados de véspera, pelo dia

(30) Louis Dominique Pharoux (Paris 1791-1869) — Soldado da Grande Armée. Abriu em 1817 uma "casa de pasto" à r. 7 do Ouvidor, 174. Partiu para Valparaíso em 1822. Regressou da Europa em 1836, instalando um hotel na rua da Quitanda, 44, e finalmente mudou-se em 1837 para os n.ºs 3 e 5 da rua Fresta de D. Manuel. Construiu o cas que até hoje conserva o seu nome. Foi o apogeu do Hotel Pharoux cuja propriedade ele passou em 1838, regressando à França em 1861. (Apud, Enéas Martins Revista Senhor, outubro 1962.)

(31) Joaquim Cândido Guilhobel deixou-nos uma aquarela dessa sege, criada da por C. Arabellain na estampa intitulada: "The Seje, or Chege, and Cadeir".

todo ou meio dia, não se conseguindo alugá-los por prazos mais curtos. São carros de duas rodas, pequenos, semicobertos e forrados, por dentro, de couro vermelho ou verde e tão estreitos que mal podem nêles sentar-se duas pessoas. Duas cortinas de couro protegem pela frente contra a chuva e de cada lado há uma janela de correr, que deixa ao menos respirar nas horas de calor. Duas mulas magras, uma delas montada por um boleeiro quase sempre embriagado, puxam esse veículo, que mais se assevelha aos carrinhos de feira, atrelados a nêscacos ou cães e que andam as voltas, conduzidos por italianos, em barracas especiais, nas grandes cidades alemãs e francesas para diversão das crianças e da plebe.

Por um desses meios de transporte, dos quais também se servem os príncipes fidalgos e os camaristas que acompanham o séquito real, paga-se, compreendida a gorgeta, por um dia inteiro — das sete da manhã à meia noite — dez *talers*, e por meio dia — das sete da manhã às doze horas ou das duas da tarde às doze da noite — seis *talers*. Se o carro se detém mais tempo, no teatro por exemplo, desatrela o boleeiro os animais, levando-os para trás do carro, a fim de livrá-los da pressão dos varais. Quando há que alimentá-los, param o carro em qualquer lugar, desatrelam as mulas, abrem a portinhola e, levantado o tampo do legau em que é guardado o milho, deixam-nas comer à vontade, o que constitui uma cena curiosa para o forasteiro. As vêzes há um segundo boleeiro, que leva uma tocha e exige uma gorgeta suplementar de duas patacas.

A iluminação das ruas à noite, com as ditas tochas, constitui uma necessidade, porque, mesmo no verão, já é escuro às oito e, nas ocasiões de beija-mão, os esbarrões no tráfego são comuns devido à aglomeração e ao movimento. Nesses pequenos carros anda-se, aliás, com conforto e segurança. Embora o condutor nem sempre esteja sóbrio, sua agilidade é tal que raramente ocorrem acidentes; direi mesmo que os cocheiros do cabriolé parisiense não lhe levam vantagem.

Sendo o aluguel destas seges, em número aliás apreciável, muito alto, existem ainda dois carros maiores e cobertos, que podem levar seis pessoas, pagando cada uma apenas três patacas ou $1\frac{1}{2}$ *talers*. São forrados de couro por dentro e puxados a quatro mulas. Três pessoas sentam-se cômodamente atrás e três vão de costas.

Tais conduções saem todos os dias para São Cristóvão. Há que reter os lugares de véspera, pagando adiantadamente três patacas. A partida é às quatro da tarde. Em certos dias de audiências vão primeiro à casa do ministro de Estado, Tomás Antônio⁽³²⁾, além de Catumbi. O ministro dá audiência prévia até às seis horas aos que se dirigem ao beija-mão real, de onde continuam para São Cristóvão — mais meia hora — cerimônia que começa às oito horas. Disseram-me que essa empresa de transporte é dirigida por clérigos, que ganham bom dinheiro e sabem afastar por todos os modos quem pretenda do Governo uma licença para introduzir no país serviço mais consentâneo e muito mais barato, como o das diligências em Berlim. Um bom transporte seria aqui muito de desejar, dado o afastado dos bairros e visto ser inconveniente à saúde andar de mais a pé, como descobri por experiência própria ao ter, por economia, que carumbar hora e meia mais de uma vez para ir até meu cunhado, durante o dia, no Catete. Em pleno calor, sem guarda-sol, que é costume usar-se aqui, chegava tão fatigado que era obrigado a descansar meia hora numa marquesa.

No calor do meio-dia, deve-se tomar todo o cuidado em não descobrir a cabeça, por ser fácil apanhar uma insolação, que, na opinião dos médicos locais, não tem cura, caindo-se numa espécie de demência que só desaparece com a morte.

O aluguel de cavalos é relativamente tão caro quanto o das segas e também devem ser tomados por meio dia ou dia inteiro. Tive que pagar quatro patacas ou dois *talers* por meio dia. Provenientes do interior, são bons e não muito grandes — mais ou menos como os cavalos polacos — mas bem proporcionados, sobretudo dos quadris. Um cavalo nôvo e forte custa doze, quinze e até vinte *louis d'or*. Comem milho e capim (uma grama alta como o junco), que são muito caros. Apesar do custo da manutenção, todo mundo tem seu cavalo. Os alfaiates, por exemplo, visitam os fregueses a cavalo e levam um negrinho de dez a doze anos trazendo à cabeça um amarrado, monta-lo na garupa, junto à cauda do animal. Quando o patrão trota, trotam eles também, o que é uma cena do mais alto cômico.

(32) Tomás Antônio de Vilanova Portugal (1754-1839), ministro assistente no despacho (1817-1821) e que acabou ganhando todos os pastas. Thomas Euler (*O velho Rio de Janeiro*, 1936, p. 126) desenhou a casa. Devo ficar no começo da estrada de Mata Preta (rua Frei Caneca).

A propósito de cavalos, vale a pena reproduzir textualmente aqui o que Herr von Eschwege diz no seu *Reise Journal* (p. 120 e seguintes) sobre a equitação em Minas, por também se aplicar ao Rio de Janeiro e eu não poder fazê-lo melhor ou mais cabalmente:

Dois filhos crescidos exercem o officio de alfaiate e praticavam a arte de montar sob as vistas do pai, que teria sido, como me disseram, o melhor cavalleiro das Minas. Tinha ête belos cavalos, dos quais alguns já bem amestrados.

A equitação é, em suma, a paixão dos mineiros e raramente se encontra uma propriedade em que não haja quem entenda de cavalos. A barateza dos meios, sua fácil manutenção, as grandes distancias de um lugar para outro e as festas religiosas em que organizam cavalhadas, tudo faz com que cada um, e mesmo as mulheres, saibam montar e lidar com cavalos desde a infancia, constituindo essas competições um incentivo a bem montar e a brilhar.

O defeito principal desses co-alleiros é descuidarem quase sempre a parte traseira dos animais. Trabalham-nos com a única preocupação de erguer a dianteira e realçar a cabeça. Pouco se lhes dá — já que lentamente não se percebe — que ao levantarem o peito rebaixam a garupa, dobrando as articulações das patas traseiras, o que obriga o cavallo chucio, não previamente adestrado a essa flexão, a afastá-las uma da outra, com o desastrose effeito de vermos uma traseira arriada seguir uma frente sobre-treça e elegante.

A arte do cavalleiro consiste em reunir a alta escola à andadura espanhola. Quanto mais alto atira o cavallo suas patas, tanto mais apreciado é. Alguns chegam ao extremo de tocarem com as ferraduras os estribos do cavalleiro, que os usam aqui estirados⁽³³⁾. Busem se fosse exagerado o engimento das patas mediante ferraduras pesadas, anéis de madeira presos ás articulações inferiores e batendo as pernas com uma vara enquanto estão montados; também deixam crescer desmedidamente os cascos, o que produz igualmente bom resultado.

Com frequencia montam garanhões, que são bem menos fogosos que os nossos, europeus, e taampouco resistem ás viagens longas⁽³⁴⁾, talvez devido à consuante ração vinda que lhes dão o anno inteiro. No entanto vivem muito tempo quando poupados e bem tratados, ao passo que no Rio de Janeiro os cavalos que são montados diáriamente poucas vêzes vão além de dez a doze annos.

Acho esta raça de cavalos especialmente forte e resistente. Caminham com extraordinária segurança nas pedras, como se fôsem cabras montesas, prova de sua vitalidade. Muitos marcham a um passo extraordinariamente vigoroso, sendo para

(33) Isto é factível porque os cavalos são pequenos. Um cavalleiro de certa altura quase toca o chão com os pés. (Nota do autor.)

(34) Será por effeito do calor? (Nota do autor.)

isso bem constituídos, especialmente de ancas, e trazem o rabo alçado, como os pequenos cavalos dos hussardos polacos. Os bridões empregados são de seis polegadas. Considero a ração de milho e capim, como já ficou dito, demasiado quente e imprópria, portanto, para cavalos no Rio de Janeiro.

As mulas do Brasil, de reduzido tamanho, vêm do interior, principalmente das capitâneas do Rio Grande e de São Paulo, onde são criadas nos miliares nos vastos campos e vendidas em grandes manadas para as demais partes do país, depois de marcadas a fogo pelos proprietários. Seguindo Eschwege, os brasileiros são mestres na arte de laçá-las, no meio da tropa, pelo pescoço ou pelas patas. Uma mula selvagem custa no lugar de origem de quatro a seis mil-réis e as trazidas para Minas ou para o Rio de Janeiro, de quatorze a vinte (mais ou menos trinta *talers*).

Incríveis são os maus tratos que sofrem estas mulas no Rio de Janeiro, ao puxarem carros ou ao serem montadas. Metem-lhes logo freios e bridões de seis polegadas, que ferem as bocas. Os cocheiros e cavaleiros, quase sempre negros, feram-lhes com vontade suas grandes esporas de prata, até que os pobres animais ficam a sangrar.

IX *O modo de vida em geral. O tempo. Guarda-sois. Indolência das mulheres. Ruas desertas à noite. Batez palmas. Entrega de cartas e cartões de visita por baixo da porta. A passagem dos cavalos pelo salão. Alcovas.*

A vida que aqui se leva é muito monótona; poucas são as distrações e quase não há reuniões sociais. Quem se quer divertir tem que fazê-lo por sua própria iniciativa. Por causa do calor, acorda-se cedo e sai-se a cavallo, de carro ou a pé, para passear. Das nove da manhã às duas da tarde o calor é insuportável; depois sopra do mar uma brisa que abaixa a temperatura de alguns graus, trazendo certo alívio aos que estão banhados em suor. Durante minha permanência, o calor em

janeiro, primeiro mês de verão, foi de 23 graus Réaumur; em fevereiro — eu já tinha partido — sobe ainda mais a temperatura. Mesmo no inverno ou durante a estação chuvosa, de outubro a janeiro, é apenas um pouco mais fresco. Entre nós, após alguns dias de chuva, a temperatura baixa consideravelmente. Aqui a atmosfera ainda se torna mais opressiva durante e após a chuva; pode-se dizer sem exagero que é como se caísse água molna do céu.

Para espáirecer, às dez da manhã, dirigia-me com meu amigo Armand ao grande vestibulo do teatro, que, em dias de representação, está aberto desde as nove. Graças a seus muros altos e espessos, essa sala era sempre fresca. Passeávamos então de um lado para outro o que me dava tanto prazer quanto caminhar em *Unter den Linden* durante o dia ou pela tarde em Berlim. Fechar-me em casa ou permanecer no pequeno balcão durante o calor, suportar o barulho infernal dos negros e negras a oferecerem com vozes estridentes suas laranjas, bananas e legumes, era-me intolerável. Admira que não haja aqui maior número de doidos, pois tudo se congrega para que a gente perca a cabeça.

Nos dias claros e de tempo bom, o céu é do mais puro azul; não se observa a menor nuvem branca ou escura a perturbar-lhe a serenidade, tão benéfica aos olhos. Na verdade, o céu luminoso e o verde perene e intenso da mata produzem indizível impressão no torasteiro.

Durante o dia saem os homens, a cavallo ou a pé, armados de um guarda-sol. Cômica é a aparência dos monges pelas ruas, de guarda-sol e montados! (25)

Além dos escravos, poucos são os que andam a pé. Quem se respeita, mesmo de posses modestas, só sai a cavallo ou de carro.

O belo sexo não faz absolutamente nada, mesmo dentro de casa, e pouco se deixa ver por estranhos. À tardinha, no entanto, aparecem as jovens às janelas ou sentam-se horas a fio nos balcões do segundo andar das casas, cabeça descoberta, braços cruzados e queixo apoiado sobre a sacada. Eu as via muita vez de dia, quando olhava por curiosidade através das janelas das casas térreas, a dormirem sobre sofás de palhinha,

(25) Herminia deixou-por uma caricatura desso apparelho (*Gazette de Lausanne*, 5 9-1858).

e as crianças, pelo chão, sobre as chamadas esteirinhas de escravos. Estas são de palha trançada como a que usamos em nossas mesas sob os pratos e as terrinas e medem dois por oito pés.

Pelo comum, as mulheres saem pouco e jamais são vistas a pé fora de casa sem estarem acompanhadas de escravos e especialmente de escravas. Se não dispõem deuses servidoras, alugam-nos para tal fim, especialmente nos dias santos, para irem à missa. É um ponto de honra apresentarem-se com numeroso séquito. Caminham solenes, a passos medidos, pelas ruas. Quando saem para visitas, vão de uma casa a outra, fazendo numa tarde de doze a quinze visitas, para aproveitarem bem as custosas seges de aluguel.

A passear são raramente vistas, pelo menos nunca encontrei senhora de alguma importância assim ocupada e, como muitas casas têm suas capelas ou oratórios em que se reza missa nos dias de guarda, é uma exceção que se deixem ver a pé pelas ruas. Não se creia que esta vida claustral se explique por uma tendência para a devoção; não, as intrigas amorosas não são raras aqui, e o que conta Fischer em seus *Quadros de Madri*, das mulheres de lá, aplica-se também às de cá, isto é, vivem somente para rezar e amar.

Fora as noites de espetáculo, que começam às oito e duram até às doze, as ruas da cidade ficam como mortas. A maioria dos habitantes recolhe-se já às dez horas, quando as portas costumam estar fechadas.

Apesar do calor e mesmo com tempo bom, a gente do povo, brasileiros e mulatos, usa uns casacos pesados e felpudos. O mesmo fazem as mulheres, que ainda se cobrem de véus pretos⁽³⁰⁾. Doutro modo, vestem-se elas, brasileiras e portuguesas, de sédas e tafetás; enquanto que as negras e mulatas usam tecidos grosseiros de lã em cor preta. Mesmo num clima tão quente, muitas famílias tomam chá e ainda comem às onze da noite.

Quando alguém faz uma visita, não bate à porta, como costumamos nós, mas bate palmas até que apareça algum negro ou negra para anunciar o visitante. Desejando-se entregar um

(30) Vinha esse modo do século XVIII (último quarto) como se vê dos Figuros desenhados por Carlos Julião, no álbum publicado pela Biblioteca Nacional (1960). Ainda estavam em voga nas duas primeiras décadas do século XIX, como não-lo mostram Ghibbet, Ender e C. Amberlain.

bilhete ou cartão de visita e ninguém atendendo, introduz-se um ou outro por baixo da porta. É de propósito que as portas dos quartos ficam a uma polegada do chão, sendo fácil passar para dentro cartas e objetos rasos.

Pequenas ou grandes, a maior parte das casas costuma ter nos fundos um pequeno quintal com seu rancho de telhas para dois cavalos; mas para lá chegar não há outra entrada senão através da casa. Se o respectivo senhor quer sair a cavalo, o negro ou moleque (como são aqui chamados os escravos africanos) conduz para fora o animal pela única porta da casa, passando necessariamente pela peça principal⁽³⁷⁾.

Não existem privadas em casa alguma; vasos noturnos fazem o serviço, os quais são removidos pelas ruas menos construídas ou esvaziados em quintais e jardins pelos escravos.

X *O luxo, no vestir-se, de homens e mulheres. As plumas. Os diademas. O luxo das lavadeiras. Os legues. O luxo das escravas. Andar arrogante. Como são os casamentos. Mulheres brancas e de cor. Os palanquins. As meretrizes.*

HÁ RELATIVAMENTE muito mais luxo aqui do que nas mais importantes cidades da Europa. Com dinheiro compram-se artigos da moda, franceses e inglêses; em suma, tudo. O mundo elegante veste-se, como entre nós segundo os últimos modelos de Paris. Os homens, apesar do grande calor, usam casaca e capas das mais finas telas e meias brancas de sêda. Poucos comerciantes de recursos conheci que não fizessem suas casacas com panos pretos de uma qualidade por mim nunca vista, igual à sêda. Também trazem as chamadas capas escocesas importadas da Inglaterra. Têm elas gola alta e pala grande, não são forradas e a fazenda é de padrões coloridos e quadri-

(37) Debet-se a planta do rés-do-chão de uma casa térrea (estampa 42, vol. II, São Paulo, 1940) típica (segundo é) da quase totalidade das do Rio de Janeiro, que comprova a verdade dessa asserção.

culações, para verão, de tessitura resistente. Achei demasiado vistosa essa indumentária, que lembra um *robe de chambre*. Levada a cavalo e de guarda-sol aberto sobre a cabeça, ainda parece mais ridícula. Só são usadas, aliás, quando chove ou contra a poeira.

O luxo das mulheres é indescritível. Jamais encontrei reunidas tantas pedras preciosas e pérolas de extraordinária beleza quanto nos beija mãos de gala e no teatro, por certo as duas únicas ocasiões em que elas se exibem e dão asas à sua faceirice. Seguem o gosto francês, ousadamente decotadas. Os vestidos são bordados a ouro e prata. Sobre a cabeça colocam quatro ou cinco plumas francesas, de dois pés de comprimento, reclinadas para a frente e, sobre a fronte, como em torno do pescoço e nos braços, diademas incrustados de brilhantes e pérolas, alguns de excepcional valor⁽³⁸⁾. Aos domingos as mulheres, tanto as brancas como as de cor, vestem-se tôdas de preto, na maior parte de seda, com meias de seda branca, sapatos correspondentes e sobre a cabeça um véu preto de fino crepe que cobre a metade do corpo e realça a palidez do rosto.

Não somente as portuguesas como as brasileiras e as mulatas possuem belos olhos negros.

As lavadeiras, na maioria mulatas, usam longas correntes de ouro ao pescoço e ganham nessa profissão tanto dinheiro que até se permitem ter escravas. As portuguesas de distinção também trazem tais correntes. Quanto mais pesado o ouro e longa a corrente, tanto mais prestígio ganham as classes interiores.

Outro luxo considerável é o dos leques. Vi alguns que valem milhares de *talers*, ornados de brilhantes e pérolas, e um até provido de pequeno relógio verdadeiro.

Pôsto que saiam pouco e só raramente fazem vida social, como já disse, as damas de qualidade e as mulheres em geral possuem amplos guarda-roupas de linhos e sedas de toda classe, guarnecidos de outros enfeites. Quem dispuser de véus *petinet*, musselinas bordadas ou vestidos de seda para fará fortuna, porque estes artigos, não obstante as modistas francesas e os armarinhos de luxo, são escassos e alcançam preços enormes.

(38) Ajudando a esse luxo de pedrarias, Debret cita a família Carneiro Lefo: "on n'estime pas à moins de six millions les diamants que portent ces dames". Maria Graham também manifestou sua surpresa e admiração pelas jóias femininas da família Rio Sêco.

Nenhuma senhora de oito a vinte anos sai à rua sem que lhe siga atrás um negro ou negra bem vestido em traje de sêda; se é de família rica ou de posição, acompanham-na mais de um negro ou negra, o que é prova de ostentação, pois não se compram escravos por menos de 50 *louis d'or*. Até as meretrizes de primeira classe, que não são poucas, vi-as orgulhosas exhibirem pelas ruas sua escolta. De resto, o caminhar arrogante, de porte erguido, é uma das características da mulher brasileira, desde a portuguesa fidalga à mais humilde das negras.

A grande ostentação dos homens e mulheres no Rio de Janeiro observa-se no teatro, em noites de gala: êles apresentam-se com bandas e crachás; elas, com jóias, pérolas e brilhantes. Manifestei minha admiração a um português, sentado a meu lado, ante êsse espetáculo, observando-lhe que tamanha exhibição de riqueza era uma tentação para algum refinado tratante, como os que numa sala de espetáculos parisiense gritaram logo e, na confusão, assaltaram os espectadores. Respondeu-me êle: não seria aqui grande pecado, porquanto, na sua maioria, êste público coberto de ouro e jóias, acumulou tanta riqueza de maneira pouco honrada.

Durante minha estada, casou-se o conde de Belmonte, de dezessete anos, com a condessa de Belas, de dezesseis. Grande foi o número de equipagens no dia da cerimônia, algumas das quais elegantes, de modelo inglês; as, na maior parte antiquadas, a quatro cavallinhos ou mulas que, para os casamentos, trazem penachos azuis e brancos à cabeça como os nossos cavalos de trenó, e as crinas enfeitadas com fitas de sêda. Cada carro de convidados era flanquado por dois negros bem vestidos, com grande tricórnio forrado de penas brancas a acentuar o contraste com seus rostos escuros.

As portugêsas têm uma compleição pálida de pele muito fina; as brasileiras são mais morenas e de corpos bem feitos; tôdas elas, brancas ou de côr, mostram dentes alvos e miúdos, pés pequenos e delicados, calçados com sapatos brancos de sêda, os quais sabem mostrar, especialmente de palanquim, através da cortina.

Nesses palanquins, uma espécie de liteira, construídos como um trono, com cortinas pretas de ambos os lados e no teto um remate dourado, sentam-se as mulheres confortavelmente como numa espregijadeira. Quando elas não vão de carro, fazem-se transportar, dessa maneira por dois negros,

deixando ver o pêzinho delicado, como observamos antes, e também o rosto velado, com muita graça. A figura dos pés será o resultado do repouso em que os mantêm, pois que as damas pouco saem e, quando isso acontece, só de carro ou palanquim.

As meretrizes não são aqui privilegiadas como nas grandes cidades da Alemanha, França ou Inglaterra, porém as há em maior número: brancas, pretas e de todas as categorias, isto é, fazendo-se pagar de um a *doze talers* espanhóis. De noite, entre oito e dez horas, invadem elas as ruas vestidas de taletá preto ou de lã e envoltas em mantos. As de primeira classe saem também de dia, acompanhadas de duas escravas e dois escravos, fazendo-se passar, com suas artimanhas, por damas de qualidade, e sabem pescar o estrangeiro em suas rédes. Em geral, as de primeira classe moram com uma velha matrona que faz o papel de a'coviteira e se põe à janela para esperar a patroa. Logo que esta chega, precipita-se Fernando, um dos acompanhantes escravos para lhe abrir a porta e deixá-la entrar. A velha continua à janela, esperando por alguma ou mais conquistas que sigam Dona Francisca. Se fôr o caso, pisca-lhe um olho, para indicar que é bem vindo e pode entrar. Quem já está familiarizado com os hábitos da terra, solta um "Viva Senhora" e, se seu piscar de olhos é respondido pela bela ou por sua confidente, dirige-se logo à porta, que lhe é aberta pe'o escravo (20).

Os quartos d'esses templos de Vênus dizem ser bem mobiliados. As praticantes se comportam com grande discrição, enquanto que as matronas, presentes à primeira entrevista, depois de efetuado o pagamento estendem a mão ou dão a entender com os dedos, ao estrangeiro não familiar com a língua, quanto deve pagar pela sua recepção e boa vontade.

Se alguém acha essa distração cara demais, pode logo retirar-se sem que se lhe faça cara feia. Eis como se pratica a arte e como correm os *talers* espanhóis ou os patições, de mesmo valor. Gastam-se aqui este *talers* com a mesma facilidade que, entre nós, uma moeda de oito *groschen*.

(20) A estampa 2/16 da *Viagem Pitoresca de Regenda* (São Paulo, 1940) parece reproduzir uma cena semelhante, que é intitulada: "Costumes do Rio de Janeiro".

- XI *Escravos negros. Bom tratamento dos mesmos. Razões para esse tratamento. Agilidade e robustez dos escravos. Música e danças dos negros. Negro grisalho. As vestimentas, Manuel. Aparição noturna Acompanhante negra a uma fazenda de café. A extinção do tráfico. Torpeza de um sacerdote. Os Botocudos. Negras lavadeiras e seus filhos.*

OS ESCRAVOS NEGROS, que no Rio de Janeiro chamam de moleques, vêm de Angola, possessão portuguesa na África. São muito pretos de cor — ambos os sexos — e de traços tão feios que parecem caricaturas. Em compensação suas proporções físicas são bem regulares, tanto no sexo masculino quanto no feminino. Segundo me informaram, a população do Rio de Janeiro compõe-se de cinco partes de negros e uma só de brancos.

Em face desse grande número de escravos já existentes e da enorme quantidade que continua a ser importada, poder-se-ia crer que a ordem pública corra perigo, sobretudo quando se pensa nos trágicos acontecimentos de São Domingos. Mas aqui prevalece um espírito totalmente diferente no tratamento desses infelizes, que são gente alegre e boa, e isso não somente pela maior liberdade que se lhes dá como pelo trabalho incesante puxado. A razão deste tratamento mais benigno do negro não é tanto uma questão de humanidade de parte dos portugueses e de outros colonos como de sagacidade política, pois já passaram por uma terrível experiência antes de adotarem a presente attitude para com seus escravos. Constatei essa história porque é muito interessante e vem provar que o amor da liberdade nunca se pode extinguir. Passo assim a palavra a um escritor português: (Segue-se o relato do episódio de Palmares, descrito por Rocha Pita na *América Portuguesa*, parte XIII, que ocupa oito páginas do texto alemão).

.....

Esses escravos negros são extremamente ágeis e robustos. Podem carregar pelos incriveis sôbre a cabeça. Quanto mais pesado parece ser o trabalho, mais selvagemmente se põem a cantar, como se sua fôrça fôsse estimulada pelo còro, a igual dos nossos lenhadores. Seu instrumento consiste numa gaita presa a uma tábua em que estão esticadas duas cordas, que elles tocam caminhando⁽⁴⁰⁾ ou reunidos à porta de uma venda para dançar ao som do mesmo. Passando em certa vez por uma dessas vendas, vi um grupo de negros e negras a dançarem indecentemente com grande gritaria e gesticulação. Ao grupo juntou-se outro negro, grisalho, que carregava um fardo pesado à cabeça e se pôs a dançar um bom quarto de hora sem largar sequer o péso, para meu espanto. Os primeiros se entusiasmaram tanto com o velho que o cercaram e, dançando aos gritos, deram umas quantas voltas em torno d'ele.

Negros e negras cumprimentam-se uns aos outros, na rua ou quando se encontram, no estilo europeu: os homens tirando o chapéu com uma inclinação de cabeça; as mulheres fazendo uma reverência.

Os escravos são submetidos a todos os trabalhos e recebem por dia dois vinténs de farinha, uma espécie de trigo extrahido da mandioca. Os de mais baixa condição andam quase nus, com um trapo de pano ao redor da cintura. Os pertencentes a senhores ricos, aprezentam-se mais bem vestidos. Tenho visto aos Domingos negros e negras usarem flôres em vez de brinços nas orelhas ou espetarem nas carapinhas uma osá que, por sinal, asenta muito bem no péto de suas curas e cabelo. Praticam os negros também incisões na testa ou nas bochechas, que se tornam mais visíveis com o tempo, escurecendo como os cortes que praticamos nas faias.

O negro tem extraordinária facilidade de compreensão e ótima memória. Tive um escravo a meu serviço, de nome Manuel, que cozinhava e barbava com grande perícia, sendo muito pontual e atento no trabalho; mesmo de noite levantava-se para caçar ratos no meu quarto, que às vêzes faziam um barulho infernal. Só não conseguia, infelizmente, livrar-se da cachaça (bebida alcoólica inferior feita de cana), apesar dos esforços que para isso fazia, pois eu o estava sempre ameaçando com despedi-lo. Ao fim do dia cheirava forte, buscando

(40) A descrição é imprecisa. Será uma variante da marimba congoleza, descrita e illustrada por Chamberlain, ou o berimbau de barriga?

não me deixar percebê-lo. Eu o tratava, de resto, muito bem, fazia-o comer de minha mesa e dava-lhe meia pataca por dia. Em troca mostrava-se êle muito reconhecido. Fixava seu olhar no meu para adivinhar-me os desejos, conseguindo-o na verdade muitas vêzes, para minha admiração. Entendia um pouco de francês e eu podia, assim, com algum esforço, fazer-me compreender para que executasse minhas ordens pontualmente.

Uma vez em que saí, como de costume, para fazer minhas compras, esperei em vão até às três da tarde. Manuel não aparecia. Examinei meus pertences, com medo de que êle tivesse escapado levando algo. Mas nada estava faltando. Aliás, eu já o tinha pôsto anteriormente à prova nas compras de víveres; sempre exato. Três dias mais tarde, apareceram-me três policiais com meu Mantel, de mãos algemadas por um instrumento semelhante a uma fechadura de porta. Queriam verificar se, de fato, como alegava êle, estava a meu serviço; respondí-lhes que sim e que se apresentara como negro livre. Contaram-me então que êle havia fugido uns três anos antes, de seu senhor, o major de polícia Santos, e fóra reconhecido na rua por uma relação do dono, sendo preso e levado à polícia. Esta buscava descobrir, em minha casa, uma falsa carta de allorria, que êle dizia não ter consigo. Quiseram arrancar do pobre diabo uma confissão mediante tortura, apertando-lhe as mãos com a referida fechadura, o que lhe fez dar gritos de dor. Enérgicamente, não consenti nesse brutal procedimento em minha casa, o qual foi logo suspenso. Afinal, não se achou a tal carta e foi êle a seguir reconduzido ao seu antigo senhor, a quem escrevi um bilhete em francês, suplicando-lhe aliviasse quanto possível o castigo.

Fêz-me muita falta o Manuel. Era muito jeitoso e pontual; servia-me à mesa com perfeição, sem o mínimo barulho e dobrava artisticamente os guardanapos.

Não se negocia um escravo por menos de cinquenta *lovis d'or*. Quando se compra ao mesmo tempo uma escrava, fica-se também senhor dos filhos havidos do casal, que podem ser vendidos ou utilizados como escravos para todos os fins permitidos.

Há muitos negros que são libertados pelos seus senhores por boa conduta ou após longo tempo de serviço. Estes não podem ser batidos, mas os que não são livres parece que não sabem trabalhar sem castigo, do contrário se embebedam e

roubam. Se um escravo foge e o trazem de volta, é castigado com a maior severidade. É raro, aliás, que consigam seu intento, pois acabam sendo capturados nas montanhas por um numeroso corpo de vigilantes, chamados capitães-do-nato, composto quase sempre de artigos escravos armados de espingarda e sabres (41). Contaram-me certa vez que um escravo estive foragido sete anos. A fôça de trabalho e de economia, chegou êle a possuir seis escravos. Recontrido casualmente após tão longo tempo e apanhado pelo antigo senhor, ofereceu-lhe em troca de sua liberdade quatro de seus escravos. Mas o dono recusou-o de maldade, exigindo uma punição. Voltou êle assim a ser escravizado e, por causa de sua fuga, metido em ferros. Os seis escravos dêle ficaram também propriedade do senhor, em compensação. A lei é muito severa e o castigo proporcional à duração da fuga, levando-se em conta o tempo que o dono deixou de ganhar.

Fu costumava proporcionar grande prazer a um moleque de quatorze anos, escravo de meu cunhado, dando-lhe um vintém para comprar rapé. Era tão feio e seu nariz achatado, de ventas tão apartadas, que não lhe serviam para pitar. Também êste negrinho era muito esperto à mesa e não fazia barulho com os pratos.

Na pensão Pharoux, onde vivi algum tempo, havia uns negros jovens no serviço e na cozinha. Levantando-me certa vez de noite, ao sair do quarto, caí sôbre duas criaturas deitadas no chão e ouvi o ruído de pesada corrente. Voltei ao quarto sem nada dizer e na manhã seguinte informei-me junto ao patrão sôbre o estranho acontecimento. Fiquei sabendo que se tratava de dois escravos, que tinha de acorrentar à noite, no corredor, para que não lhe fugissem.

Quem compra um escravo forte e saudável pode logo ganhar sua pataca por dia; para isso basta mandá-lo aos armazéns do porto.

Uma tarde fui convidado a visitar uma plantação de café, situada a quatro horas da cidade, depois de Catoombi e na direção da Ponta do Caju, pertencente a uma Senhora Meneses, viúva do antigo governador da província do Maranhão (42).

(41) Rugendas (*Viagem pitoresca*, estampa 2, vol. II, São Paulo, 1910) representa-os no desempenho de sua função.

(42) Marechal José Narciso de Magalhães e Meneses, governador do Pará e Maranhão.

Mandou-me a Senhora, para mostrar o caminho, um negrinho seio, bem educado, de doze annos. Marchava ao lado de meu cavallo, no calor do dia, morro acima e morro abaixo, carregando ainda por cima á cabeça um grande embrulho que continha vinho, pão, bolos, etc. Quando eu trotava no plano, corria tambem o moleque, sempre com o péso á cabeça, o que me obrigava a ir a passo, expondo-me ao rigor do sol, para não fatigar demais o pobre rapaz. Tratando de fazer-me d'êe comprehender, por gestos, quão extenuante lhe devia ser esta viagem, sorriu e deu-me a entender que estava habituado.

Ao chegar á chácara da Senhora Meneses, tive que descansar meia hora antes de poder apresentar-me á dona da casa, tão extenuado me encontrava pelo calor e pelas ingremes ladeiras, ou por ter de conduzir o cavallo pela rédea onde a estrada era estreita e escarpada. Mas o negrinho, nada. Descarregou o pacote e pôs-se a brincar durante horas com o filho da casa, um meimote de oito annos, sem dar sinal de fadiga.

Os negros são musculosos e muito ligeiros dos pés. Podem ser empregados em qualquer occupação, pois têm grande vontade de aprender.

O tráfico de escravos está agora para ser suspenso, o que não será bem recebido pelos fazendeiros de café e pelos senhores de engenhos. Do lado inglés, já chegou para este fim o Comissário Hayne, muito competente e a quem conheci no Rio de Janeiro; do lado portuguez, foi nomeado meu cunhado, Pinheiro Ferreira, para estudarem os meios de suspendê-lo da maneira mais suave, problema que como a servidão, está sujeito ás maiores difficuldades⁽¹³⁾.

Não se pode negar que a maioria dos escravos, na letargia em que caem, precisam de ser tratados com severidade, mas tambem encontrei muito negro talentoso e de sentimentos mais delicados do que os dos brancos, que os tratam ao capricho do momento, como se fôssem cães. Vi, uma vez, certo sacerdote muito querido do povo, cheio de empáfia, em plena rua dar um pontapé num negro, atirando-o na sarjeta, só porque êste não lhe saiu logo da frente. Semelhante attitude indigna e incomprehensível para um europeu, revoltou-me de tal maneira que quase ia dando lugar a um incidente, cujas consequên-

(13) Uma das três comissões mistas criadas pela convenção luso-britânica de 1817 para decidir sobre a legitmidade das presas que as esquadras inglesa e portugueza efectuassem de navios conduzindo escravos.

cias teriam sido, talvez, piores para mim, pois tive ímpetos de aplicar nesse batina preto merecida bofetada, o qual prosseguiu triunfante como se tivesse praticado uma bela ação.

Vêem-se também, no Rio de Janeiro, alguns botocudos como escravos, vindos do sertão, que diferem dos demais escravos africanos no tamanho e no aspecto selvagem.

As negras costumava lavar a roupa em riachos e algumas trazem seus filhos pequenos às costas, suspensos de um pano. Enquanto elas lavam, melhor dito, batem as roupas, pois é assim que aqui se faz como, aliás, na França, as crianças têm que se agitar nas costas das mães; e, malgrado os bruscos movimentos destas, podem dormir sossegadamente. Toda vez que eu passava por um desses riachos, tocava-me este espetáculo o coração.

Parece que os negros não suportam bem a chuva, talvez porque têm a pele fina, lisa e gordurosa, como é sabido.

XII *Os insetos. Os mosquitos. Terra das bofetadas. Mosquiteiros. Os ratos e camundongos. As baratas. Os bichos. Os cães. Os excrementos. Moléstias venéreas. Hérnias. Pernas inchadas.*

EXISTEM INSETOS EM PROFUSÃO no Rio de Janeiro. Os mosquitos são como os nossos, só que têm pernas mais longas e constituem, aqui, verdadeira praga. Compara-os às perseguições das almas do outro mundo, a voltejarem em torno de nós. Pessoa de consideração que reside no Brasil, chamou o país por causa d'êles de terra das bofetadas. Isso porque, para nos defendermos dos mosquitos à noite, temos que nos dar bofetadas à esquerda e à direita continuamente. Mal a gente se deita, revoam êles sem parar, perturbando o sono de maneira insuportável com sua música plangente a entrar pelos ouvidos. Enfi-recido, esbofetava-me todo o tempo, mas por mais rápido que fôsse, jamais consegui atingir um desses estorvadores da paz. De dia, pousam nas paredes. Minha raiva era tal que tentava

matá-los quando pareciam dormir, mas ao menor movimento despertavam e raramente tive êxito. Suas mordedelas transoimam-se em inchações que podem ser dolorosas se nos coçamos. Ainda assim, são elas mais suportáveis que aquêlle zumbido infernal que leva ao desespero o mais pacífico dos cidadãos.

Contra êsses insetos usam-se mosquiteiros, cortinas de musselina verde ou de gaze, em que êles conseguem às vêzes penetrar por algum buraco, tornando-se, então, nesse recinto fechado ainda mais irritantes. Basta que haja dois para nos roubaem o sono. De qualquer modo, as ditas cortinas protegem apenas de noite e à quem está na cama, mas não ao anoitecer, quando pelas sete horas aparecem os mosquitos, especialmente depois de uma chuva. Também nos dias secos e quentes não deixam de nos apoquentar.

Ratos e camundongos em nenhuma parte vi tão numerosos. Os primeiros têm o tamanho de pequenos cães e metem medo nos próprios gatos. De noite fazem uma barulheira infernal, sobretudo nos quartos do rés-do-chão, mordendo-se e saltando de um lado para outro sob o vazio do soalho.

As baratas são uma espécie de besouro (14), mas o dôbro dos nossos, que também perturbam o sono, especialmente depois da chuva, quando esvoaçam em grande número, fazendo um barulho com as asas semelhante ao dos morcegos. Encontram-se em maior número nas casas cujos telhados são descuidados e nos quartos que, em vez de fôrro de madeira, têm apenas uma estôpa pintada, que em pouco tempo se estraga.

Outra praga é a dos bichos que se metem entre a unha e o dedo do pé e produzem tanta dor como se nela penetrasse uma farpa. Os negros são peritos em extrai-los com uma agulha e a dor logo desaparece. Mas se não são retirados immediatamente largam no local seus ovos, e a dor então se torna quase insuportável, verificando-se as mesmas conseqüências da inflamação produzida por uma farpa.

Além dos mencionados insetos e bichos, existem ainda muitos que apoquentam a existência nesta terra e contra cujos ataques é preciso estar sempre prevenido.

Cães também abundam no Rio de Janeiro, pelo menos um em cada casa; provavelmente por causa dos roubos que aqui ocorrem com freqüência. São de tamanho regular, antes grandes que pequenos, e parecem cães deença. Curiosamente,

(14) *Maiköfer*, inseto que aparece na Alemanha no mês de maio.

não se ouve dizer que sejam atacados de raiva devido ao calor, o que comprovou não ser este a única causa da moléstia. É preciso buscá-la noutra direção. De dia, andam, soltos pelas ruas. Vi uma vez, no Catete, um carro atropelar um cão que dormia e, para meu espanto, disseram-me testemunhas que casos como este são correntes. Por aí se pode fazer uma idéia da molórria que o calor provoca, que até os animais sentem o seu efeito.

Se os insetos são uma praga neste país, certas doenças não o são menos. Assim, todo estrangeiro recém-chegado ao Rio de Janeiro apanha uma espécie de sarna ou eczema nas mãos, mas sem ser tão coçativa. Tive-a durante alguns dias e desapareceu por si só. As moléstias galantes são aqui muito disseminadas e, devido ao calor, não sem perigo. Grandes hérnias salientes do tamanho de um chapéu, de que são igualmente vítimas portugueses e brasileiros. Causam espanto! Felizmente, ao que parece, essa enfermidade, de algum tempo para cá, está em declínio. Outra moléstia, não menos repelente, é a das pernas grossas, e tais potes de manteiga, e de vemos pelas ruas (45), às vêzes simultaneamente com hérnias, deixando a mais deprimente das impressões em espíritos sensíveis.

XIII *Demoiselle Jolie. Sua residência. Recepção. Musica de harpa. Os aplausos dos fidalgos. A discipula de Nadder-mann. Clá. Passeio. O padre Bandeira. Galanteria de jovem fidalgo. Harpa eolia.*

É FRANCAMENTE DIFÍCIL ganhar a vida em qualquer lugar, como se diz, e não o é menos no Rio de Janeiro, onde tudo se junta contra o estrangeiro, mormente não se pertencendo à religião predominante, que é a católica. Poucos conseguem destacar-se e ainda, na caída, encher o sacco. Certa harpista, Demoiselle Jolie, de Paris, logrou-o com seu instrumento. É ela, até agora,

(45) Guilhobel registrou essa ocorrência numa cena de rua que Charlotto a copiou na prancha intitulada *A Brazilian family*.

a única pessoa que aqui dá lições de harpa e ao mesmo tempo naturalizou-se. O favor de que goza é tal que tem sua entrada nas primeiras casas portugêsas e brasileiras, sendo por todos muito apreciada.

Onde quer que Demoiselle Jolie dê lições, é conduzida, ida e volta, de carro para casa ou outro local em que também ensine. Recebe visitas *en grand genre* (46). Para conhecer tanto quanto possível a sociedade e sobretudo a vida social no Rio de Janeiro, fiz-me apresentar à tão afamada harpista, com o propósito igualmente de recomendar às suas vastas relações um pianista de Hamburgo, meu companheiro de viagem, desejoso de aqui tentar a sorte dando lições de piano.

Chegamos, eu e um francês, que faria a apresentação, a uma pequena casa, onde depois de bater palmas, segundo o costume local, abriu-nos a porta uma negra de setenta anos e de horrível aspecto. Fêz-nos subir a escada escura que levava à sala amansardada como nas casas de estilo antigo entre nós. Lá estava Demoiselle Jolie sentada num sofá de palhinha, com os pés sobre um b'nquinho, junto ao qual sentava-se um padre brasileiro e idoso. De cada lado do sofá, quatro cadeiras em linha. Recebeu-me amavelmente com uma cascata de palavras, cujo tom esganicado me produziu estranha impressão na pequena sala. Devolvidos os cumprimentos, avancei meu pedido em favor do jovem pianista, respondendo-me ela, ato contínuo, que sua posição não lhe permitia recomendar um alemão. Se se tratasse de um português, ela teria o maior prazer em introduzi-lo nas melhores casas da cidade. Depois destas palavras, que me feriram como alemão, fixei mais atentamente o olhar em Demoiselle Jolie e, assustado, descobri na escuridão da sala a affitiva fealdade de sua figura, que um vestido da moda cobria — chamada Jolie — mas que só a eloquência e o talento de harpista podiam fazer esquecer. Logo reuniram-se diversas pessoas que lhe pediram tocasse algumas variações na harpa. Ela prestou-se a fazê-lo e com muita desenvoltura, arrancando das fortes cordas um som comparavel ao dos marujos nos cabos, nada agradável e que soava como campainha abafada. Os fidalgos presentes, portugêses e brasileiros, exclamaram com entusiasmo: "Muito bonito! Muito bonito! Muito bonito!" (47). Para não ficar atrás, aprovei com a cabeça

(46) Em francês no original.

(47) Em português no original.

umas poucas vezes. Demoiselle Jolie assegurou-me ter sido aluna do famoso Naddermann de Paris, que conheci pessoalmente através do falecido maestro Dussec, só que no meu fraco entender e conhecimentos musicais não me pareceu ser exata sua afirmação.

Dussec, quando secretário privado do duque de Berente, convidou-me uma vez em 1819 à sua casa pela tarde. Foi aí que conheci Naddermann, o harpista. Depois de curta conversa, Naddermann executou o difícil concerto de G. Mol para piano, com tal precisão e beleza que provocou minha admiração. Assim tocou na harpa outras peças difíceis de Dussec. Se Demoiselle Jolie foi de fato flauta dêsse famoso virtuose, francamente, não lhe faz honra.

Convidou-me a tomar chá no dia seguinte. Não ousei recusar um convite de tão festejada personalidade, para não passar perante portugueses e brasileiros como *homme sans monde* ou *un allemand sans politesse*. Na verdade, estava ansioso por deixar a companhia dessa berrante Demoiselle Jolie, seus admiradores e a sala em que fazia um calor intolerável.

No dia seguinte, compareci devidamente ao chá. Fomos depois espairar no terraço do Passeio Público, que dá sobre o mar. De um lado caminhava um jovem fidalgo português e do outro o padre brasileiro Bandeira, junto a quem tre insinuei. Nenhum dêsses senhores me dirigiu a palavra e eu tampouco abri a boca. Finalmente, interveio Demoiselle Jolie e disse aos dois que eu era conhado do senhor Pinheiro Ferreira, após o que o padre pôs-se a conversar em ótimo francês, revelando-se muito ilustrado e espirituoso. É um brasileiro nato que nunca saiu do país.

Ao chegarmos ao terraço, o fidalgo berrifou um pouco de água sobre sua companheira; se isto é uma espécie de galanteria resta parte do mundo, pilhéria eu prova de confiança, não sei, mas que a harpista protestou nos gritos, ouvi-o eu: *Mon Dieu! Mon Dieu! Que faites-vous? Vous pouvez me faire du mal*. O jovem fidalgo inclinou-se, ensanou uma réplica espirituosa e a brincadeira cessou. Demos ainda umas voltas pelo terraço e nos retiramos pelas nove horas. O padre Bandeira veio comigo até a casa e o fidalgo acompanhou Demoiselle Jolie.

Pelo que ela mesma me disse, pensa ficar ainda alguns anos no Rio de Janeiro a recolher os altos proventos de sua

habilidade, para depois virar as costas aos favores de portugueses e brasileiros.

Já que estou falando em harpista, vem a pélo mencionar a harpa eólia, como foi sarcásticamente apelidado por um diplomata o carro de bois⁽⁴⁸⁾. São éstes carros puxados por quatro animais, atrelados, não pela cabeça, mas pelo cangote. Os bois puxam da mesma maneira que os nossos, só que são sujeitos de outra maneira. Uns paus espetados de cada lado do estrado sustentam a carga. As rodas não são chapeadas nem engraxadas, pelo que a fricção da madeira ressequida, sob o péso da carga, produz um ruído estridente, que é quase intolerável de perto e pode perfurar o tímpano. A princípio e quando distante, acreditava eu estar ouvindo a trompa de um pastor, mas à medida que o carro se aproxima, o som torna-se agudo e a ilusão desaparece.

Nas vizinhanças da cidade vêem-se muitos dêsses carros porque as estradas na região montanhosa são estreitas e o ruído das rodas serve de aviso à distância e assim podem evitar-se a tempo. Para que duas pessoas se entendam na proximidade de um dêsses carros, é preciso gritar com toda a força e nem sempre o conseguem.

Ouvido a um quarto de milha, mormente se estamos a certa altura ou numa eminência, êsse som estridente pode ser até agradável, perdendo um quanto de sua rudeza e assemelhando-se ao de uma harpa eólia, mas é de enlouquecer quando próximo.

Que esta estridência porle atrair ouvidos menos musicais, conclui-se de fatos como o seguinte: eu morava no Cateio; um dêsses carros passou frente a uma venda em que estavam sentados a beber uns marinheiros ingleses, que se precipitaram todos atrás do mesmo. Imitando o ruído do carro e atirando ao ar as suas gorras, seguiram-no durante uma boa distância.

(48) Curiosamente, repete esta comparação Ernst Ebel em *Rio de Janeiro und seine Umgebungen*, impresso em 1828. Terá lido o *Ausflug* de Leichold?

XIV *A Policia. Capitães-do-mato. Negros fugidos. A crueldade dos negros contra os viajantes. Punições dos escravos fugidos. Vigilância policial. Número de habitantes. Nomes das ruas. Número de casas. A iluminação. Cães e animais mortos. O aqueduto. Incêndios. Prisões. Mortos e moribundos.*

A ORGANIZAÇÃO DA POLICIA NO Rio de Janeiro tem muito de bom. Está em pé militar como a *Gendarmérie* prussiana e compõe-se de mil homens⁽⁴⁹⁾. Seu uniforme é azul-escuro com largos galões amarelos. Os oficiais usava galões dourados⁽⁵⁰⁾. Andam armados com fuzil e sabre e montam guarda com os demais militares estacionados na cidade. Uma guarda policial consiste em um suboficial e doze homens. Também há postos policiais nos arredores da cidade, patrulhados com frequência por destacamentos de três e quatro homens.

A este serviço pertencem também os já referidos capitães-do-mato, que constituem, entretanto, um corpo à parte. São negros e mulatos, sob as ordens de um comandante, que não recebem soldo mas uma soma fixa por negro fugido e entregue vivo, soma que o senhor é obrigado a pagar, sem o que o escravo não sai da prisão.

Esses capitães-do-mato, como me foi dito, têm uma tarefa bastante árdua em dar caça aos fugitivos, os chamados negros vadios, que, apesar de tôdas as medidas tomadas, constituem bandos e ladrões que tornam perigosas as estradas do interior. Os capitães andam armados mas só empregam essas armas se encontram resistência. Aos negros mortos em escaramuças com a policia cortam-lhes as cabeças. Entregues estas à Justiça, sao elas espetadas em paus e colocadas nas esquinas das ruas principais como advertência.

(49) A divisão militar da guarda real da policia, composta de uma companhia de cavalaria e três de infantaria, foi criada a 13 de maio de 1802. Corpos de Guarda foram estabelecidos em vários lugares.

(50) Veja-se o desenho de Ender em *O Velho Rio de Janeiro*, p. 11.

Segundo Eschwege, (61) os negros vadios praticam toda sorte de barbaridades quando encontram viajantes isolados, principalmente se deitam a mão sobre algum desses caçadores de negros, mas são tão covardes que um bando de cinquenta deles não ousa atacar grupos de três ou quatro. O mínimo que acontece às suas vítimas e o mais usual é que lhes amarram um pedaço de madeira na boca qual um tico, rasgando-a dos dois lados, e as prendem a uma árvore com os braços para trás. Ficam assim largadas até que alguém, por acaso, de passagem as liberte. Muitos são castrados, outros assassinados barbaramente. Em Vila Rica, onde a polícia deixa a desejar, muitos desses bandos praticam as maiores desordens.

Os negros fugidos são acorrentados pelos pés e metem-lhes um colarinho de ferro com uma ponta que fica acima da cabeça, para chamar a atenção.

A organização policial da cidade é modelar sob muitos aspectos apesar de não ser pequena sua extensão, incluindo os arredores. Para se fazer uma idéia de sua importância, basta dizer que a população atual, abrangendo os negros, sobe a mais de 100 000 almas. As ruas são indicadas com placas de metal colocadas nas esquinas, os nomes aparecendo em letras pretas. Chamam-se, por exemplo: Rua da Fidalga, Rua dos Inválidos, Rua de São Pedro, Rua da Candelária, Rua da Misericórdia, Rua da Glória, Rua do Rosário, etc. As casas são providas de números e a iluminação noturna com lanternas, em algumas ruas é bastante boa. Estas são razoavelmente limpas, embora às vezes só retirem os cães mortos ao começarem a cheirar mal, com o calor, o mesmo acontecendo com as mulas que apodrecem não longe das praias da Glória ou do Catete. Muitas vezes, dias seguidos, não se pode passar por perto.

A água da cidade vem das montanhas por aquedutos e, como já o disse, é conduzida a diversas e bonitas fontes localizadas em praças públicas. Como muita gente mora longe delas, há sempre necessidade de mandar alguém buscar a água. São muitos os da classe pobre que vivem da venda de água, que é carregada em moringas grandes, de formas bonitas, onde se conserva fresca. Na estação seca do ano, reina uma grande aglomeração em torno dos chafarizes, porque os carregadores de água têm que esperar horas até poderem encher suas vas-

(61) *Journal von Brasilien*, cap. I, p. 100.

lhas. A água é muito saborosa e conserva-se boa se devidamente protegida. Em caso do digno corone! Cunha⁽⁵²⁾, do corpo de engenheiros, provei desta água previamente filtrada. Era fresca e de gosto excelente.

Os incêndios são raros; quando trombeiam nalguma casa, o perigo não é grande porque as madeiras das vigas, portas e escadas são duras como pedra e quase não queimam⁽⁵³⁾, razão pela qual, via de regra, toma-se pouco cuidado com o fogo. No Catete, onde eu morava, costumava-se pedir fogo, quando há pressa, ao vizinho ou à venda mais próxima. Sai então um negro a correr com uma tocha na mão, longa de meio braço, e com ela, ardendo e fumegante, entra pela sala adentro até a cozinha.

As prisões, segundo dizem, são horrosas e pouco saudáveis, o que é fácil de acreditar visto antaurem cheias de escravos, sobre cujo passado e estado de saúde a policia não parece preoccupar-se.

Os mortos são conduzidos aos cemitérios em caixões abertos. Quando um doente está nas ultimas e recebe a extrema-unção, junta-se em frente à porta uma massa de portuguezes e homens de cor, que se põe a cantar e o faz tão alto que, se o moribundo ainda não está morto, na certa não escapa à algazarra⁽⁵⁴⁾.

XV *O iôgo. As bancas de xarab. Mancira de transportar os doentes. O teatro. Procições. Comércio. Armarinhos. Tipografia Jornal. Taxas portudrias. O contrabando. Fábricas e manufacturas.*

Ouvi dizer que, junto ao teatro, há um café que é uma casa de tavolagem clandestina e que é preciso ter muita cautela contra as esperanzas e a desonestidade dos que lá jogam, sendo

(52) Brigadeiro Carlos Frederico Bernardo de Cunha (1766-1825). Comandante das armas da corte, Ministro da Guerra na regência de D. Pedro. Regressou a Lisboa em 1821, promovido a marechal-de-campo.

(53) Também a Ouseley não escapou esta observação: *Description of views in South America*, Londres, 1852, p. 40.

(54) Debret, na sua *Estre-na-unção* e o respectivo texto, confirma a "horizel algazarra" das titãias e danças dêsse rito primitivo promovido pelas sociedades.

mesmo mal visto frequentá-la. Também em sociedade se passam coisas incorretas em partidas de *whist*, o que é, de resto, tão comum aqui quanto nas grandes cidades européas. Tais irregularidades não serão eliminadas enquanto do lado do governo não se tomarem medidas severas para punir os trapaceiros, qualquer que seja sua condição. Muita família é infelicitada e levada à ruína em consequência do jogo. Muito jovem esperançoso e educado nos melhores princípios pode ser desviado do bom caminho por uma paixão inculcada por outrem, pois há malfeteiros que, sob o pretexto de lhe prestarem serviço, iniciam-no nas artes do jogo viciado, acabando por fazer dele um criminoso e, finalmente, um remordido da consciência.

Parece-me muito conveniente no Rio de Janeiro o serviço de transporte de doentes, que muitas cidades européas desconhecem. Seriam-se, para esse fim, de rédes que podem ser fechadas por cima, mediante um a corda, de modo que os transportados não sejam vistos. Dois homens carregam-nas ao ombro suspensas de um pau roliço, como fazemos com os lustres em nosso país. Aquelles que têm uma perna ou braço quebrado ou sofreram outro acidente físico são assim cómodamente levados sem solavancos.

Em Hamburgo, os postos policiais utilizam cestos para o mesmo fim, providos de colchão e travessieiro. Embora sejam muito práticos, chamam demasiada atenção para o doente, tornando-se assim incômodos, como tive occasião de experimentar o ano passado quando quebrei o pé e fui transportado de uma casa para outra num deles. Passou-se isso à noite, depois das nove, no mês de maio. Não obstante, grande número de curiosos — mais de duzentos — acompanhou-me.

O teatro abre-se às sete horas, mas as representações começam às oito. As luzes, porém, só são acesas meia hora antes, tendo-se de esperar na escuridão. Se é por causa do calor, para que as velas não derretam cedo demais, ou por economia, não saberei dizer. À parte os aplausos, que são ruidosos, em geral reina silêncio durante os espetáculos. Se algum bêbedo cai nas primeiras filas, como vi acontecer mais de uma vez, deixam-no estar tranqüilo, continuando a representação sem que alguém faça caso.

As procissões, tão frequentes aqui como noutros países católicos, não são novidade para mim ou para os que as tenham.

visto, inúmeras, nas cidades católicas alemãs. Só diferem no contraste que constituem os brancos andando ao lado dos negros. Quando passa o Santíssimo todos se prostram, mesmo que seja na lama. Não aconselharia a ninguém, qualquer que seja a religião a que pertença, conservar-se de pé, pois será maltratado na certa pelo populacho, que é aqui como em toda parte.

O comércio por atacado e a varejo é bastante ativo, sobretudo com a Inglaterra. Os produtos de exportação consistem em algodão, café, mandioca, peles, canha, crina, penas, arroz, fumo, anil, madeiras várias, algumas essências para farmácia, ouro e pedras preciosas (os dois últimos já não tão importantes). Em contrapartida, importa-se ferro, aço, artefatos de cobre, farinha, sal (especialmente do Cabo Verde), fazendas de lã, louças, vidros, pólvora, chapéus, botas e sapatos, quinquilharias e artigos da moda. Os bons artigos ingleses e franceses são às vezes mais baratos do que em Berlim, tal a abundância e a variedade com que da França e da Inglaterra suprem este mercado. Um bom par de sapatos ingleses custa nove patacas, ao passo que os franceses somente quatro ou cinco. As botas são muito caras.

Existem armarinhos em profusão, especialmente nas pequenas ruas, em que cada casa, quase, é uma loja melhor sortida que a vizinha; do mesmo modo as especializadas em lãs, sedas e outros artigos.

Há também comerciantes de gravuras, mas não vi aqui livreiros⁽⁵⁵⁾. Impressor, só existe um no Rio de Janeiro, e ainda por conta do rei. Por aí se poderá julgar o que seja o movimento de livros e a censura da imprensa. A principal função dessa tipografia é editar um jornal em português⁽⁵⁶⁾, que aparece duas ou três vezes por semana, no qual são reproduzidos, devidamente censurados, artigos do *Morning Chronicle* ou de jornais franceses. Eu podia entender seu conteúdo, lendo-o prudentemente. Para quem tem noções de latim, o português é fácil.

Cada navio estrangeiro paga indiscriminadamente 25% de direitos alfandegários, sendo que os ingleses pagam pelas res-

(55) Depoimentos de outros viajantes não confirmam esta informação. Sir George S. Stanton, em 1792, viu dois livreiros. Saxe e Martius citam dois modestos, em 1817 e Alexander Calderough em 1820, reconhece ser o negócio muito pouco desenvolvido, mas refere a existência de quatro casas de livros.

(56) *Gazeta do Rio de Janeiro*, fundada em 1808 e dirigida por Frei Tibàrcio da Rocha.

pectivas cargas apenas 15%. Cada navio mercante paga, ancorado no pôrto do Rio de Janeiro, um mil-réis diário. Na Bahia, segundo informações do capitão do meu navio, a taxa é de quatro mil-réis e outro tanto á partida, custando cada dia ancorado dois mil-réis.

O contrabando é severamente perseguido; não obstante dizem que são numerosos os contrabandistas. Até mesmo pessoas de qualidade praticariam essa actividade prohibida, vivendo graças a ella na fartura.

Fábricas e manufacturas estão ainda na infância. Uma fábrica de cartas de jogar que trabalhava por conta do rei, foi agora empreitada a uma empresa particular. Há também várias fábricas de chocolate, cuja produção não é cara.

XVI *Doutor Ritter, de Berlim, vendedor ambulante. Infelicidade de sua mulher. Negociante em porcelanas. Emprego como médico da colônia suíça. Nomeação para médico do rei em Santo Cruz. Relações matrimoniaes.*

ENTRE OS PEQUENOS COMERCIANTES e mercantes, chamou-me a attenção a pessoa de um vendedor ambulante, conterrâneo meu, o doutor Ritter, de Berlim, tanto mais quanto vim a conhecê-lo primeiramente em casa de meu cunhado, sentado á mesa, com o filho mais velho, Julius. Foi logo contando-me e á minha filha, numa torrente de lágrimas, seus males e desgraças. Além da viagem, que fôra monótona e infeliz, teve sua mulher desencaminhada por um ourives de Berlim. Ficou ella em Pernambuco com seu Cicisbeo e três filhos menores, dando a entender em poucas palavras ao desconsolado marido que estava decidida a viver e morrer com Herr Lehr, o ourives. Procurei consolá-lo como pude. Mas, diante de uns bons pratos europeus e furtivos, com o vinho a bálhar nos copos, transformou-se prontamente em sorrisos de satisfação a cara lacrimosa do doutor. A mulher, o ourives e os filhos foram esquecidos e a porcelana que elle havia trazido passou a ser o assunto da conversa. Só falou nos preços altos por que esperava vendê-la.

Morando eu no Catete, vi mais de uma vez esse *marchand ambulante* passar pela minha casa, seguido de um negro que levava à cabeça, num tabuleiro grande, sua porcelana. Ia vestido todo de preto, de escarpins, grande *chapeau à claque*, decorado com o cocar prussiano, sob o braço, e pendente da lapela uma medalha de prata. Imagine-se só a figura desse médico todo enfatuado, a oferecer porcelanas de casa em casa! Visitou um a um os principaes moradores do Catete: o cônsul inglês Chamberlain⁽⁵⁷⁾; a condessa de Linhares, viúva do ministro de Estado e irmã do antigo ministro francês em Berlim, conde de Saint Marsan⁽⁵⁸⁾; o conde de Viana⁽⁵⁹⁾, almirante da esquadra portugueza; a viúva do falecido governador da Bahia, condessa da Ponte⁽⁶⁰⁾, etc. Esta última, uma senhora jovial e atraente, que se parece com Madame Schrock, de Berlim, assegurou-me sorridente que não sabia o que fazer com Herr Ritter e suas porcelanas, que elle insistentemente oferecia.

Noutra occasião, appareceu Herr Ritter, sob o calor do meio dia, com seu negro carregado de porcelanas, em casa do cônsul-geral da Rússia, Herr von Langsdorff⁽⁶¹⁾, o circumnavegante, com quem no momento eu me encontrava. Ainda esfogeuado, estacionou sua mercadoria frente à dona da casa e de uma amiga, a senhora Marques, que escolheu algumas taças dentre os modelos clássicos, enquanto o doutor Ritter tirava a casaca na presença de todos, deixando ver suas fargas espartilhadas em suor. Quando a simpática e miúda senhora Marques viu o cômico espectáculo, pôsto mais em evidência pela sujeira

(57) Sir Henry Orlando Chamberlain (1772-1829), cônsul-geral e encarregado de negócios ocasionalmente, entre 1815 e 1829, no Rio de Janeiro.

(58) Gabriela Asinzi di San Marsano, a bella piemontesa, camareira-mor da princesa real. Seu irmão foi o plenipotenciário do rei de Sardenha no Congresso de Viena.

(59) D. João Manuel de Meneses (1783-1831). 1.º conde de Viana, marquês em 1821. Comandou a fragata *Urânia*, um dos navios que constituíam a família real no Brasil, e, como vice-almirante, a frota que levou D. João VI de volta.

(60) Le distinta família alemã (Daur), viúva do 6.º conde, João de Saldanha da Gama, governador e cônsul-geral da Bahia (1805-1809) onde faleceu.

(61) Feciherr Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852), médico e naturalista, nascido em Hessa. Foi o cronista da viagem ao redor do mundo do capitão Krusenstern (1803-1806). Nomeado cônsul no Rio de Janeiro em 1813, publicou em 1820 um *Guia para as pessoas que quizerem se estabelecer no Brasil*. Em 1821 foi encarregado pelo czar de dirigir uma expedição ao interior do Brasil (1821-1829), que teve de abandonar no Amatoys devido a uma enfermidade mental. Vegetou no sua terra natal o resto da existência, com uma pensão que o czar continuou a lhe pagar.

do colête, exclamou: *Mon Dieu! Mon Dieu! Je ne peux plus choisir, Fi! Fi!*; passando depressa a outra sala com a anfitriã. Não teve muitas ocasiões de rir durante minha estada no Rio de Janeiro, mas nesta oportunidade a cena foi irresistível como para Langsdorff.

Tendo falecido o médico da recém-chegada colônia suíça, o ministro da Prússia, conde de Flemming, conseguiu esse lugar para o doutor Ritter, o que veio muito a calhar, pois como médico no Rio de Janeiro dificilmente ganharia a vida, já sendo numerosos os médicos franceses, ingleses e portugueses.

Em carta escrita de Cantagalo — o sítio da colônia — a Langsdorff, queixava-se êle de sua sina e parecia pouco satisfeito com a posição de médico do hospital. Isto se deu pouco antes da minha partida. Meses depois, li outra carta em que o doutor Ritter informava seus amigos e conhecidos de que fôra nomeado médico do rei, em Santa Cruz. Não compreendo como êle possa desempenhar essa função quando não conhece outra língua além da materna, e médico do rei é cargo de relevo, distinguido com as mais altas condecorações. Uma carta de recomendação do conselheiro privado Hufland⁽⁶²⁾ à princesa herdeira poderá ter-lhe sido, é certo, de grande utilidade; contudo, tenho minhas dúvidas quanto a esta nomeação porque, para tanto, entram em jogo religião, línguas e *savoir vivre*. Pode ser que me engane, mas acho que Herr Doktor Ritter terá ainda que saltar muito obstáculo.

Santa Cruz é um lugarejo que fica a umas doze horas da capital, onde o rei tem uma quinta em que costuma residir um par de meses por ano. O local é muito bonito e, como por lá passa uma espécie de estrada real, que vai do Rio de Janeiro a Minas, não lhe falta vida e movimento, pois gêneros do interior estão sempre a chegar por ela, rumo à capital.

No que respeita às infelizes circunstâncias domésticas do doutor Ritter, cumpre-me ainda acrescentar que ouvi de alguns capitães de navio, que pretendem conhecê-lo, ter sido um justo castigo o que se passou com êle, porque sua atual mulher foi da mesma maneira roubada de outrem, em Berlim. De qualquer modo, parecem estranhas as relações entre os dois esposos, pois a doutora Ritter, escrevendo a uma prima em Ber-

(62) Hufeland: Christoph Wilhelm (1762-1836), médico de Goethe, Schiller, Wieland, etc., professor em Jena e Berlim.

lim, declara-se enamoradíssima do marido e ansiosa por uma pronta reunião; algumas passagens dessa carta são tão tocantes que é impossível acreditar que ela lhe tivesse sido infiel. Entretanto, elle se queixava, em pranto, justamente disso.

Quero apenas citar aqui um trecho da carta de Frau Doktorin Ritter, datada de Pernambuco a 8 de setembro de 1819, que demonstra ser de ciúmes que o marido sofre. Escreve ella: "Depois de quatro semanas em que me encontro no maior desespero, recebi carta de meu marido annunciando sua feliz chegada a Pernambuco, mas sem poder ainda mandar-me dinheiro porque malgrado seus esforços, ainda não pudera ganhar algo. Ainda que ameaçada de tudo perder, foi grande a alegria saber que tanto elle como meu filho estavam passando bem. Todos os companheiros de viagem aprontaram-se para partir quando subemos da chegada do navio. Também o senhor Lehr entrou em acôrdo com o guia despachado por meu marido quanto à partida. Imagina agora, querida prima, a minha situação! Chorei muito. Meu hospedeiro, um commerciante, tocado por minhas lágrimas, perguntou-me se preferia viajar a ficar. Respondi-lhe que sim. Falou então com o senhor Lehr e disse-lhe que, se elle estava pronto a levar-me com as crianças, dar-lhe-ia três cavalos e também o dinheiro para ser reembolsado somente em Pernambuco. Lehr concordou e obrigou-me a devolver a soma dentro de um mês.

"Erectamos a viagem do Rio Grande (do Norte) para Pernambuco. Tudo foi bem, as grandes chuvas já tinham passado, os rios baixavam pouco a pouco de modo que pudemos vadear-los a cavallo: a estrada é que continuava péssima, não só por causa das águas como pelo íngreme das montanhas, desprovidas de caminhos. Com o guia à frente seguiam os viajantes. Alguns desmoronamentos reduziam os passos, dificultando a marcha dos cavalos. Depois de dezoito dias, apesar dos inúmeros obstáculos e da chuva incessante, chegamos sãos e salvos a Pernambuco. Que alegria pôr abraçar meu marido e filho. Mas, nem esta pude ter depois de tanto sofrimento, pois havia partido cinco dias antes para o Rio de Janeiro."

De parentes da doutora Ritter ouvi, pessoalmente, bem como de outras pessoas em Berlim que conhecem a família, que ella pouco antes de partir para o Brasil tinha confiado todo seu dinheiro ao marido para a compra da porcelana. Daí, e como se sepeceende da carta, difficilmente poderia estar desa-

vinha com elle e só as circunstâncias haviam-na obrigado a deixá-lo primeiro no Rio Grande e depois em Pernambuco, sempre com as três crianças e sem recursos, e a juntar-se ao senhor Lehr, que com elles vinjara de Berlim. Também haviam querido seus parentes que ella ficasse com elles, mais os filhos, em Berlim, á vista da insegurança da viagem. Só o amor conjugal levou-a, em estado de gravidez, a enfrentar todos os riscos.

Perdoe-se-me esta digressão sobre um compatriota, cuja estranha attitude no Rio de Janeiro poderia manchar a reputação de uma concidadã.

XVII *A côrte. O Paço de São Cristóvão. A situação. A vista. A galeria. A estrada. As dicsersões do rei. Bondade da seu corção. Minha apresentação ao monarcha pelo ministro da Prússia, conde de Flemming. Genuflexão nos encontros com o rei ou membros da família real. O príncipe Dom Pedro.*

A VISTA DAS CIRCUNSTÂNCIAS, a côrte vive aqui com relativo fausto. Moram no Paço de São Cristóvão, a hor e meia da cidade, o rei, os príncipes herdeiros e ainda três filhos, a infanta Maria Teresa, viúva de Dom Pedro Carlos da Espanha, com um filho, menino de oito annos; o príncipe Dom Miguel, de quatorze, sofrendo sempre de solitária; e a linda princesa Isabel, cujo rosto lembra o da monja em oração, aquêlê quadro de Bardou que atraiu tanta attenção na Exposição de Arte de 1804 em Berlim. A rainha, do seu lado, reside com as duas outras filhas, as princessas Dona Micaela Maria, de dezoito annos, e Dona Josefa, de quinze annos, no Paço da cidade. Ainda uma princessa idosa, de nome Isabel⁽⁶³⁾, se não me engano, mora na cidade.

O Paço de São Cristóvão pertencia antes a um rico negociante de quem o rei o comprou no transferir sua residência

(63) A tia do Regente, D. Maria Benedita, viúva do príncipe Dom José.

de Lisboa para o Rio de Janeiro. Numa aprazível situação, um pouco elevada, goza de uma vista encantadora sobre a cidade⁽⁶⁴⁾ e o porto. De ambos os lados estendem-se altas montanhas e vales povoados de chácaras.

O edifício es-á longe de ser grande e tem um só andar com quatorze janelas de frente. Presentemente, constroem-se alas laterais para aumentar-lhe a superfície. Antes de chegar ao Paço, lá que atravessar extenso terraço. Uma escadaria circular de cênica de doze degraus, com sua balaustrada de ferro pintada de verde e ornada a ouro, dá acesso por dois lances à porta do palácio e, através desta, à galeria que ocupa tóda a extensão da fachada, com a largura de seis passos. De um lado desta modesta, mas condigna galeria, abrem-se as quatorze janelas da fachada, tendo a outra parede belas pinturas a óleo, representando cenas religiosas, através da qual várias portas dão para o interior do palácio. Na proximidade está a casa da guarda, que acomoda de trinta a quarenta homens de serviço, comandados por um oficial.

A estrada que liga o Rio de Janeiro a São Cristóvão é muito aprazível e flanqueada de casas de campo, passando antes pelo arrabalde relativamente povoado e de aspecto semelhante a uma cidade do tipo Herrenhut⁽⁶⁵⁾, que se chama Catumbi.

Este pequeno palácio pitorescamente situado, em que o rei mora no seio da família, tem ruído de simpático, especialmente quando comparado aos grandes castelos europeus, em que a serena felicidade doméstica não estabelece o seu trono.

O rei sofre de um pé doente que, segundo dizem, já causou a morte de vários soberanos portugueses. Quando éle sai a passeio, o que é muito freqüente, senta-se num carro aberto puxado por quatro belas mulas baías e saúda os passantes com a maior amabilidade.

Acompanhado quase sempre do infantezinho espanhol de oito anos, também sai para fazer exercício a pé quando seu

(64) A quinta foi oferecida pelo seu proprietário, Elias Antônio Lopes, que té-la a cobrado posteriormente. A grande esta pa impressão por F. Salathé (desenho do major Kretschmar) mostra em tóda a sua amplitude o panorama que se descortinava então da quinta e sua pitoresca situação.

(65) Herrenhut — pequena cidade perto de Loebau (Saxônia), fundada pelo comte Zinzendorf (1722) para os emigrantes protestantes de Mächren. Herrenhut tornou-se sede da *Evangelische-Brudergemeinde* Irmandade protestante que, originada do pietismo, tenta realisar a vida dos primitivos cristãos. E encontrada ainda, não somente na Alemanha como também nos Estados Unidos, na América Central, em África e Asia.

estado de saúde o permite. Por isso vive sob dieta severa e quase não bebe vinho. Seu rosto reflete a bondade de coração por todos reconhecida. Uma prova dessa bondade do monarca não ficará deslocada aqui. . .

O marquês de Loulé, até a partida do rei e da família real para o Brasil, era um favorito e, com a confiança do monarca, gozava de todos os favores d'ella decorrentes, o que não o impediu de passar-se em 1807 para o lado dos francezes, servindo no exército do Marechal Massena, príncipe de Esslingen, contra sua pátria. Depois que a regência em Lisboa soube de sua presença e a de outros grandes do reino no exército inimigo, foi elle condemnado à morte, em 1811, de acôrdo com as leis do país. A sentença foi executada em effigie, sendo os bens e propriedades dos culpados confiscados em favor da coroa.

Eis como o marquês contou a maneira como foi agraciado: (66)

Cheguei ao Rio de Janeiro no dia 27 de julho de 1817.

Desembarquei debaixo de caráter de official francez e no mesmo dia entreguei na residência da legação franceza os papéis que me haviam sido precisos até aquêllo momento para chegar aos meus fins sem obstáculos consideráveis. Fui occupar uma hospedaria na Rua de Sto. Antônio e no dia 29 procurei o primeiro ministro d'Estado, a quem disse estas palavras: "Rogo a V. Excia, queira pôr na presença de Sua Magestade que se acha nesta corte Agostinho Gonçalves José de Mendonça acompanhado tão-somente dos seus crimes e da firme e invariável resolução de morrer aos pés de seu rei" e retirei-me à minha residência segurando-me o ministro, que partia no mesmo momento a dar parte a El-rei. No dia 29 às 11 horas da manhã, o ministro da Policia me informou que El-rei determinava fôsse eu recluso na fortaleza de S. Cruz. Parti immediatamente, acompanhado do ministro da Policia e cheguei a este lugar às 3 horas da manhã do dia 31. Pedi ao ministro fizesse conhecer a quem competia que as minhas circunstâncias eram tais que precisava entrar em o número dos presos que a humanidade costuma socorrer. Retirou-se o ministro, tendo a generosidade de deixar ficar sobre a minha pequena mala a sua própria bolsa. Fiquei entregue a um ministro polido e cheio de humanidade que, por muitas vezes adoeceu o martirio das minhas considerações, forçando-me a acreditar o êxito mais favorável na incerteza da minha sorte. Tanta impressão fizeram as minhas circunstâncias no real irmão d'El-rei, que determinou socorrer-me, para o que se deram as ordens mais positivas e desde o dia 3 de agosto principiei a ser assis-

(66) *Relação que faz o Marquês de Loulé desde a sua chegada ao Rio de Janeiro, até ser perdoadado e reintegrado por sua majestade.* (O original se encontra inédito na Biblioteca Nacional, T. 14., n.º 31). O perdão de 29 de agosto de 1815 vem á p. 8 do tomo 22 do *Correio Brasileiro*.

tido com toda a qualidade de auxílio prestado da sua real casa. No dia 11 fui inquerido pela primeira vez e bem longe de pretender defen-der-me ou mostrar algum desejo de que podia justificá-me, confessei meus crimes com todas as circunstâncias que as acompanharam, o que deu motivo a simplificar as perguntas que se seguiram em número e mesmo em matéria. No espaço de 15 dias tudo estava concluído a este respeito e soube então que El-rei havia confirmado a sentença dada em Lisboa contra mim. Não duvidei mais da minha sorte, porém também não me arrependi de haver dado os passos que tenho referido. Os grandes do Reino, meus parentes, amigos e mesmo inimigos correram aos pés do monarca que ao menos me perdoasse a pena última e alguns heuve tão generosos que pretendiam cativar seus relevantes serviços tão-somente por tal objecto. A humera do monarca mostrou a todos que a minha corte estava decidida e consequentemente fiquei abandonado ao meu destino. Todos perderam a esperança de minha salvação e muito mais quando viram passar o dia da gloriosa aclamação e que El-rei nem ao menos de mim falou. Dois dias depois da exaltação do monarca, alguns grandes do Reino em ocasião oportuna entregaram uma memoria ao seu irmão, que a guardou, e seus gestos descobriram a todos que S. M. não consentia que pesara alguma lhe falasse em mim. Consequentemente esperava eu a todas as horas o instante de meu supplicio. A 20 de março de 1818, entou na minha prisão Fr. Custódio, clero da minha alegria e me disse: "Entrando eu ontem à noite ao quarto d'El-rei, o achei muito alegre, e me disse: "Sabes, Fr. Custódio, que tento desirndo perdoar ao marquês de Loulé?" Bejei a mim a sua majestade e lhe pedi o favor de ser o portador de tão grata noticia. El-rei me deu a entender que estimava muito a minha resolução e acrescentou: "Sim, vai e diz ao marquês que nos dias de hoje e amanhã recorda a santa Igreja as grandes finezas que Jesus Cristo praticou com os homens e que eu o devo imitar"; poucas horas depois chegou um correio com ordem da minha soltura e a licença de poder recolher-me à corte do Rio de Janeiro, concedido-me a honrenagem de toda a cidade. Fui ocupar a minha hospedaria, que havia já occupado, na qual fui cumprimentada pela corte e por outras muito distintas pessoas. 2 dias depois da minha residence na hospedaria, entrou no meu quarto um homem e me enregou um saco de damasco com dinheiro e um bilhete fechado; assim que abri o bilhete retirou-se o portador sem esperar resposta: dizia o bilhete: "Quatro contos de réis para o marquês de Loulé diminuir o número de seus males" (67). Conheci a letra e respeitei-a ainda mais do que o próprio socorro que uma tão verdadeiramente grande me liberalizava. No espaço de 5 semanas tive algumas occasões de encontrar a El-rei, e sua augusta familia e algumas vêzes me vi ser majestade deixando-me entrever de que me não olhava com indignação e desprezo. Encontrei uma tarde a augusta princesa real, que vinha de seu passeio ordinário. S. A. teve a bondade de parar e dizer: "Vós sois o marquês de Loulé?" Respondi: "Desfrutei algum tempo essa grandeza, hoje, minha senhora, sou um desgraçado." "Marquês não corombo nisso", me tornou a princesa, "meu pai, Rei do Reino Unido, não é vosso inimigo". "Creio, minha senhora", lhe respondi, "que

(67) Com pensões anuais do Erário de quatro contos eram aquinhoados os maiores fidalgos que acompanharam o rei, segundo o relatório de 1819 p. citado por Melo Moraes (*História da translação da Corte*).

o meu rei não é inimigo de pessoa alguma, porém, também creio que o não posso ter por amigo verdadeiro". S. A., para me tirar do enlace em que me via, se aproximou mais e me fez a honra de dar-me a mão a beijar. Continuou a sua marcha e eu fiquei lutar-lhe com a minha oposta consideração: 4 dias estive no meu quarto sem sair fora, porque todo tempo me parecia pouco para considerar na minha situação. Mui conjeturas fazia e outros tantos partidos queria tomar, porém tudo ficava desfeito pela cruel consideração de quem tinha sido, quem era e a quem tinha ofendido.

As 11 horas da noite do quarto dia entrou meu amigo marquês de Belas no meu quarto deu-me um abraço com as lágrimas nos olhos e me disse: "A princesa real visitando esta tarde a El-rei, ela fez recitar a conversação do encontro que tivera com você. A princesa teve a delicadeza de dizer a El-rei: "Eu não quero ofender o coração de meu pai em pedir-lhe favores para com o marquês de Loulé, pois não quero que ninguém presuma que a uma princesa se deve a conclusão de uma obra tão generosamente principiada por um rei." Aproveitei a ocasião e disse: "Eu teria já acabado esta questão se fosse Agostinho de Mendonça". "Como?" (me disse El-rei). "Lançando-me aos pés de V. M. donde teria achado o meu descanso." "E por que não tem o marquês de Loulé de do esses passos? Esperava que eu o procurei?" Beije a mão a El-rei. Sai imediatamente a declarar-vos que S. M. vem depois de amanhã a esta corte, e que vos resolvais segundo o que vos tenho dito. Saiu o marq. de Belas e eu fiquei quase como louco parecendo-me que existia em um mundo diverso; dois dias depois, a duas léguas e meia distante da corte, esperei o meu rei e na distância que me parecia convenientemente ajoelhei no meio da estrada. Chegou sua majestade e fez parar o seu palanquin e me disse muito brandamente: "Que quer o marquês?" "Lembrar a V. M. que a minha família não tem parte nos meus crimes e depois morrer aos pés do meu augusto soberano." "O marquês exortou-se muito vindo a esta corte sem auxílios." "As virtudes de vossa majestade me animaram a dar um passo tão arriscado." "Dizei, marquês, está convencido de que devo perdoar-vos?" "Não, Senhor, os meus crimes me impedem essa ventura." Voltando-se El-rei para a sua equipagem, lhe disse "É o primeiro que, fiando-se no meu coração, veio entregar-se nas minhas mãos". Voltou-se depois para mim, disse-me: "E vossos crimes ficam aqui sepultados e nunca mais me lembrarei deles, tudo vos dou, até a minha amizade. E para vos confirmar que vos não enganastes com o coração de vosso rei, vinde para a corte, na qual já não há lugar vedado ao marquês de Loulé."

Aqui termina esta história (68).

Ao ser apresentado ao Rei, com meu sobrinho, pela bondade do ministro da Prússia, envergava eu o uniforme prussiano de cavalaria. O soberano, que estava simplesmente, à paisana, ostentando um único crachá, recebeu-nos muito afã-

(68) O marquês de Loulé (1790-1824) incorporou-se no Exército em 1807, romandou um regimento português de cavalaria. Foi a campanha da Rússia e, como Lehold, foi evadido em 1812. Cf. Kunigst.org, tendo servido ambas na cavalaria. Morreu assassinado misteriosamente em Salvaterra de Magos.

vemente. Perguntou-me em francês quanto tempo tinha servido, se a viagem tinha sido demorada, como me estava dando no país e ainda o que achava do calor, etc. Por fim despediu-nos com a maior gentileza. O rei tem uma extraordinária semelhança com o falecido banqueiro Cohen, de Berlim, não só no físico como no seu modo de ser, observação que meu cunhado corroborou.

Passou antes de nós o núncio apostólico, a quem fomos igualmente apresentados. Depois de nossa saída, tinham audiência os cônsules da Dinamarca e da Holanda. Eram oito horas e começava o beija-mão. Ao sairmos do gabinete real, encontrava-se reunida na já mencionada galeria uma centena de pessoas de tôdas as classes, inclusive senhoras vestidas de negro.

Para uma audiência privada toma-se a direita na galeria, onde no fundo está a sala do rei; para o beija-mão toma-se a esquerda. Pelas oito horas abre-se uma porta que conduz ao grande salão, ou sala do beija-mão, que descreverei mais abaixo.

Quando sai o rei ou alguém da família real, todo português ou brasileiro, sem exceção, faça o tempo que fizer, deve apeiar do carro e fazer sua genuflexão. Só as mulheres estão excluídas. Até alguns anos atrás os estrangeiros também eram forçados à esta vexatória obrigação, mas após determinado incidente, só os súditos do rei de Portugal, Brasil e Algarves ficaram sujeitos à mesma. Passou-se assim: à saída da rainha, certa vez, faz alguns anos, a escolta que sempre a acompanha viu que um senhor a cavalo não se apeou logo, para fazer a genuflexão. Dois jovens fidalgos, que cavalgavam à frente, agrediram-no em consequência com seus sabres. Esse estrangeiro era pessoa de categoria, que logo se retirou para bordo de seu navio, onde foi visitado por todos os ministros estrangeiros⁽⁵⁹⁾. O caso foi resolvido em silêncio e imediatamente baixada uma ordem dispensando da obrigação os que não fôsem súditos do rei.

Mesmo as pessoas mais gradas devem ajoelhar e beijar a mão de cada membro da família real. Eu vi, na escadaria de São Cristóvão, como se fazia à chegada do rei com seu netinho espanhol, que foi o primeiro a descer da carruagem e deu a mão direita a beijar aos que ali se achavam, ajoelhados, nos

(59) Tratava-se do Comodoro Bowles, chefe da Estação Naval Inglesa no Rio da Prata, de passagem a bordo da fragata *Le Crêole*.

estreitos degraus, num dia de beija-mão. Todos os presentes precipitaram-se para baixo a fim de receber o rei, que, devido ao pé doente, teve de ser carregado. Aquêles que puderam aproximar-se também beijam a mão reclinada do monarca.

O príncipe Dom Pedro, deve ter vista má. Encontrei-o muitas vêzes, com a mulher, a arquiduquesa Leopoldina da Austría — sempre com seu chapéu redondo de homem — quando vinham de São Cristóvão passear pelo Catete, o que acontecia quase diâriamente. Eu o saudava respeitosamente tôdas as vêzes e êle, apesar de olhar fixamente, nunca respondeu ao meu cumprimento. É, de resto, um belo homem e usa suíças espêsas, bem negras. De uniforme, tem a presença e a vivacidade de um official francês.

O rei, como já disse, é sempre amável com todos; também os demais membros da sua família, aos quaes, pela etiqueta da côrte, os estrangeiros não são apresentados.

XVIII *O ceremonial da côrte O séquito da família real. Festejos por ocasião da chegada da arquiduquesa Leopoldina da Austría, mulher do príncipe herdeiro.*

O APARATO EXTERNO DA CÔRTE está à altura da dignidade real. Quando um príncipe ou princesa deixa o palácio, segue a carruagem uma espécie de guarda-de-corpo, de uniforme parecido ao dos nossos hussardos, sabres desembainhados. A rainha, ao sair, é acompanhada do seguinte cortejo: dois cadelotes ou fidalgos de serviço, montados, à frente; oito homens da guarda, também a cavalo, seguem-nos e, atrás dê'es, um laçao em libré azul-marinho, com galões de côr, chapéu tricôrn o de fitas praticadas e, em vez de trança, um rabicho comprido amarrado por sua preta, cujas pontas tremulam ao vento. Este leva, junto à crina do cavalo, pequeno tamborete, semelhante a um caixaõ de criança, forrado de carmesim e semeado de estrêlas, que serve de degrau para se descer da carruagem. Segue-se a êste laçao o carro da rainha, puxado a quatro mulas e, de pé, atrás, vão dois palafreiros com a mesma libré. A seguir, o

carro do camarista de dia, menor, como a sege anteriormente descrita (cap. XII), puxada a duas mulas. As librés deixam a desejar quanto à limpeza. Os chapéus são bastante usados e sujas as fitas.

Quando o rei vai ao teatro, o que raramente acontece e só em ocasiões solenes, como aniversários — não se verificou nenhum durante minha estada de quatro meses — a família real o acompanha. Sem êle, esta jamais frequenta o teatro. A pompa é então indescritível, como já tive ocasião de dizer.

Contaram-me que numerosas foram as festividades oficiais e populares quando dos casamentos de príncipes e personagens da corte; assim ocorreu p. ex., quando se casou o príncipe herdeiro com a arquiduquesa Leopoldina da Áustria, faz três anos. Eis o que vi a saber, segundo um relato escrito, sobre esse acontecimento, do qual ressalta claramente o amor do povo pelos seus governantes.

Em tôdas as ruas pelas quais seguia o cortejo da filha do imperador estavam as casas adornadas com colchas de sêda, tapêtes multicolors e os passeios juncados de flôres e pétalas. Entre o Arsenal de Marinha e a Capela Real, três arcos de triunfo ostentavam alegorias e decorações diversas, com inscrições alusivas. As onze horas, a rainha e as princesas se dirigiram ao Arsenal com seus respectivos séquitos em seis carruagens, seguidas, as doze, pelo rei e pelos príncipes mais os dignitários do Paço e altos funcionários. Depois das duas, desembarcaram os viajantes, ao repicar dos sinos e ao troar dos canhões. Dos dois lados da rua principal, a infantaria formava alas. Um destacamento de cavalaria abria o cortejo, a que se seguiam os palafreiros do Paço, a cavalo levando dois dêles os banquinhos forrados de damasco vermelho; atrás a banda da cavalaria; logo depois oito macciros, os reis-de-armas, os arautos e o corregedor de justiça, todos montados e em traje de grande gala. Depois desta brilhante vanguarda, vinham os conselheiros reais em carruagens a dois cavalos, o estribeiro-mor, o mordomo-mor, os camaristas em três côches reais, cada qual seguido de quatro lacaios a pé. O tenente da real guarda, o segundo estribeiro, a cavalo, e lacaios a pé precediam o côche real, todo dourado e puxado a seis fogosos cavalos pretos, cujos arreios eram cobertos de veludo carmesim, bordado a ouro. Nêle estavam o rei, a rainha, a arquiduquesa e o príncipe herdeiro. Ladeavam-no os moços da Câ-

marra, de cabeça descoberta, e fechava a retaguarda o capitão da guarda. A seguir, dois outros côches igualmente ricos e puxados a seis cavalos, conduziram os príncipes e as princesinhas da casa real. Por fim, vinham o regimento de cavalaria, um côche vazio e as berlindas com as damas da corte, as aias e outros servidores (70).

Durante todo o dia ressoaram, sem cessar, as aclamações populares em frente ao Paço e pelas ruas. De noite saiu novamente o cortejo do palácio, à luz das tochas e das luminárias urbanas, passando outra vez sob os arcos triunfais rumo ao Arsenal, onde embarcou para São Cristóvão, a cuja entrada fora igualmente erigido outro arco de triunfo (71).

Estas festividades duraram três dias. O primeiro no mar, quando entrou à barra o navio de linha D. João VI, indo o cantarista conde de Viana, num escalote real, todo dourado, ao seu encontro cumprimentar a arquiduquesa em nome do rei. Mais tarde, o rei, a rainha, o príncipe e demais membros da família real também se dirigiram para bordo na galeota real. O espetáculo das bandeiras desfraldadas, dos marinheiros nas vérgas e dos navios empavesados, refletindo-se na água deve ter sido magnífico como foi feérico, à noite, o aspecto de conjunto das luzes do Arsenal, das ruas, dos fortes e dos navios (72).

No segundo dia, verificou-se a repetição da já descrita entrada, a cerimônia religiosa dos noivos na Capela Real (73).

(70) Letrinha deve ter-se servido do mesmo texto de que se utilizou o padre Perereca (Luís Gonçalves dos Santos) em suas *Memórias* (Lisboa, 1825).

(71) O de São Cristóvão, levantado pelo comendador Joaquim José de Sequiera.

(72) Estas cenas foram fixadas por três artistas em cenas consecutivas. Primeiramente o já referido Feithbeck (estampa n.º 7) desenhou a côrte o cenário que precede a desembarque. O primeiro plano mostra o pavilhão erigido especialmente, a praça circundada por um parapeto de veludo encimado, a grade de honra militar e a banda, o côrte em que os soberanos e nublentes passeavam pela cidade. Todos os possuídores correspondem ao texto, salvo o côche que é pobre (isto provavelmente por deficiência do artista). No mar, a galeota real e os navios e os navios empavesados que se encontravam no largo. Em segundo lugar, vêm as duas gravuras conhecidas de Debrat. — intituladas *Solene desembarque*, olhando para São Bento e a outra mostrando a cena debaixo do pavilhão. Finalmente a gravura, só conhecida de um exemplar reproduzido no *Dicionário de Genealogia Portuguesa* (vol. II, p. 373) e al. *atrib. Ja a Pallière*, que representa o momento em que os reais personagens se dirigem para a carnagem.

(73) Este momento histórico foi igualmente fixado por Tomás Ender (estampa n.º 8), vendo-se a povo e a tropa no Largo do Paço quando se realizava a cerimônia nupcial. No fundo, a varanda decorada por Grandjean de Montigny, onde teve lugar três meses depois a aclamação de D. João VI.

o banquete no Paço e as festas em casas particulares, para comemorar a data.

No terceiro dia, desembarcou o embaixador imperial Conde von Eltz acompanhado de camaristas que o conduziram até o Paço, em côrte de gala puxado a seis cavalos, seguindo os camaristas em três outros carros, o que foi uma renovada ocasião para as demonstrações populares.

XIX

As relações do rei com a mulher. O beija-mão. A indumentária dos que assistem a essa cerimônia. O trono. A sala ao trono. Como se procede ao beija-mão. Música em frente ao Paço durante a solenidade. Seiscentos beija-mãos. O capelão-mor. O marquês de Loulé. Damas. Festividades. Cerimônia de gala no Paço da cidade. Fogos de artifício.

O REI VIVE SEPARADO DA MULHER, que mora, como já referi, com suas filhas no Paço da cidade, enquanto que elle, com os demais filhos, no de São Cristóvão. A rainha vai todos os dias ao Catete, acompanhada de uma dama da côrte, o único passeio próximo, aliás, não pavimentado como é a estrada que vai para São Cristóvão. Embora arenoso, oferece a compensação da praia de Botafogo, que fica para além do Catete, a menos de uma hora da cidade.

O beija-mão, igualmente de rigor na Espanha, é uma cerimônia em que o rei recebe normalmente tôdas as noites, às oito horas, em São Cristóvão, e, nas grandes solenidades de gala, no Paço da cidade, depois da missa na Capela Real. Se o rei não se sente bem, se adormece ou se sobrevém uma tempestade, o que produz, sobre elle forte impressão, encerra-se em seus aposentos e não recebe ninguém. A brilhante assembléa de damas e cavaleiros reunida na galeria de São Cristóvão, onde não há bancos nem cadeiras, é então despedida sem nenhum acanhamento e muitas vêzes depois de longa espera.

Para o beija-mão, enfileiram-se do lado esquerdo da entrada: generais, ministros, conselheiros, sacerdotes, em suma, gente de tôdas as classes, pois todos têm direito a participar, sem distinção, da cerimônia, desde que apropriadamente vestidos. Quem não tem direito a uniforme, enverga casaca preta, colête branco, calções e sapatos pretos; traz um sabre recurvo e dourado, do comprimento de um pé, e *chapeau à claque*, sob o braço. Assim, sem diferença, apresentam-se todos, menos os que não são fidalgos, isto é: professores, artistas, negociantes e artesãos, etc., que não têm direito a espadim⁽⁷⁴⁾.

Recebendo o rei, então, às oito horas, — às vezes mais tarde, se dá antes audiência a diplomatas estrangeiros — abre-se a porta do grande salão, onde ele já tomou lugar no trono, que ocupa toda a altura da sala. Ao lado, fica uma pequena mesa com dois castiçais, sobre a qual, o soberano deposita as petições que lhe entregam. Flanqueando o trono, dois enormes anjos⁽⁷⁵⁾, de asas e armadura prateadas; são imponentes, mas deixam ao mesmo tempo uma impressão cômica. As pessoas reunidas na galeria passam sem ordem de precedência para a saia do trono. Ao chegar a quatro passos do rei, o primeiro faz uma reverência, e, aproximando-se, ajoelha com um ou dois joelhos, à sua vontade no estrado em que está o rei e lhe beija a mão direita, para isso inclinada sobre o braço esquerdo. Assim ajoelhado, diz o que tem a dizer ou deixa a sua petição. Depois do que, beija-lhe novamente a mão, ergue-se, faz nova reverência, saindo por outra porta lateral.

Junto à casa da guarda, no portão do palácio, uma banda de instrumentos de sùpra toca durante a cerimônia, mas tão miseravelmente quanto entre nós as charangas de campônios. Os clarinetes são estridentes como pífaros.

Contei uma noite trezentas pessoas, de modo que o rei teve a mão beijada seiscentas vezes.

À direita do trono, mas a uma certa distância e todo o tempo que dura a solenidade, ficam os grandes do reino, com o capelão-mor⁽⁷⁶⁾ à frente, personagem grande e corpulento,

(74) Do beija-mão (*Court day*) no Paço da cidade existe uma estampa (n.º 11) pelo autor de *Sketches of Portuguese Life* (Londres 1826). esse é um flagrante caricatural da cena descrita por Lethold.

(75) Estes anjos sustentavam o dossel do trono.

(76) D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo do Rio de Janeiro, desde 1808. Rejeitado por Debret.

de batina preta, tendo no peito um crachá, e, pendente de um lado, uma bolsa igual à moda Pompadour, de veludo vermelho bordado a ouro. Trazia na mão um pequeno leque com o qual se abanava continuamente, por causa do calor e de sua corpulência. Ao lado d'ele, o conhecido marquês de Loulé, em simples traje negro e de botas; seguiam-se outros dignitários ostentando condecorações. Se o número dos postulantes é grande, a cerimônia pode durar duas horas. A primeira vez que compareci, um sacerdote português falou com o soberano um bom quarto de hora. A maioria limita-se a beijar a mão, retirando-se sem dizer uma palavra. Senhoras também comparecem vestidas de preto e são introduzidas depois dos homens, observando o mesmo ritual.

Depois dessas cerimônias, o rei sente-se muito cansado, sobretudo se a concorrência é grande. Está sempre a enxugar o suor do rosto e repousa o pé enfermo sobre um banquinho.

Dessa primeira vez foram tantos os concorrentes que só pelas dez horas cheguei a São Cristóvão. À volta, as mulas da minha sege malgrado as chicotadas e gritos do cocheiro bêbedo recusaram-se, por desgraça, ir além do Rossio e eu tive, bem ou mal e na escuridão, que continuar a pé para casa, distante uma hora.

São feriados no Rio de Janeiro, os aniversários da família real, os numerosos dias santos, também a data da descoberta do Brasil, ocasiões em que o rei recebe no Paço da cidade. São os beija-mãos de gala. Todos os camareiros convergem casacas escarlates, bordadas a ouro, canhões e lapela azul-marinho, vestes azuis, bordadas a prata e calções da mesma cor. Apresentam-se, então, de tricórnios e plumas brancas, com bandas e crachás. As senhoras ostentam brilhantes e vestem-se à moda francesa.

Para maior relêvo da festividade, soam foguetes em plena luz do dia e durante todo o tempo. Mas também é tudo quanto se faz aqui. Jantares, bailes, reuniões em casas particulares são coisas que não se conhecem, posto que não faltem pessoas, pode-se bem dizê-lo, em brilhantes condições pecuniárias.

Nessas grandes ocasiões, os navios portugueses com estrangeiros desfraldam suas bandeiras grandes, o que sempre constitui soberbo espetáculo.

XX *A Capela Real. O mestre de capela. Pouca devoção e sentimento religioso dos portuguezes. Um cõo na missa. As senhoras. Sermão em portuguez. Renovando conhecimento com um francês. Sua sima.*

A CAPELA REAL é uma das dependências do Paço da cidade, pequena, mas ricamente decorada a ouro. Nela assisti a várias missas, ás quaes estavam presentes o rei e tãda a família, com exceção da rainha.

Quando o rei vai à missa nos dias de grande gala, a música que se executa no cõro é dirigida pelo conhecido mestre de capela, Marcos Portugal (77). As partes de solistas cabem a dois castrados, que vestem sobrepelizes. Bem ipsoados e de fisionomias atraentes, um d'elles é o irmão da já referida demoiselle Faschiotti (78).

As missas de Mozart, Marcos Portugal e Neukomm foram executadas com muita precisão. Herr von Neukomm (79), hábil pianista e de grande cultura, é o mestre de capela da princesa real. Lamentavelmente sofre do peito. Disse-me êle que madame Milder Hauptmann, do teatro de Berlim, é sua aluna. É autor de diversas missas muito apreciadas. Entre suas obras menores, considero a *Marche triomphale à quatre mains* (80) que dedicou no dia do seu aniversário ao príncipe real, também grande amador de música, não só é muito bem composta como excellentemente concatenada das quatro mãos, o que nem sempre ocorre. Entre nós, por exemplo, as belas

(77) Marcos António da Fonseca Portugal (1762-1830). Regeu a orquestra de São Carlos em Lisboa, foi mestre dos lires de D. João e depois mestre de capela do Imperador. Ficou vivendo no Rio de Janeiro.

(78) Esses castrados não eram, pois, feitos ou desproporcionados como os apresenta o caricaturista anônimo dos *Já alud dos Sheiches* numa cena carioca (*Party at Rio de Janeiro*).

(79) Sigismundo von Neukomm (1778-1858). Aluno de Haydn e compositor de talento austriaco que vivia em Paris. Mariaiva agregado à música artística francesa. Rivalidades com Marcos Portugal fizeram-no deixar o cargo em 1823.

(80) Foi esta marcha, se não me engano, publicada por Breitkopf, Härtel, em Leipzig (Nota do autor).

ouvertures de Tito, da Flauta Mágica, de Sergines e do Califa de Bagdá foram de todo desfiguradas por um mau arranjo.

Não reconheci nesta capela, dedicada ao culto, a tão gá-bada religiosidade católica. Durante a missa, entravam e saíam religiosos das diversas ordens, moviam-se negros e mulatos de um lado para outro, enquanto a gente, mesmo respeitável, de ambos os sexos, ria e conversava. Para meu grande espanto, havia um cão que ladrava junto ao altar durante a missa e ainda emporcalthava o chão, sem que a assistência fizesse caso; pelo contrário, continuou em paz como se nada fôsse. A isto, sim, se chama tolerância!

Não há bancos nem assentos; ou se fica de pé ou ajoelhado. As mulheres vestem-se de preto e ainda se cobrem de véus bré-tos, dando-me a estranha impressão de me achar entre mortos.

Ouvi um sermão em português na Capela Real, que, naturalmente, não entendi, mas os que puderam apreciá-lo me informaram depois que o pregador só distera tolices. Sua gesticulação exagerada e suas freqüentes exortações já mo haviam feito suspeitar. Os paramentos da missa são ricamente bordados.

Nos grandes dias de festas, como já disse, o rei vem com a família para a cidade e permanece no Paço, de onde se dirige à capela, na companhia da família e dos grandes do reino, em grande gala, por uma passagem coberta que liga esta àquela. Acabada a missa, concede o beija-mão.

Nesta capela renovei contato com o sr. Armand⁽⁸¹⁾, francês que conheci em 1812 em Königsberg, na Prússia, onde havia sido chefe dos transportes e provisões de boca da artilharia francesa. Contou-me êle que o governo prussiano ficara satisfeito com sua conduta, tanto que lhe fizera presente de um carro. Falou-me muito no conselheiro privado Minut, com quem tivera que tratar de negócios públicos. Armand foi meu companheiro de todos os dias e, se eu tivesse podido realizar meu projeto — estabelecer-me como fazendeiro de café —, o teria feito meu sócio. Tendo em sua mocidade trabalhado dois anos numa fazenda de café, em São Domingos, possuía êle suficiente experiência nessa cultura; além disso, era esforçado e perseverante, tendo aprendido regularmente o português no ano de sua permanência. Pertencia ao grande número de infelizes

(81) François Armand, chegado ao Rio em 1818.

que mereciam melhor sorte do que passar o tempo a meditar sobre o destino.

Armand se associara a um compatriota e applicara seu capital na compra de artigos francezes para tentar a sorte. Apenas chegado ao Rio de Janeiro, seu sócio vendeu tudo às escondidas e safou-se com o dinheiro. Para assegurar sua subsistência, tomou então a direção de importante engenho de açúcar pertencente a um fidalgo, este porém não cumpriu o contrato — contava êle — pelo que não pôde continuar no negócio. Confesso que seu futuro passou a interessar-me tanto quanto o meu.

Quando, às vèzes, eu me desesperava ante meu insucesso, êle sabia consolar-me. Meu cunhado, muito occupado, não tinha tempo para dedicar-se a mim. Quem me fazia companhia era êle, fato que me foi sempre agradável. Antes de minha partida, procurei diversos portuguezes, que conheci por intermédio de meu cunhado, para interceder em seu favor.

XXI *Os militares. O Estado-maior. Estabelecimentos militares e científicos. Belas-arte. O Museu de história natural. Os passaros de Montevideo. Os papagaios. Conventos para mulheres infelizes. Curiosa vingança por crimes. Estabelecimentos de banho. O mercado de escravos.*

OS MILITARES NÃO DESEMPENHAM, na verdade, um papel de relêvo. A guarnição consiste somente, além da milícia, à qual pertencem todos os cidadãos, de dois regimentos de linha com 1500 homens cada, transferidos de Lisboa para o Rio de Janeiro, e de um terceiro de negros livres, cujos officiaes também são negros. Não existe cavalaria, a menos de estar enganado, fora alguns esquadrões de policia montada que têm sua caserna no largo do Rossio⁽⁸²⁾.

(82) Entre as tropas vindas de Lisboa em 1815 havia, na verdade um destacamento de cavalaria do exercito (1.º regimento), conforme me conta o padre Ferrereta, sem falar no de policia montada, cujo uniforme Ender nos mostra.

O Estado-maior tem bela presença. Nos beija-mãos vi muitos de seus membros em brilhantes uniformes, que obedecem mais a critérios individuais do que a dispositivos regulamentares. Divide-se o mesmo em dois grupos, segundo me foi observado: *un qui dort et l'autre qui ne dort pas*.

A Guarda Nacional⁽⁸³⁾ montada, que dá escolta às caruagens do rei e da família real nas grandes solenidades, consiste de jovens fidalgos e ricos negociantes, vestindo esplêndido uniforme.

Entre os estabelecimentos militares merecem menção o Arsenal de Marinha, a Fábrica de Fuzis, em que se trabalha diariamente, e a Fábrica de Pólvora, distante umas poucas horas da cidade.

Quanto aos estabelecimentos científicos, destacam-se favoravelmente alguns seminários, a Academia Militar, várias escolas públicas e os pensionatos franceses para meninas.

Também há uma Escola de Belas-artes (escultura, pintura, etc.) mas que estaria ainda numa fase incipiente, segundo me foi dito.

Entre os gabinetes de história natural há que mencionar o de minerais, organizado pelo engenheiro-chefe Werner, de Freiburgo, na Saxônia, constante na maior parte da famosa coleção Pabst von Ohain, que o governo português comprou para o Museu Real de Lisboa⁽⁸⁴⁾. As demais coleções de curiosidades da natureza e da arte não as pude ver devido as muitas ocupações de meu cunhado e a meus inúmeros problemas.

Chamaram minha atenção as riquíssimas coleções de insetos e pássaros de Herr von Langsdorff, a cuja casa fui muitas vezes, especialmente as belas séries de colibris brasileiros e de lindas borboletas.

Entre os pássaros que vemos no mercado ou que são oferecidos pelos vendedores ambulantes atraíram-me os de Montevideu. São do tamanho de uma coróvia, de cor cinzenta, e têm uma pena escarlate na cabeça, medindo uma polegada, que lhes dá uma graça toda especial. Quis comprar um casal para trazer, comigo, mas o preço pareceu-me um pouco alto; além disso eu receava que não suportassem o clima nórdico da

(83) Guarda Real e como se intitulava.

(84) Núcleo do Real Museu de História Natural, criado por decreto de 6 de junho de 1818 e instalado no edifício onde está hoje o Arquivo Nacional.

Alemmha. Seria perda apreciável, pois não se consegue um par por menos de quarenta patacas. Procurei em vários lugares se os encontrava mais baratos. Ninguém baixava uma só pataca. Tive assim que desistir d'esses pássaros realmente encantadores.

Trouxe, porém, um papagaio, de que há em quantidade, mas que se compram a preços que tampouco são modestos (vide capítulo VII). Os de anel amarelo em tórno dos olhos são os que melhor aprendem a falar. Os demais, segundo Larysdorff, não são tão communicativos.

Entre os passarinhos dos arredores do Rio de Janeiro, existe uma espécie pequena como a dos pardeais, de uma plumagem negro-brilhante. Nossos poibos europeus também viveram em fombais nas casas de campo.

Não há que esquecer, ao falar das instituições, um convento para mulheres, onde os maridos podem encerrá-las por capricho e outras razões. Não o visitei, mas sabe-se que, pela lei portuguesa, o marido tem o direito, em certas circunstâncias, de prender a mulher por um lapso de tempo ou mesmo por toda a vida. Tem êle então que prover á sua subsistência. Muitas mulheres, especialmente as viúvas, entram para êsses conventos por sua própria iniciativa, pagando sua manutenção antecipadamente.

Devo ainda referir uma outra maneira original de vingança por ciúme. Certo favorito da côrte tinha uma amante, outro personagem, não menos importante, conquistou o coração da jovem, o que foi denunciado ao primeiro. Este, para vingar-se, fê-lo seguir uma noite por alguns de seus escravos, que lhe applicaram umas boas chicotadas. O caso teria parado aí, tendo-se calado ambas as partes; mas, por causa dos negros em questão, todo o Rio de Janeiro ficou sabendo.

Mais um episódio: certo fazendeiro tratava rudemente seus escravos, especialmente o marido de uma negra que lhe havia caído em graça. Este marido, enamorado da mulher, não o suportava. Trabalhando no campo um dia com seu machete, o senhor caiu sobre êle como de costume, a accusá-lo de preguiçoso. O negro agarrou do machete e firmemente partiu-lhe a cabeça. Houve inquérito e processo, mas nada aconteceu ao escravo. Assim me foi contado por pessoa fidedigna.

As casas de saúde acham-se aqui em más condições. Estabelecimentos de banho não há de todo e, no entanto, em

nenhum lugar são elles mais necessários, pois aqui a pele está sempre em transpiração. Um alentejo abate no cais, perto da cidade, um do tipo corrente, coberto, mas é tão pouco frequentado, que vai ter que fechá-lo. Os homens preferem banhar-se no mar, ao que nunca me animaei, não só por causa da ressaca como porque a praia estava sempre infestada de negros e de vagabundos. Antes de nos darmos conta, vêm as ondas com rapidez, cobrindo os vinte passos de largura da praia, e logo reciam, sem deixar traços na areia, o calor absorvendo a umidade.

Para tomar banhos de mar é preciso acordar cedo. Depois do nascer do sol, torna-se o calor insuportável. Já em si são bastante perigosos e ainda há os tubarões que não somente mordem os pés dos banhistas como chegam por vêzes a devorá-los. Em razão da temperatura, sou de opinião que se deveria instalar banheiros em cada casa do Rio de Janeiro, o que seria, aliás, fácil, já que é excelente a água que vem das montanhas próximas, podendo ser trazida, sobretudo para o Catete, sem maior trabalho ou custo.

Entre as instituições públicas, há que mencionar também: o mercado em que se vendem escravos. Nunca pude me decidir a visitá-lo, porque estes infelizes são ali apresentados, examinados e vendidos como se fossem simples animais.

XXII

Os arredores de Botafogo. Belo passeio. A casa do ministro de Estado. A residência do ministro da Prússia. Beijiflôres. Ar celesial São Domingos. Embarcações. Vida solitória no Rio de Janeiro. Trecho de uma carta de von Langsdorff a um amigo na Alemanha. Comparação das paisagens do Brasil com as do condado de Glutz. O padre Correia. O clero.

OS ARREDORES DA CIDADE são por toda parte do maior pitoresco. Para trás do Catete, a menos de uma hora da cidade, está a mencionada praia de Botafogo, cujos altos penhascos têm ao

sopé agradáveis chácaras; pena é que o caminho seja tão arenoso, o que torna a marcha cansativa. Noutra direção, igualmente agradável e muito frequentada, uma estrada leva para São Cristóvão, arrabalde que fica duas a três horas do centro.

Também na direção de São Cristóvão, a uma hora da cidade, logo que se deixa Catumbi pela direita, caminha-se umas três ou quatro horas de carro, por uma bela estrada plana, no final da qual se atinge a uma altura de onde a vista é tão grandioso quanto a que se goza de Fürstenstein⁽⁸⁵⁾, na Silésia. De um lado e do outro, existem chácaras na estreita planície cercada de morros altos. Nessa estrada, logo depois de Catumbi, mora o primeiro ministro Tomás Antônio, numa casa pequena e muito modesta. Bem em frente, mas a uma altura apreciável, está a residência do ministro da Prússia, conde de Flemming, situação essa ainda mais aprazível que a do Campo de São Cristóvão e de onde se descortina não só o mar como a cidade e a pitoresca cadeia de montanhas que lhe fica junto.

A subida um tanto íngreme está plantada com cafeeiros, ficando a casa no alto. Jantando com o Conde, via eu da mesa e através da janela abertos lindos colibris dourados a esvoaçarem em torno do arvoredado próximo, apenas perceptíveis de tão pequenos. Nutrem-se dos insetos que extraem das flores com suas pontudas e viscosas línguas. Nos dias bonitos e não muito quentes respira-se das janelas dessa casa um ar tão puro que se poderia chamar de celestial, sensação que nunca experimentei na Europa e para a qual contribui possivelmente a altitude do sítio.

Do outro lado da baía e relativamente perto, está a cidadezinha de São Domingos que é como um bairro residencial e se assemelha a um estabelecimento *Herrenhut*. Residem lá ingleses e franceses. Faz-se a travessia de canoa. A pitoresca situação deste ponto encantador atrai instantaneamente o estrangeiro.

Junto à alfândega estaciona toda a sorte de barcos remados por negros. Há pequenas canoas de um só escravo remador, como maiores e semicobertas em que diversos escravos

(85) Essa estrada que é a da Tijuca (atuais ruas Haddock Lobo e Conde de Bonfim) já se a indica com este nome *Teg naen Tijuca* no mapa da baía do Rio de Janeiro de 1821, inserto em *Rio de Janeiro und seine Umgebungen im Jahr 1821* (São Petersburgo, 1828). A casa do ministro da Prússia, deva estar no bairro ocidental do maeço de Santa Teresã.

desempenham essa função. São tomadas para ir-se a São Cristóvão, São Domingos e aos navios ancorados no porto. Quando alguém se aproxima do cais para abrigar uma delas, é logo cercado por um bando de negros a se oferecerem. Tomada uma, os negros das demais, invejosos, desmoralizam o escolhido quanto podem, exatamente como fazem os nossos cocheiros que vão para Charlottenburg, Templov, etc.

Existe ainda uma outra variedade de embarcação chamada jingala, que consiste em seis paus de madeira especialmente leve amarrados uns aos outros ou seguros por cavilhas, qual uma balsa. São providas de uma vela latina e de remos indígenas, tendo no meio a quilha, o assento e uma barra, de onde dependuram as vasilhas contendo água e comida.

Se acrescentarmos aos lugares acima referidos, a Ponta do Caju e a Tijuca, teremos por assim dizer, esgotado os sítios mais pitorescos da capital brasileira. Mas é preciso ter um segundo Timon para se sentir feliz no Rio de Janeiro e suas vizinhanças, pois não há vida mundana ou reuniões sociais excluindo o teatro; fica-se como isolado e morto para o resto do mundo, a perder o melhor de seu tempo, transpirando incessantemente, como num banho turco, sempre à cata de uma brisa ou a combater os insetos, até com bofetadas, para ter paz. E em compensação de tantos sacrifícios, apenas a bela natureza, rochedos selvagens que acabam por nos deixar indiferentes, nas condições lamentáveis em que se vive, como entre nós as dunas e os monturos.

Para mostrar quanto é exuberante a vegetação neste país, cito o trecho de uma carta do cônsul geral da Rússia, Herr von Langsdorff, a um amigo na Alemanha, que vai reproduzida no *Journal von Brasilien* de von Eschwege (pp. 165 e segs.) (86):

Do resto a situação desta provincia é tão favorável que tôdas as frutas, cereais e legumes da Europa s. perada como da India tropical ne a prosperam perfeitamente (87) uvas, laranjas, maçãs, ameixas ou pêsegos já existem em profusão.

(86) Luis Guilherme barão de Eschwege (1777-1855). General do Real Corpo de Engenheiros, conselheiro do palácio da Dena, em Sintra. No Brasil foi intendente geral das Minas (1810-1821), tendo estabelecido diversas fundições de ferro em Minas Gerais. Autor do *Journal von Brasilien* (Wetmar, 1818) *Brasilien, die Neue Welt* (Braunschweig, 1850) *Pluto Brasilensis* (Berlim, 1833), e de numerosos artigos em revistas europeias.

(87) Com isto não quer ordo. Só se tinha vista ou paladar de todo mo falhasam. (Nota do autor.)

Na propriedade do padre Correia — fazendeiro importante da região — vi um pessegueiro enxertado dois anos antes que tinha a espessura de um braço e estava carregado de frutas.

Amêixas e abricós também há e dão-se bem. Mas, como os amadores da fruticultura são poucos, faltam ainda muitas das belas frutas europeias.

Canela, pimenta, cravo, noz-moscada, a manga oriental, o chá-da-china, a fruta-pão e a cana gorda do Pacífico, em suma, as plantas mais apreciadas, podem ser cultivadas desde que haja o devido cuidado e capricho.

Não vai enumerar-te a quantidade de que há de frutas nativas, algumas francamente gostosas, quais as bananas (88).

Considero difícilto dizer, como faço às vezes, que as frutas daqui de modo geral não prestam; o que elas são e ainda silvestres não apuradas. Não se tornam frutas saborosas a maçã e a cereja brava, graças unicamente à cultura? Não conheço quem se tenha dado ao trabalho de melhorar por enxerto, as árvores frutíferas locais, apesar de empregarem este método nas laranjeiras e pessegueiro (89).

Com o incremento da cultura e de se esperar seja esta terra paradisíaca, e da vez mais conhecida e visitada por europeus e empreendedores que promovam o enobrecimento das plantas e frutas nativas e estrangeiras. Desde a chegada do rei ao Novo Mundo progrediu-se aqui a passos gigantescos e pôsto que ainda não se tentam fazer verdadeiros esforços para atrair novos colonos que melhorem a posição da agricultura, lavradores de terras as nações têm vindo estabelecer-se um após outro. Qualquer estrangeiro pode com liberdade de religião e segurança da propriedade dedicar-se à lavoura. A terra não é cara e, em seis ou sete anos, quem for novo pode melhorar consideravelmente de fortuna (90).

Os impostos consistem em dízimos. Bons agricultores e operários, mesmo sem trazer capital, podem melhorar o seu futuro e os que forem temedidos por muito pouco podem conseguir do governo pequenas pro-

(88) Já dei minha opinião franca e sem exagero, sobre estas bananas. (Nota do autor.)

(89) Minha ausência da Europa foi demasiado curta para que eu não encontrasse bem diferentes as frutas europeias das aqui cultivadas artificialmente. Abricós, uvas, etc., não têm o sabor das nossas. Favas e ervilhas parecem feno. Sem exagero não têm gosto a nada. (Nota do autor.)

(90) *Notabene*. Quando se trata, bem entendido, perto de uma cidade populosa com o Rio de Janeiro, pois de que lhe vale a atividade quando não pode vender os produtos, com o caso dos habitantes de interior? Contudo, uma coisa é certa, a falta de alimentos, problema de muita família na Europa. No decorrer do Brasil sempre que o homem trabalha umas poucas horas por dia. Não aconselho, entretanto, a família alguma de camponeses aventurar-se até cá, desconhecendo os hábitos da terra. Sentir-se-ia por demais infeliz. v. Eschwege;

O banho v. Eschwege far aqui uma advertência a seus compatriotas que não deve passar despercebida aos que foram atingidos pela doença da emigração. Devido ao calor excessivo nenhum europeu no Rio de Janeiro pode fazer trabalhos pesados no campo; além tudo o quanto há muitas milhas em terra já foi ocupado por franceses e ingleses. Os únicos que podem e são obrigados a trabalhar, sob o calor aqui reinante, são os negros. (Nota do autor.)

priedades. Lá, não há muito, com tristeza em jornais ingleses como meus pobres compatriotas na América do Norte vergonhosamente fracassaram por lhes faltar muitas vezes toda a possibilidade de obterem uma situação razoável.

Por que não vêm para cá, colonos alemães, país em que todos os meses do ano pode-se plantar e colher?" (91).

Sim, o espetáculo que se tem da terra ao desembarcar é de fato soberbo e lembra muito o Condado de Glatz, na Silésia, com a diferença de que no Brasil há lindas borboletas, estranhos insetos e animais e plantas desconhecidos, enquanto que lá bonitos são os tecidos, da melhor qualidade e de todos os gêneros, belas as estradas e grande é a variedade de águas minerais; em vez de escravos, gente boa, livre e honesta; as próprias belezas naturais não são uniformes e grotescas como os rochedos e desertos do Brasil. Em Glatz, o homem comum é na maioria remediado. Aqui, somente o fidalgo.

Nessa mesma cart. de Langsdorff, consta ainda o seguinte trecho:

"De sons desconhecidos estão cheias as florestas. Não é menos bizarro para o ouvido o canto de muitos pássaros do que, para a vista, a forma caprichosa das flores e dos insetos. Digo bizarro, porque o mavioso cantar do rouxinol europeu não tem rival nas matas sul-americanas".

Se não estou de acôrdo quanto ao resto da carta de Langsdorff, neste ponto, sim; êle expressou exatamente o meu modo de pensar.

O referido padre Correia tem uma importante plantação de cana-de-açúcar entre Minas e o Rio de Janeiro, em que ocupa 400 escravos; também com enorme esforço e aplicação pôde êle aclimatar em seu pomar maçãs, cerejas, pêras e morangos, etc., mas as frutas por êle colhidas nem de longe, no gôsto, se aproximam das européas, sendo sensaboronas e sem

(91) No clima temperado das Minas Gerais fiz a experiência de plantar cada mês batatas-inglesas e dessa maneira, consegui o ano inteiro boas batatas novas; também semei linho e pude colher todos os meses. v. Eschwege.

Isto pode ser verdade com relação a alguns produtores em pequena escala, mas não em grosso e de modo geral. Por que vêm então as batatas da Inglaterra? As que levamos do Rio de Janeiro na nossa viagem de volta eram inglesas e estragaram-se logo nos primeiros dias, o que contarei em posmenor no relato desta viagem. O fato é que grande parte dos alimentos e os mais importantes, como já tive ocasião de referir, vêm do estrangeiro. (Nota do autor.)

viço. Talvez ganhassem a agricultura e a fruticultura se o numeroso clero que perambula pelo Rio de Janeiro se dispusesse a imitar o padre Correia, porque, muitos, na verdade, mais parecem insolentes grenadeiros que devotos pastores de almas, especialmente os jovens que dirigem galanteios e transpassam com olhares de faunos as mulheres que encontram.

XXIII

Chegada do ministro inglês Thornton. O baile do cônsul-geral da Rússia, von Langsdorff. Cêro musical. Mosquitos. O calor. Pisando pés. O banqueiro Roche. Encontro com o primeiro pastor protestante de Santa Helena, Mr. Bey. Opinião de um português sobre os negócios do Estado e sobre a mãe-pátria. O general Fressinet.

DURANTE MINHA ESTADA, chegou de Londres a esta côrte o nôvo ministro inglês, Mr. Thornton, recebido com todo o aparato e solenidade, conduzido em coche de gala e immediatamente recebido pelo rei. Muitos são os officiaes ingleses que servem na tropa portugueza e brasileira, occupando entre deha altas patentes. Conheci diversos que eram coronéis e tenentes-coronéis. Até o coronel brigadeiro que comanda os regimentos de Dinha vindos de Lisboa é um inglês (92).

Também entrou no pôrto um navio russo em viagem de descoberta que durará dois annos. Em homenagem a seus officiaes, o cônsul-geral da Rússia offereceu um baile, acontecimento que, pela sua raridade deu muito que falar. Teve, este, lugar na chácara ou casa de campo, que occupa Heri von Langsdorff, perto ou dentro mesmo da cidade, e começou às sete horas. Além dos officiaes russos, estavam presentes todos os ministros estrangeiros, com exceção do espanhol, alguns portuguezes com suas filhas, muitos ingleses, uns quantos francezes e minha pessoa. A música consistia em quatro componentes da orques-

(92) O coronel Ralph Colley que commanda as forças do exercito despachadas para combater a revolução de Pernambuco, em 1817.

ua do teatro, entre os quais um mulato, que era o primeiro violino. Frau von Longsdorff estava a principio receosa de que os músicos não comparecessem, pelo que ficou combinado que eu e outro convidado tocaríamos alternadamente ao piano — um grande piano-forte inglês — mas a orquestra appareceu e teve a preferéncia. Dançou-se até tarde e a numerosa companhia dividiu-se entre a grande sala, a varanda coberta da frente e peças menores muito bem decoradas.

Neste baile viram-se dançar senhoras russas, prussianas, austriacas, inglesas, francesas, espanholas, portuguezas e brasileiras oferecendo ao observador brilhante cenário para as graças femininas das nações presentes.

As oito horas já as costas da maioria das damas, cujos vestidos eram decorados além do que pede a moda, estavam de tal modo mordidas pelos mosquitos, que pareciam não menos vermelhas quanto as dos soldados passados pelas varas, como outrora. Que me seja perdoada essa comparação talvez indelicada, mas, na realidade não é exagerada nem encontro outra mais adequada. Sobretudo a lovelly e atraente filha do cônsul inglês Chamberlain, noiv. de um capitão da marinha inglesa, que os mosquitos maltrataram horrivelmente. Eu que nunca danço, tive que manter os pés em continuo movimento, a saltar como um galanhoto, para afastá-los das rinhas meias de seda. Não é, pois de surpreender que os bailes aqui sejam raridade. Tem todo cabimento chamar-se a um destes de *bal force*, à vista daquilo a que são submetidos os convidados. Primeiramente os mosquitos, em segundo lugar o calor infernal, que, com tanta gente em espaço limitado, atinge o máximo, a ponto de poder um químico fazer provas e observações sobre a saturação atmosférica, e, finalmente, porque nesse apêrto, a pisar os pés dos outros, temos todo o tempo que nos desfazer em mesuras e desculpas, quando quereríamos sumir de dor ante serrellantes desagradados. Foi um prazer deixar o baile e voltar ao meu quarto, para gozar um pouco de repouso.

Entre as personalidades dignas de nota do Rio de Janeiro, foi-me apresentado certo banqueiro de nome Roche, dos mais ricos negociantes da capital, que possui várias casas importantes na cidade e arrabaldes. É comendador da Ordem de Cristo e ainda tem outras condecorações. Vi-o trabalhando no escritório da cidade sempre a ostentá-las tôda. Tem mais ou menos cinquenta anos. Muito satisfeito de sua pessoa — elegantemente

vestido, no rigor da moda, e enfeitado de condecorações, isto magrão sua cara de leproso e uma hérnia escrotal saliente que o infelicitava, fato tanto mais estranhável num brasileiro janota, que usa invariavelmente calção curto, meias de sêda e escarpins. Sua grande fortuna proporciona-lhe uma vida confortável e agradável. As salas de sua casa são bem mobiliadas e decoradas e elle dá-se ao luxo de sustentar quatro amantes para seu prazer. Deve estar em estreitas relações de negócios com a côrte, à vista dessas condecorações. O navio em que viajei de volta à Europa fôra por elle fretado para levar 30 000 arrôbas (dez mil quintais das nossas medidas) de mercadorias suas, de que voltarei a falar⁽²³⁾.

No hotel ou café inglês Gould⁽²⁴⁾, que é das três ou quatro hospedarias da cidade a mais considerada e também a que melhor se faz pagar, fiz conhecimento com o primeiro pastor protestante de Santa Helena, Mr. Bey, que lá fixou residência, há uns cinco ou sete annos com a mulher e duas filhas. Fala bem o francês e contou-me que havia voltado de Santa Helena para a Inglaterra, mas como são poucos os navios que de lá saem para dita ilha, teve que fazer a viagem via Rio de Janeiro para poder regressar, já que ella dista apenas umas poucas centenas de milhas daqui, como é sabido.

Disse-me mais que, como primeiro pastor reformado em Santa Helena, ganha 1 000 libras e possui uma quinta onde com esôrço pertinaz conseguiu aclimatar algumas frutas europeias. Apesar das condições não serem favoráveis e o solo pouco se prestar,

No mesmo hotel moravam alguns portuguezes de distincção que não pareciam muito contentes com o govêrno. Um d'elles contou-me que o trâmite dos negócios é extremamente moroso. Quem pretende algo do govêrno, só depois de annos recebe uma solução. Até os diplomatas e cônsules estrangeiros têm que esperar muitas vêzes um anno pela resposta a suas notas. Isto é desastroso para aquelles que chegam ao Rio de Janeiro com o propósito de solicitar algo do govêrno, pois o pouco dinheiro que trazem é gasto sem proveito no dispendioso isolamento

(23) Almeida Prado em *Tombs-End* alude, curioso, mais de uma vez a esse personagem, sem assignar com sua identidade. Nem o padre Peresca nem Lucerec mencionam o dito mercador. Seria elle Francisco José da Rocha, 1.º Barão de Itamaraty e decano do Corpo do Comércio de seu tempo?

(24) Tomás Gould.

desta cidade, a igual dos escravos que são obrigados aos mais extenuantes trabalhos apenas para se sustentarem. Em Portugal reina grande descontentamento. Tanto militares como civis estão recebendo seus proventos com atraso de um a ano e meio, o que os obriga a recorrer a desalmados usurários! E ainda ditos proventos são tão baixos que funcionários com família não podem satisfazer suas necessidades mínimas. Eis porque desfalques, subornos e crimes semelhantes não são raros: pelo contrário, ocorrem com tal frequência que nem podem ser castigados os que os cometem. Tanto em Portugal como no Brasil não faltam funcionários escrupulosos cuja conduta é irrepreensível; somente as tentações para o enriquecimento são numerosas e muitos os que delas se aproveitam.

Portugal, a mãe pátria, regrediu consideravelmente desde que vieram com a corte — para o Rio de Janeiro — quase todos os ricos fidalgos que aqui gastaram os rendimentos de suas propriedades.

Esta informação, que me foi dada por um português do reino, é confirmada pela notícia que apareceu nos jornais sobre a partida iminente do marechal Beresford⁽⁹⁵⁾ de Portugal para o Brasil, a fim de reclamar os soldos atrasados do exército português.

No restaurante do francês Chevalier⁽⁹⁶⁾, foi-me apresentado o tenente-general Freinet⁽⁹⁷⁾ que acabava de receber da França a notícia de que fôra autorizado a voltar. Segundo me disseram, sua mulher que havia ficado atrás, não só arrancou do rei da França essa permissão como a reintegração no posto. A alegria dêsse homem com a idéa de rever a pátria e abraçar a família era tal que convidou seus compatriotas a um pequeno almoço. Por mais desgraçado que me sentisse, participei em silêncio de sua manifesta felicidade e da de seus amigos.

(95) William Carr, visconde de Beresford, como chefe do exército português na guerra peninsular. Em Portugal, conde de Trancoso e marechal de Campo Maior. Foi sua segunda visita ao Brasil; a primeira, em 1815, comanda do as forças portuguesas para lá transferidas.

(96) Antoine Cesar Chevalier. Estêve no Rio de Janeiro de 1817 a 1820. *Registrou de Estrangeiros*. Arquivo Nacional (Vol. 1).

(97) O general Philibert Freinet (1767-1821), fez sua carreira militar na ilha de São Domingos. Distinguiu-se nas campanhas da Suíça e da Itália; voltou a São Domingos para negociar com Toussaint l'Ouverture. Caiu em desgraça. Retomou o serviço em 1812 e foi promovido a general de divisão com o título de barão. Exilado em 1817, chegou ao Rio em agosto de 1819 e regressou à França, para morrer poucos meses depois.

XXIV *O general Hogendorp. O caminho para a sua chácara. A chácara. Acolhida. A vista. A decoração interna da casa. O criado e sua família. O jardim. Uma gruta. A plantação de café. Pratos na mesa. Vinhos e licores caseiros. A situação da família. Robinson Crusóe. Reflexões.*

SE EU QUISESSE TORNA-ME ESCRITOR, Eastaria pin'ar com côres vivas a condição actual de um personagem que já foi muito conhecido na Europa, o general Hogendorp, de setenta e quatro annos. Conheço em casa de meu cunhado no Rio de Janeiro e dias depois visitei-o com Armand em sua chácara, que fica a umas duas horas da cidade⁽⁹⁸⁾. Fomos a pé até lá e passamos por várias casas de campo margeando uma boa estrada. Do outro lado, está a do recém-chegado ministro da Rússia, barão van Tuylt, numa linda situação, ao gôsto inglês, que pertence ao senhor Lisboa, português, relacionado com meu cunhado⁽⁹⁹⁾.

A seguir, vinham umas casinhas de negros e um riacho à beira da estrada, em que algumas negras lavavam roupa⁽¹⁰⁰⁾.

Após hora e meia, sempre a subir, deixamos a estrada larga, para continuar pela esquerda, ao longo de uma vereda estreita, pela qual ainda subimos. De cada lado, quebradas profundas, de passagem difficil a cavallo, obrigavam a apcar, na descida, especialmente quando chove, porque o solo é lamacento e escorregadio. O único atractivo no forte do calor era admirar o terreno que apresenta, de ambos os lados, pequenas cascatas entre pedras e arbustos. Distantes uns trinta passos, avistamos a chácara do general. Consiste ella, como às demais fazendas de café, numa casa térrea de uma porta e duas janelas. À frente da casa havia uma espécie de alpendre, sustentado por quatro columnas de madeira, debaixo do

(98) Na ladeira do Ascurro, Cosme Velho. Uma pedra comemorativa foi collocada no jardim dessa casa durante a primeira administração Vargas.

(99) José António Lisboa, Ministro das Finanças (1830) e conselheiro. É o pai do almirante marquês de Tamandaré e do diplomata Miguel Maria Lisboa, barão de Japurá. Em sua casa, hospedou-se em 1895 Maria Graham.

(100) As Águas Férreas.

qual estava sentado o velho general. Ao ver-nos, levantou-se, vindo ao nosso encontro muito satisfeito pelo fato de o têmos procurado na sua solidão. Depois de curta mas interessante conversa, apresentei minhas despedidas, pois éramos esperados para jantar por meu cunhado; mas ele insistiu muito por que ficássemos. "Não consentirei, disse, em que os senhores se retirem sem serem agasalhados à minha mesa. Mandaria um recado a seu cunhado, prevenindo-o de que não os espere, por estarem em boas mãos. Infelizmente, não tenho quem o faça, mas lá irei amanhã a cavalo e tomarei sobre mim a responsabilidade". Como eu ainda resistisse por formalidade, insistiu ele de tal maneira que ficaria com má consciência se recusasse o convite do ancião. Alegrou-se como uma criança quando aceitamos, muito satisfeito com a companhia que lhe faríamos essa tarde. Passemos agora à descrição da casa depois dessa um quanto longa introdução.

Seu retiro campestre, em relação à cidade, está a bastante altura e entre rochedos enormes de cada lado que se abrem na direção da cidade, de modo que, da sua porta, se aprecia uma esplêndida vista até o mar, parecendo o pôrto e a cidade muito pequenos devido a distância⁽¹⁰¹⁾.

O velho fêz-nos logo entrar. Através da porta, passá-se a uma pequena sala em que havia dos lados assentos turcos. No centro de uma das paredes, achava-se pendurado um retrato do general em tamanho natural, ocupando quase toda a altura da peça. Suponho que tenha sido pintado por David, em Paris, ou pelo menos bem à sua maneira. De uniforme francês e condecorações; está muito parecido. De um lado da sala, havia outra peça menor, com uma só janela, a qual estava cheia de mantimentos e de garrafas de vinho; do lado oposto outra igual com uma escrivaninha e uma pequena biblioteca. Para trás, havia ainda uma pequena peça que servia ao general de quarto de dormir. Sua cama tinha o formato de um sarcófago, envernizado de preto e guarnecido de gayetas e um mosquiteiro. "Aqui quero morrer se Deus não determinar outra coisa", disse êle emocionado. A seguir conduziu-nos dessa pequena casa para outra bem menor, habitada por um escravo, sua mulher e uma criança de oito anos. "Este é o meu único criado e jardineiro", disse êle apon-

(101) No *Journal* de Maria Graham aparece uma bela estampa mostrando o pátio da casa que se descontinava *From Count Hagenberg's Cottage*.

tando o negro, "e esta é a minha cozinheira", mostrando a negra. A dita casinha constava de um único quarto, de um depósito, para leite, e da cozinha. Atrás dela, um rancho sem paredes e coberto de palha, servia de abrigo para um cavalo — o do general — quatro vacas e alguns porcos. Passamos daí ao pequeno jardim junto à casa principal. Além de alguns arbustos floridos, havia umas laranjeiras carregadas. Poucos passos abaixo, mostrou-nos uma gruta que ele tinha feito escavar à pólvora, na montanha e lhe servia de adega, acomodando uns barris de vinho e ainda vinho em garrafas. Uma de suas distrações predilectas é destilar aguardente e licores, cujos aparelhos também nos fêz ver. Foi a seguir, o turno da plantação de café, que se estendia da casa até o alto das pedras e baixava pela montanha, qual um vinhedo.

Os pés de café são de dois a três anos e medem dois pés de alto. Têm grande semelhança com as laranjeiras e estão plantados, conforme o tamanho, dois a três passos uns dos outros. A plantação poderia contar uns 20 000 pés. Discutíamos ainda a cultura do café quando o negro nos anunciou que o jantar estava servido. Comemos na sala de entrada, como única peça grande da casa; constava de uma substanciosa sopa de galinha, de ovos com espinafre, de um *fricassé* de galinha com molho de pimenta nativa muito forte, de que me não lembro o nome e um cozido de carneiro com salada; por fim, de laranjas e biscoitos como sobremesa. O pôrto e madeira com que o infirmo nos regalou, não eram maus e, depois do café, provamos os licores por ele mesmo destilados, que realmente lhe faziam honra. Pôsto que o jantar só tivesse sido servido duas horas depois da nossa chegada, foi excelente e apresentado pelo negro e sua mulher com a máxima limpeza e ordem. À mesa, só faltava pão e, escusando-se, o general recomendou-nos trazer a nossa porção quando voltássemos da próxima vez, já que ele só mandava vir diariamente da cidade o necessário para o seu consumo.

À mesa, mostrou-se o velho general muito alegre e falante. Contou-nos que essa fazenda e tudo que ali se encontrava pertencia a um inglês (102) de quem a havia comprado em renda

(102) Segundo Tobias Monteiro (*História do Império*, V. I, p. 21) vivia Høgendorp "no estrangeiro" no sítio Novo São, situado no morro do inglês, lugar assim chamado por ter sido a residência do negociante e banqueiro Guilherme Young. Ali o viu Mrs. Graham, que também visitou toda a casa. Refere-se ela ao quarto de dormir que alia de pintado de preto, exhibia uns esqueletos que "se lembraram a Dança da Morte."

vitalícia, com a condição, entretanto, de que, enquanto vivesse, a colheita de café seria sua. Em um ou dois anos ela poderá ser apreciável. Disse-nos mais que só tinha um filho, que é coronel num regimento dos Estados Unidos da América e bem casado, de modo que elle só tinha que cuidar da sua pessoa. Para a lavoura do café, pagava um certo salário nos escravos que empregava. Quando lhe quis fazer uma observação sobre sua vida de eremita, contou-me logo a palavra: "Já sei o que me vai dizer, isto é, comparar-me a Robinson Crusó! É o que fazem todos os que me visitam". Em que tinha visto o general Hogendorp na Prússia e depois, como comandante-em-chefe, no meio da tropa, em Wilna⁽¹⁰³⁾, encontrá-lo agora num lugar perdido entre altas montanhas, noutra parte do mundo, a dizer adeus à vida e suas excelências! Ó brilho! Ó grandeza! O lado sombrio da vida é muita vez o mais feliz, por ser o que está perto do remanso final.

Pelas cinco da tarde deixamos o general com a promessa de voltar a vê-lo em breve. Só que não pude mais fazê-lo pois tive que aproveitar a primeira oportunidade para regressar à Europa. O ministro da Dinamarca, seu amigo, teve a bondade de lhe apresentar meus cumprimentos e avisá-lo da minha precipitada partida.

XXV *A colônia suíça. Conceito sobre o mesmo antes da chegada. Os primeiros navios. Os colonos. Cartagala. Apoio do governo. Fuga de muitos para o interior e sua captura. Advertência sobre a emigração para o Brasil. Recentigrados da América do Norte.*

A CHEGADA DOS COLONOS suíços era esperada todos os dias, enquanto eu estive no Rio de Janeiro. Cinco navios, cada qual com trezentas pessoas, já tinham saído de Roterdã⁽¹⁰⁴⁾.

(103) Capital da Polónia recriada por Napoleão.

(104) Os primeiros mil partim de Gravendee (Roterdã) em outubro de 1849 nos navios *Urania*, *Dajné* e *Two Catherine*.

Aguardam maravilhas dessa gente: agricultores genuínos e da única e santa religião a católica! A expectativa é que êles transformarão dentro em pouco desertos e areais, nas proximidades da capital, em campos florescentes. Quiera Deus que se realizem êsses sonhos de portuguezes e brasileiros!

Em novembro chegou o primeiro navio se não me engano, seguido logo de dois outros. Cada um traz apreciável número de homens, mulheres e crianças. Morreu em viagem o médico da colônia e foi jogado ao mar. Atribufram a causa à qualidade da água embarcada em Roterdã, que não seria da melhor. Os citos colonos estavam longe de ser todos súços católicos. Havia também emigrados de Württemberg, da Baviera e de Baden, etc. As crenças eram diversas, inclusive a deísta. Poucos também são agricultores, mas profissionais na maioria, atraídos pelo prospecto de se tornarem proprietários ou fazendeiros e de possuírem escravos. Juntaram-se, igualmente ao lote, uns quantos que eram pessoas de condição empobrecida, na convicção de que melhorariam suas finanças e de que, carregadas de bens, voltariam à pátria, para de novo representarem o papel de grandes senhores. Eu mesmo falei com um d'esses colonos, jovem e leviano alfaiate de Aachen que não passava de um cidadão do velho mundo apresentando-se sob nova roupagem.

O primeiro d'esses navios teria partido de Roterdã bem antes dos outros, e como não chegou e nem há notícias d'êlé, receia-se que tenha talvez arribado a outro lugar ou naufragado. O quinto não havia chegado ainda pouco antes da minha partida.

O govêrno portuguez collocou êstes imigrantes a vinte e cinco milhas da capital, num lugar chamado Cantagalo, não só por ser menos quente que o Rio de Janeiro, mas onde pode mesmo gear. Teri gostado de me certificar d'êste fenómeno, principalmente porque chegaria lá no inverno, melhor dito, durante a estação chuvosa, e a viagem só exigiria três dias do Rio de Janeiro a Cantagalo: um por água e dois por terra. Minha situação, porém, não mo permitiu.

Construíram ali cabanas para os colonos. Cada qual recebe do govêrno durante um ano meia pataca por dia e um lote de terra que êles mesmos deverão trabalhar, uma vez que não podem levar escravos, como me foi asseverado. Ouvi dizer também, antes de partir que muitos, especialmente os

maus elementos, fugiram, às escondidas de Cantagalo para o interior, sendo, porém apanhados e reconduzidos pelos capitães-co-niato.

Quero muito saber a verdade sobre o futuro desses colonos. Só poderá ser um desastre⁽¹⁰⁵⁾. Basta reflectir que apenas com pretos ou escravos e penosamente, pode esta terra ser cultivada! Os brancos sob o sol ardente, não agüentam o trabalho no campo. Exaustos, logo nos primeiros dias, decaem fisicamente e têm que entrar para os hospitais. É de se lembrar que um corpo de infantaria não pode marchar quarenta milhas em oito dias sem deixar para trás metade dos homens e que a cavalaria, por causa das grandes secas e da consequente falta de forragem, nem vinte milhas consegue vencer neste espaço de tempo! E aqui, onde mesmo os habituados ao calor e a uma nutrição inferior não progredem, porque o clima lhes é contrário, é que os europeus, mormente alemães, irão cultivar a terra, sem o auxilio de escravos? Que o governo tudo faça e se empenhe por atrair colonos da culta Europa, não se lhe pode levar a mal, mas não se comprehende é que os próprios compatriotas — especialmente aquella gente honesta caída na indigência e arrastada à emigração com suas famílias — sejam atraídas de longe, com a estrela da sorte, pelos cantos de sercia de tanto cavaleiro de indústria⁽¹⁰⁶⁾, fazendo-os acreditar-se no paraíso e no seio de Abrahão! Que busquem seu futuro no Brasil aquêles que não têm mulher e filhos nem trazem a pátria no coração, os que se sentem cidadãos do mundo! Que perde o Estado, que perde a Alemanha com a saída de todos esses cosmopolitas? Não; eu só me dirijo aos pais de família que emigram iludidos por miragens, para assegurar aos seus melhor sorte, como pai de família que sou só a estes chamo a atenção para os desconfortos da navegação — viagens que às vêzes duram meses, entre céu e água, a ver somente gaiotas e peixes — como para o perigo das calma-

(105) Estes prognósticos logo se confirmaram. Desde o principio tanto económica como agrícola, a colónia não progrediu e já Debet particularizava as razões, furtos disfarçados, roubo dos utensilios durante o transporte; escolha infeliz de local, sem facilidade de comunicação; ás q vis Leithold aduz outra (o serem os colonos na maioria falsos agricultores). Os termos da concessão feita pelo governo português ao agente do Cantão de Friburgo, S. N. Gachet, a 16 de maio de 1818, vêm transcritos á pág. 71 e seguintes das "Memórias do padre Perereca, vol. II.

(106) Parece ser uma allusão ao futuro agente diplomático e de migração, o Dr. Schaeffer, que, em 1818, de passagem pelo Rio, se avistara com D. João VI e o príncipe herdeiro oferecendo seus serviços nesta actividade.

rias, quando se pode morrer de fome com todos os seus ou afundar com o navio numa tempestade. Quero adverti-los sobre a terra que escolhem para se fixarem: a terra do calor insuportável, das bofetadas e gestos involuntários (por causa dos mosquitos), das hérnias e das pernas inchadas, da papeira, que, especialmente em algumas regiões, como, em Minas Gerais e em São Paulo — no redor de Pitangui e Sorocaba (102), é muito comum até entre as crianças, e de tantos outros males e desconfortos. Acresce que o calor estraga e azeda a maior parte dos gêneros alimentícios. Não se creia que estou exagerando, que minha pena tenha sido influenciada pelo fracasso desta viagem ou seja movida por algum outro pérfido propósito. Não; eu louvei a terra naquilo que merecia louvores como também devo advertir sobre seu lado sombrio que poucos raios de luz deixa passar, reportando-me sempre, aos escritos de von Eschwege, Koster, Mawe e do príncipe de Wied, etc., sobre os mesmos tópicos.

O que disse antes sobre os viveres mais essenciais, volto a insistir com a observação de que o solo e o clima do Brasil são de todo impróprios para a cultura de cereais, quais a aveia, a cevada e o trigo, pois de outro modo o governo, que, em dez anos, tanto fez por introduzir culturas necessárias e economicamente vantajosas para o país, já as teria tentado dispondo da efetiva energia dos escravos. Contudo, evito neste particular passar a julgamento porque minha estadia foi curta por negligência, limitada a capital, não me permitiu fazer as convenientes indagações nem meu estado de espírito, seja pelo calor seja por outros contratempos, estava para tanto habilitado.

Ó! Céus! Quantos recém-chegados da América do Norte chegaram ao Brasil durante a minha estada para tentar a sorte! De um ouvi que quem vier à América, como particular ou artesão, sem fundos, terá que aceitar qualquer tarefa para se poder sustentar e não, passará melhor nem menos atribulado do que qualquer escravo.

(102) No texto aparece Jorotabaou, mas como se trata de uma localidade paulista, situada, com o Pitangui, no planalto e longe do mar, o nome provável deve ser Sorocaba.

XXVI

O que aconteceu ao conde d'Ormeval quando de sua primeira viagem ao Rio de Janeiro. Encontro com o barão Yerta. O navio. Almôça a bordo. O arranjo do camarote. A carga. Um navio russo de descobrimento. Navios construídos na Bahia.

OUV: NO RIO DE JANEIRO a história do conde d'Ormeval⁽¹⁰⁸⁾ de Paris, que chegou três meses antes de mim. Embarcara êle na França num navio carregado de artigos francezes por conta de amigos e em que também estava interessado. Entre ditos artigos trouxera o navio também vitriolo, que, a despeito de tãdas as precauções na embalagem, ardeu espontaneamente, pelo que todo o navio foi presa das chamas, sendo que o conde, o capitão e a equipagem apenas puderam safar-se em botes desembarcando numa ilha deserta, cujo nome me escapou, a umas trezentas millhas marítimas ou terrestres do Rio de Janeiro. Ali não puderam ficar com os poucos víveres que na pressa puderam salvar e continuaram essa perigosa viagem nos botes até cá, logrando felizmente, seu objetivo. O rei de Portugal, conhecido pela sua bondade e amor ao próximo, recebeu graciosamente o conde, consolando-o nessa desgraça, em que teve ao menos a sorte de salvar a vida. Voltou êle à França, regressando com nova provisão de artigos em companhia da única filha que havia lá ficado da primeira vez. Para compensá-lo do prejuizo, o rei pensou em conceder-lhe total isenção de direitos, mas as dificuldades legais foram tantas que resolveu fazer-lhe um adiantamento de dezoito contos de réis por conta do Frário. Com êste dinheiro o conde já havia comprado uma fazenda de café e trinta escravos. Disseram-me que a irmã do conde é dama de honra na cõrte austriaca.

Em casa de Herr von Langsdorff tracei conhecimento com um capitão de navio sueco, rapaz interessante e das melhores famílias do país, o barão Yerta. Chegou êle ao Rio de Janeiro a bordo do próprio navio, um brigue chapeado a cobre. Em

(108) Fixou-se no Brasil e deixou a herança descendência segundo J. F. de Almeida Prado (*Pomni Euler*, pág. 180), o qual escreve seu nome como d'Armeval.

sua companhia veio outro official, também sueco. Nunca vi veleiro mais bonito. Nêle o barão deu a volta ao mundo. Contou-me que certa vez transportou a sogra do Bey de Túnis, recebendo ao depois valiosos presentes e dinheiro.

Arranjou um almôço a bordo, ao qual fomos convidados Armand e eu e que, em nossa honra, mandou preparar ao estilo alemão. A cozinheira, uma velha finlandesa, que falava alemão, mostrou-se à altura. Tinha um caráter tão implicante e turbulento que estava sempre às turras com a maruja. Era a única mulher a bordo.

O beliche, muito pequeno, pouco maior que uma das antigas diligências berlinenses de quatro assentos, estava tapetado de verde e elegantemente decorado e mobiliado. No meio havia uma mesa redonda para quatro pessoas ao redor da qual nos sentamos. Os pratos que nos serviu o anfitrião foram excellentes. As camas eram embutidas nas paredes e também os armários com portas dissimuladas. Havia ainda pequena mas escolhida biblioteca e um nicho para a louça de mesa.

O govêrno portuguez quer comprar o navio, mas disse-me o barão que havia meses esperava pelo pagamento. O navio trouxera um carregamento de ferro da Suécia e de lâminas para sabres. Queixou-se êle ainda de que o preço alcançado pelo último artigo ficara abaixo do que valia na Suécia.

Também um navio russo, que saiu numa viagem de exploração de dois anos, passou pelo Rio de Janeiro quatro semanas antes da minha partida. Lindamente equipado, montava quarenta canhões e tinha um belo salão e volumosa biblioteca. O capitão só falava russo, mas o irmão, também official, exprimi-se em francez. Recebi as maiores gentilezas de todos os officiaes e teria gostado de lhes mencionar os nomes se não me tivessem roubado meu caderno de notas (109).

Já que trato de navios, quero também referir um construído na Bahia e que, na opinião de um entendido, o capitão Klaus Hoop, o foi na perfeição, sendo, aliás, muito adequadas as madeiras que lá crescem.

(109) Duas expedições russas de descoberta foram aparelhadas em 1819. Uma commandada pelo tenente E. I. Penezhin, a bordo do *Borodino* (1819-1821). Outra, mais importante, sob as ordens do capitão F. F. Bellingshausen, composta pelos brigues *Vostok* e *Mirny*, (1819-1822). Aqui deve tratar-se da primeira, não só por falar Leithold num único navio, como porque Bellingshausen seria um báltico alemão e, na certa, falar a russa. A segunda pois é aquella em homenagem à qual Langsdorff ofereceu o baite descrito no capítulo XXII, a menos que a viagem a que se refere seja a mesma. Mas Leithold nunca deixa de mencionar quando o assunto, § 1.º tratado antes.

A PLANTA DA MANDIOCA, de cujas raízes os brasileiros preparam a farinha e o pão, é um arbusto ramoso que alcança uma altura de seis pés e mais, sem galhos. As raízes são a única parte aproveitável da planta e lembram uma cenoura, só que bem maior.

Este arbusto é plantado da seguinte maneira: corta-se a haste em pequenos pedaços que se espetam na terra e pegam logo, atingindo as raízes depois de doze meses de crescimento seu total desenvolvimento, mas o tamanho e a espessura dependem da qualidade do solo. Em solo bom aquêlle chega a dois pés e esta a vinte polegadas, em terra menos boa a seis polegadas de comprimento por uma de largo. Extraídas do chão, remove-se a casca das raízes e resta uma substância farinheira e adesiva que é ralada numa raspadeira. A rassa cai num ralo colocado embaixo, passando a uma panela rasa, onde é cozida a fogo lento até evaporar-se tôda unidade. Uma vez sêca, tem-se a farinha pronta para o consumo.

Ao suco que se espreme dessas raízes raspadas chamam de tapioca, que é também secada a fogo lento. A dita farinha de mandioca era já conhecida neste país ao tempo da descoberta da América.

A planta dá-se aqui muito bem e seu cultivo é com vêzes mais fácil e menos custoso que a do trigo, pelo que este último é raramente ou nunca praticado ainda que a farinha de mandioca em gosto e em utilidade não se lhe compare. O trigo vem dos Estados Unidos e é aqui cozido por padeiros francezes, sendo muito mais saboroso que a mandioca. Disseram-me que uma parte da raiz (já me esqueci qual) é venenosa e deve ser primeiramente separada.

Também faz-se farinha do milho. Para este efeito, o milho é amolecido em água durante alguns dias e, em seguida, pulverizado com um pilão dentro de um almofariz ou por uma gangorra de madeira, cuja extremidade escavada se enche de água corrente. O peso faz com que esta caia e a água escorra em consequência; aliviado do peso, por sua vez, o extremo oposto cai, qual um martelo, sobre o milho contido em vasilha semelhante à do pilão.

Chama-se a esta máquina monjolo ou "preguiça do Brasil", por ser um método lento de trabalhar. Quando o milho virou farinha e foi peneirado, torra-se numa panela de cobre especial, idêntica à usada para a mandioca, ou sobre uma placa estreita de pedra. Se não me engano, Langsdorff inventou recentemente uma espécie de moinho manual para substituir o monjolo, que me foi descrito como muito apropriado.

No que respeita a cultura do açúcar, ela é aqui praticada intensamente. Os portugueses chamam de engenhos as moendas e, de modo global, as plantações mais as fábricas. As moendas são muito simples e consistem em três cilindros de madeira pesada, cada qual de dois pés de diâmetro por três de alto. Assentam estes sobre um suporte e giram horizontalmente graças a um tronco fixo a um eixo, ao qual são atrelados dois cavalos. Os ditos cilindros espremem a cana e o caldo escorre por um côcho, que lhes fica abaixo, para um tacho profundo de seis pés de diâmetro. Aí, é fervido e limpo das inúmeras impurezas, passando a outra vasilha a fim de arrefecer e onde é recebido de cal. Assim permanece alguns dias e adquire alva fluidez, voltando a seguir ao tacho para evaporar-se, depois do que vira açúcar⁽¹¹⁹⁾. Do resíduo extraem os negros sua apreciada cachaça, uma detestável bebida, pior em gosto e muito mais forte do que a nossa aguardente de trigo.

A cultura do café exige menos cuidados e conhecimentos que a do açúcar. As plantas dão-se melhor em sítios frescos voltados para o sol da manhã. Em outras palavras: exigem terra boa, a frescura do orvalho, chuva e moderada exposição solar. Há regiões em que o pé de café começa a produzir no terceiro ano e fenece aos dez; enquanto que noutras mais adequadas e bem situadas, só produzem aos cinco ou seis anos, mas aos vinte ainda estão na plenitude de sua força.

(119) O autor condensou a descrição de tal moim que ela deixa muito a desejar.

A produção do café varia com a qualidade do solo e o esmêro no tratamento. Em terrenos regulares, a colheita pouco passa de meia libra por pé e, em terrenos bons, pode ser de quatro libras. Independente da escolha e do preparo do chão, a planta deve ser robusta e sã. Comumente semeia-se um viveiro, depois plantam-se as mudas, a maior ou menor distância umas das outras, segundo a qualidade do solo.

O fruto tem duas cascas: uma externa, carnuda, e outra que lhe fica por baixo a película que envolve propriamente o grão do café. Quando o fruto adquire uma coloração rosa de cereja, é colhido. Para secá-lo, há dois métodos: alguns fazendeiros despulpam os grãos logo depois de colhidos, passando a secá-los na película que cai facilmente quando sacudidos; outros deixam-nos secar na casca, que é um método preferível porque o café nada perde de seu conteúdo.

Uma fazenda de café pode assegurar a existência de um estrangeiro se ele dispuser no mínimo de um capital de 6 000 a 8 000 *talers*, como base.

O veterano de todos os fazendeiros de café no Rio de Janeiro é o Senhor Le Sène⁽¹¹¹⁾, que se refugiou no Rio de Janeiro depois das trágicas ocorrências de São Domingos⁽¹¹²⁾. É junto a quem se aconselham todos os que querem se dedicar à lavoura do café. Velho respeitável, sempre ativo nas suas terras, goza da melhor reputação. Está a umas quatro horas da cidade e muito bem instalado. Com uma de suas filhas, criou o vice-cônsul da Rússia, von Kielchen.

O café brasileiro não é de primeira ordem e acho que o servido nos Cafés do Rio de Janeiro, tem um gosto inferior e gorduroso, a ponto de que eu raramente o podia beber.

(111) Louis Lecesne (1751-1823). Outros autores escrevem Lezesne, de Scée, etc. Lezia chegou em 1816 e foi o primeiro a plantar café no Tijuca. Um filho sucedeu-lhe na propriedade e chegou a ter 50 000 pés de café.

(112) O massacre dos fazendeiros brancos em 1801 às mãos dos negros revoltados (Desaulines).

XXVIII

Continua minha sina no Rio de Janeiro. Negros com punhais. Meu medo e gritos de socorro. Salvação graças ao chamado: Policia! Chegada à casa dos carpinteiros de Hamburgo. Roubo. O espanhol. Tábua.

O DESTINO PERSEGUIU-ME também no Rio de Janeiro por todos os modos, tornando-me esta terra, em que o europeu em vez de leite ou mel só encontra amarguras, ainda mais odiosa. Tendo ido à ópera, que normalmente começa às oito e termina à meia-noite, saí sem esperar o fim, para poder chegar antes a casa, que ficava a boa e meia de distância.

Achava-me a meio caminho, quando um negro, armado de um cacête, passou a seguir-me assobiando e mantendo-se sempre atrás. Procurei desembaraçar-me dessa suspeitosa perseguição, pois estava desarmado, nem sequer tinha uma bengala. Passei-me para o outro lado da rua, mas o gigante do negro continuava atrás. Detive-me então e gritei: *Va Diabolo!* (sic) Como um eco, respondeu-me êle com as mesmas palavras. Continuei do lado da rua em que havia algumas casas. Teria andado um quarto de hora, quando de trás de um muro em ruína, assaltou-me o diabo do negro com seu cacête, pelo lado esquerdo da rua, a gritar: *vinténs!* Respondi-lhe logo: *ni vinténs.* Três outros saíram ao meu encontro de trás do muro, meio escondido pela vegetação, brandindo punhais. Livrei-me do primeiro, pulando para uma elevação perto de uma loja com a agilidade que o medo infunde. Pus-me a gritar com tóda a fôrça: "Policia! Policia!", arrancando dos gonzos a rótula de uma janela. Os negros hesitaram. Enquanto eu observava na escuridão, gritei ainda mais forte e esnurrei com energia a janela que ficava por trás da rótula. Os negros afastaram-se na direção da minha casa, distante ainda quinze minutos dêsse ponto. Passei a gritar em francês, latim, português, etc., para que me abrissem a porta. Fiz ir o dinheiro na minha bolsa e exclamei: "Fidalgo"! Tudo em vão. Ninguém me abria a porta em frente à qual me achava e de onde

virba uma luz. Tampouco os vizinhos. Corri para outras casas e fiz o mesmo barulho, sem êxito. Em tôda a vizinhança, silêncio de morte, e eu, sôzinho na noite, banhado em suor, à espera cada momento da reaparição dos diabos com suas facas.

Que fazer? Seguir para casa não era aconselhável, já que os negros tinham ido nessa direção e poderiam estar à minha espera. Decidi então procurar os merceneiros de Hamburgo, Hennig e Schultz, que tinham sido meus companheiros de viagem. Ao aproximar-me, gritei com tôdas as forças, para que me abrissem a porta. A mulher de Hennig acolheu-me, ficando estareçada ante meu aspecto, transido e molhado. Meus calções pretos estavam como se eu tivesse saído de um banho. O merceneiro deu-me um copo de pôrto para me reanimar e eu deitei-me sôbre seu banco. Apesar do desconforto, pude dormir, indo para casa ao amanhecer.

Meu cunhado, a quem imediatamente relatei o ocorrido, disse-me que meus pedidos de socorro tinham que ficar desatendidos, primeiro porque o burguês não gosta do fidalgo, segundo porque todos temem que um grito na noite, a pedir socorro, possa ser um subterfúgio. Tivesse eu gritado: *Em nome del rei* ou *Fogo* todos teriam saído.

No dia seguinte, êle lêz uma comunicação à polícia e veio a saber que poucas noites antes as patrulhas de soldados e da polícia haviam perseguido trezentos negros vagabundos e anador. Tais sucessos, porém, são raros, porque os negros, em geral medrosos, fogem logo que se investe contra êles, mesmo à bengala.

Oito dias depois dessa aventura, fui à noite visitar o digno Brigadeiro Caula, do Corpo de Engenheiros⁽¹¹³⁾, com cuja respeitável família passei muitas horas felizes da minha curta permanência no Rio de Janeiro. Ao recolher-me às onze horas, meti a chave na porta e verifiquei que esta havia sido violada. Tôdas as minhas coisas e algum dinheiro haviam desaparecido. As malas estavam abertas, os papéis espalhados pelo chão, só me restando a roupa do corpo. A lista pormenorizada em português de tôdos os objetos roubados foi dada à polícia,

(113) Brigadeiro Carlos Frederico Bernardo de Caula (1766-1835). Comandante das Armas, no côrte, no tempo de D. João VI, com quem regressou, sendo promovido a Marechal-de-Campo em 1821. Filho de oficial francês ao serviço de Portugal.

mas nenhum objeto recuperei, pôsto que fôsse fácil reconhecer o meu uniforme.

A véspera do roubo, tinham-me mandado um criado espanhol para substituir o meu Manuel. Não o quis tomar a princípio porque sua aparência pouco limpa não o recomendava, mas quem o mandou insistiu tanto, que me vi obrigado a aceitá-lo. Já na mesma noite, não appareceu e na manhã seguinte, ás oito horas, entrava-me pela casa meio bêbedo. Despedi-o logo e naquela noite fui roubado. Este espanhol era de fácil identificação, pois tinha um braço mais curto do que o outro. Apesar disso e da ativa investigação policial, não pôde ser encontrado. Provavelmente, refugiou-se nalgum navio ou fugiu da cidade.

Depois dêste segundo e infeliz incidente, passava eu uma tarde em frente à igreja de São Francisco de Paula. De repente, todo mundo pôs-se a olhar-me e a gritar. No mesmo instante caía de uma das torres, a poucos passos apenas, uma tábua de dez pés por quatro de largo.

Essa sucessão de desastres, o malôgro do objetivo da minha viagem, não esquecendo o acidente com minha perna antes da saída de Hamburgo, fizeram-me tomar a resolução de deixar o Rio de Janeiro pelo primeiro navio, o que pouco depois acontecia. Despedi-me de meu cunhado e de sua família com todo o carinho e, já que o sobrinho ficava com a mãe, minha irmã, embarquei com minha filha no navio hanoverense *Fortuna*, sob o comando do capitão Klaus Hoop, rumo à Europa.

XXIX *Sôbre o verdadeiro objetivo da minha viagem. Subsistência no Rio de Janeiro como fazendeiro de café. Petição ao rei. Provas do aprêço real para com meu cunhado. Falta de resposta à petição. Adeus terra das pragas e das esperanças perdidas!*

ANTES DE ENCETAR A DESCRIÇÃO do meu regresso, devo ainda alguns esclarecimentos sôbre o objetivo da minha viagem ao Rio de Janeiro e o malôgro de meu projeto nessa capital, que,

como referi no prelúdio, foi restaurar as finanças que a guerra de 1806 e circunstâncias de família haviam abatido. Para tanto oferecia o Brasil melhores oportunidades do que a Europa, pois com um capital de 6 000 a 8 000 táleres, não havendo novas g. erras, pode-se facilmente, dentro de cinco a oito anos, conseguir uma renda anual de 1 500 táleres, por exemplo, na lavoura de café, que só começa a produzir depois de cinco anos. É preciso, porém, renunciar a tudo o que na vida proporciona prazeres, vivendo-se como um solitário, o que, aliás, é uma vantagem para quem se mete de agricultor, pois que o dinheiro trazido só bastará se fôr exclusivamente aplicado nas exigências mínimas de subsistência, já que não se pode contar com ganho algum durante os cinco primeiros anos.

Outras culturas, tais como a extração de lenha, a plantação de arroz, milho ou frutas e a prática da pecuária são aqui de fraco rendimento. Até agora, só mesmo o café e, assim mesmo nos arredores da corte ou em alguma cidade importante, provida de porto, qual Pernambuco, etc. Mas terras em torno do Rio de Janeiro, dentro de um raio de seis a oito horas, não mais se encontram, pois já os ingleses e franceses se apoderaram, como, aliás, em toda parte, do que há de melhor.

Quando fui apresentado ao rei pelo ministro da Prússia, vesti eu, como já referi, o uniforme prussiano de cavalaria, mas por ocasião do beija-não, estava à paisana, de preto, pelo que ele não me reconheceu e perguntou: "Qui êtes-vous?" Respondi-lhe: "Je suis le beau-frère de Silvestre Pinheiro". Então, muito amavelmente e de novo quis saber como eu me estava dando, se suportava o calor e onde pensava estabelecer-me, informando-me eu, quando à última pergunta, que nas proximidades da capital, mas que, sem o apoio de Sua Majestade, não teria essa possibilidade. Ao reparar na petição que eu levava intagou: "Est-ce que c'est là dedans, ce que vous souhaitez?" Colocando-a sobre a pequena mesa ao lado, a que alud. anteriormente, acrescentou: "Bon, bon, je parlerai avec mon Ministre; je respecte beaucoup votre beau-frère" e, a seguir, despediu-me afavelmente.

Pouco antes da minha chegada, o rei outorgara a meu cunhado a comenda da Ordem de Cristo e concedera a uma sua sobrinha, portuguesa de nascimento e de vinte e um anos que vivia em casa do marechal da corte von Malzahn, em Berlim, bem como à sua filha — uma criança de cinco anos —

individualmente. Uma pensão anual equivalente a 250 *talers*. Também ouvi, ao desembarcar em Hamburgo, do secretário de legação, Sr. da Silva, que meu cunhado fóra nomeado ministro nos Estados Unidos.

Na referida petição solicitava eu do monarca um adiantamento de oito contos de réis, que me obrigaria a reembolsar num prazo de dez anos, parceladamente, para com esse dinheiro formar uma fazenda de café e mandar vir a família da Europa.

Devo confessar francamente que, ao redigi-la, tremia ante a idéia de que o rei a despachasse favoravelmente, pois iria ficar escravizado a essa empresa e, por dever para com a família, obrigado a viver o resto da existência nua país sobre o qual já pronunciei anátema e abertamente me manifestei mais de uma vez: antes pobre em minha terra do que rico aqui!

Curioso, vim a ler a mesma observação numa carta que um europeu residente há anos no Rio de Janeiro, escreveu a amigo seu, na Alemanha, igualmente atingido pelo mesmo mal da emigração, o que muito me confortou.

Como não recebesse resposta, o que não acontece somente a estrangeiros, senão que também a portuguezes e brasileiros, martidos freqüentemente em terra expectativa, passei a tomar providências sérias para a partida, no que influíram os referidos incidentes e as saudades que minha filha sentia de sua casa e dos seus. Ainda mais o exigia o pouco dinheiro que me restava, apenas suficiente para a viagem de volta⁽¹¹⁴⁾. Pedi ao conde de Fleming que escrevesse claramente a sua alteza o príncipe chanceler do reino⁽¹¹⁵⁾ que o fracasso de meu plano não fóra minha culpa, de modo a justificar-me perante aquêles de cuja confiança, proteção e boa vontade eu era devedor. Depois de tudo pôr em ordem e de suprir-me do necessário, disse adeus à terra das minhas esperanças desvauecidas e das minhas desgraças.

(114) Devo explicar ao leitor que dos 3000 *talers* recebidos do Estado, deixei a metade para sustento da minha família e outros pequenos gastos em Berlim, etc. A outra foi empregada nos três meses de estada em Hamburgo, na viagem de ida e volta ao Brasil e nas despesas lá necessárias. (Nota do autor.)

(115) Karl August von Hardenberg (1750-1822). Conde, elevado a príncipe em 1814, chanceler da Prússia desde 1810.

XXX *A viagem de volta. A carga do navio. Saída da barra. Insetos e monotonia. Água doce. A conduta do Capitão Klausthrop. Paralelo com o capitão Doormann na viagem de vinda. Pancadas e atrenga aos porcos. Rudeza do capitão para com os meus companheiros. Atitude de jovem comerciante. As atenções do capitão para comigo. Carta marítima. HODINRAS. Inteligência e queixas do capitão.*

MINHA VIAGEM DE VOLTA não foi tão agradável quanto a de ida. Nesta sonhava com castelos de fadas, naquela estavam eles arruinados e eu sentado sobre um saco vazio e sem esperanças! Por sorte, custou-me muito menos, pois em vez dos 600 táleres prussianos da ida, paguei somente 360, por minha filha e eu. A explicação para a diferença é que o navio *Fortuna* ia tão carregado que até o camarote estava cheio de sacos de café ficando com um espaço mínimo para os viajantes. Minha filha ainda desta vez ocupou o pequeno beliche do capitão.

Tôda a companhia na viagem consistia, fora minha pessoa e a de minha filha, num jovem negociante que tinha vindo conosco e tampouco quis ficar no Brasil.

O navio, um três-mastros, era sólido e bem construído. Levava como carga somente mercadorias do banqueiro Roche, que consistiam em caixas de açúcar não refinado, em sacos de café, peles, algodão, etc., num total pesando dez mil quintais prussianos⁽¹¹⁶⁾ o que obrigou, por calar fundo, a proteger as janelas do camarote durante toda a viagem com tábuas de madeira que deixavam entrar pouca luz.

Ventava bastante no último dia de janeiro, de modo que pudemos sair do porto. Apenas perdido este de vista, a força

(116) Equivalendo o quintal a 50 quilos, são quinhentas toneladas, portanto.

o vento aumentou. Depois tivemos ventos fracos e, durante oito semanas, calmarias, de modo que atravessamos a linha somente a 3 de abril. Calor insuportável, mosquitos, baratas, formigas, que só nos deixaram em meados de maio, e a monotonia integral fizeram-nos sofrer horrivelmente. Tôda a viagem passamo-la na cobertura com tempo bom, sentando nos ora num 'cane' ora noutro, para de algum modo matar o tempo.

Levávamos vinte e quatro barris grandes contendo água doce tomada no chafariz do Poço. Água doce numa viagem prolongada é de maior importância, pelo que, desde o princípio, tivemos que andar com parcimônia. Quando chovia, captávamos água para o café das nossas refeições e para o chá da maruja, a fim de pouparmos a de beber. Nada pior pode ocorrer a um capitão do que encontrar-se com outro de equipagem maior e que lhe exija água. De nada serve mentir ou desculpar-se com uma longa viagem; há que dividi-la e, se não o fizer de boa vontade, corre o perigo de vê-la retirada à força ou afundado o navio a tiros.

O capitão Klaus Hoop, que comandava o *Fortuna* em que nos achávamos, mudou logo de conduta ao entrarmos em mar alto, tratando-nos como se fôssemos seus subordinados. Começou por falar com seus dois imediatos num dialeto o mais incompreensível e desagradável, o que não tínhamos ouvido antes da partida. Mesmo ao tratar do preço da passagem, nunca lhe percebi faltar à correção que se deve a estranhos e mesmo a íntimos. De repente, transformou-se ele em pessoa totalmente outra. Ficou de uma ridícula insolência e presunção ao dar as suas ordens.

(Seguem-se seis páginas irrelevantes sobre as relações pessoais Jêsse *Hudibras* — como foi apelidado — com os passageiros e que nenhum interesse oferecem ao leitor brasileiro.)

XXXI *As batatas. O bacalhau. A carne de boi hamburguesa. Os capitães. Percevejos. Um escorpião. Zwieback. A manteiga. O chá. Cura à maneira do mar.*

OITO DIAS DEPOIS da nossa partida as provisões de batatas começavam a deteriorar-se e em pouco tempo não puderam ser comidas, o que foi uma lástima, pois tivemos que nos privar ao alinção de um prato saboroso e dos mais apreciados em Berlim, que consiste em bacalhau cozido na manteiga com batatas. O bacalhau sem batatas não tem o mesmo gosto. Foi este, aliás, logo suprimido, tanto para marinheiros como para nós a fim de poupar água, já que dá muita sede.

Não é de admirar que as batatas pouco durassem, pois iam de torna-viagem, a primeira tendo sido da Inglaterra para o Rio de Janeiro. Encontrou-se entre estas um tipo de batatas de paladar muito doce.

A carne salgada e defumada de Hamburgo conservou-se excelente, tanto na ida quanto na volta. A salgada, no fim, ficou salgada de mais, tendo sido necessário avinagrá-la. O capitão gostava-a todos os dias, discursando às vezes meia hora sobre o tema, o que nos dava afinal a impressão de assistirmos a uma conferência sobre a arte de conservar a carne defumada.

Os capitães do navio não passam na verdade de simples mestres, como eu mesmo li em seus regulamentos. O título capitão — em dialeto "Käptain" — éles próprios é que se dão. Não passam de prepostos dos comerciantes, a cuja paga se acham. Alguns, como o nosso Klaut Hoop, participam com capital do negócio ou, mais freqüentemente, têm no navio uma quota-parce, devendo muitas vezes, por necessidade ou falta de embarcações, voltar a immediatos, descendo rapidamente de comandantes a comandados.

O que mais admiração causava eram os referidos insetos que faziam o possível por tornar a vida mais amarga nas escuras e estreitas dependências do navio, especialmente durante as calmarias, quando já reinava um silêncio surdo no navio, que

mais parecia um claustro de trapistas; ninguém falava, mesmo os marinheiros olhavam fixo para diante, por não haver esperança de passar a Linha.

Os nefandos mosquitos estabeleceram-se no convés e escondiam-se nos beliches, para de noite nos atormentarem. A estes associavam-se inúmeras formigas, pulgas, percevejos e baratas, mais uma profusão de ratos que se atiravam vorazes às rolhas das garrafas derramando o vinho. O imediato encontrou até um escorpião em seu beliche.

Depois de dois meses criaram-se vermes de um quarto de polegada no *zwieback*. Grande parte teve que ser atirada aos porcos que levávamos a bordo. O resto ainda aproveitável foi aberto, raspado com uma escôva e distribuído à maruja. Tínhamos também um *zwieback* superior hamburguês e manteiga trazida pelo capitão. Esta última conservou-se excepcionalmente fresca durante a viagem, em potes de pedra, a despeito de onze meses no mar em pleno calor: três meses na ida, três no Rio de Janeiro e mais de quatro meses e meio na volta.

As sete da noite servia-se uma grande terrina de chá quente, em que o *zwieback*, em fatias, era molhado primeiramente, deixado esfriar, passando-se então manteiga fresca. Este amanteigado era a única coisa que comíamos a bordo com apetite.

Bebida apreciada, sobretudo no calor, era o chamado chá-água servido como limonada, também recomendável aos doentes em terra firme. Era trazido à mesa depois do almoço em quatro jarras, frio ou morno. Tomada sem açúcar, é francamente uma bebida indiferente, mas, quando nos habituamos, achamo-la tolerável; sou mesmo de opinião que a limonada não é melhor nem mata mais a sede que esta simples e saudável bebida.

Ao tomarmos o dito chá-água, disse nos o capitão com certa graça: "adocendo alguém, isto é: à maneira do mar (expressão predileta de nosso *Huáibras*, que vinha sempre à tona), curamo-lo logo com chá-água e sôpa de aveia; nada mais recebe de comer."

XXXII

Caixa de remédios com misturas e essências, etc., contra toda sorte de moléstias. Esculápios. Golfinhos venenosos. Arreloias. Perigos durante a viagem. O serviço a bordo. Medo do capitão ante a aproximação de um navio. Preparativos. Um tufão. Perigos inventados mas nunca verificados. Meias e camisas.

CADA CAPITÃO LEVA A BORDO uma pequena caixa inglesa de remédios com emulsão, essências, pílulas, etc., para atender a doenças de toda espécie; também nelas se encontram pomadas, bandagens e emplastros para feridas e acidentes, tendo ao lado indicações escritas sobre o modo de empregá-las em cada caso. A despeito de todo este aparato médico, por mais apreciado que seja da tripulação, não ousa fiar-me nele, sobretudo em doenças da importância de um simples enjoo... Os capitães dão-se ares de esculápios corio, aliás, de tudo mais pretendem entender.

Embarcamos quantidades de laranjas e abacaxis, etc., nessa viagem, mas quinze dias depois já a metade estava estragada e incomível.

Os marinheiros pescaram alguns golfinhos com arpão. Têm o gosto parecido ao do salmão e são menos gordurosos. Antes de morrerem, mudam quatro vezes de cor: do azul-brilhante passam a azul-escuro, que vira amarelo e depois verde; um lindo espetáculo. Ao cozinhá-los, introduzem antes uma moeda de prata espanhola, por precaução contra a possibilidade de estarem envenenados. Se a moeda escurece, o golfinho é jogado fora. O capitão explicou esse envenenamento por deterem-se os peixes sobre algum banco de cobre que talvez haja no fundo do mar⁽¹¹⁷⁾ e, para comprová-lo, contou a seguinte história, que repito textualmente porque sei bem como os capitães de navio, à semelhança dos caçadores, contam suas histórias:

(117) Esceck, em seu *Nores on Brazil*, refere também uma variedade destes peixes que, às vezes, põe em perigo a vida de uma tripulação por causa de vermes que podem infestá-los.

Alguns anos atrás, encontrava-se um navio na vizinhança do equador e os marinheiros entreteram-se a pescar golfinhos. Tendo flegado alguns, foram êsses cozinhados sem que colocassem primeiro a moeda e, a seguir, comeram-nos o capitão e tôda a tripulação, salvo o cozinheiro que, por isso, escapou à morte. Sôzinho a bordo, também: êle teria tido a mesma sorte se não passasse, dias depois, um outro navio, cuja atenção êle pôde chamar dando tiros e assinalando com as bandeiras. O navio aproximou-se e êle logrou salvar-se com tôda a carga".

Outra história sua e mais verossímil é a seguinte:

"Certa vez, um pilôto observou algo de estranho no mar, que, à distância, não pôde identificar com a luneta; chamou o capitão e os marinheiros, que tampouco reconheceram o que parecia ser um monstro marinho. Decidiram então acercar-se cuidadosamente e viram que o imaginado monstro não passava do casco flutuante de um navio, enborçado por alguma tromba-d'água. Deram uma volta em tôrno e, tomando um escaler, o imediato dirigiu-se ao navio acidentado. Com uma âncora de abordagem, retirou do camarote um saco de viagem e voltou para seu navio. Examinando-o, o capitão encontrou o retrato de um amigo juntamente com várias cartas destinadas à América. Do que encontraram naquela peça e de outras notícias extrahidas das cartas, ficou-se sabendo que havia a bordo vinte e quatro pessoas: o referido amigo, o capitão e a tripulação; todos pericidos".

É certo que os perigos no mar são grandes e variados, mas não tanto quanto em geral os descrevem. Muitos navios vão e voltam da América sem novidade. Bem maiores são os que enfrenta o viajante no Báltico ou no Cattegat, etc.

O serviço a bordo é bastante penoso e pode despertar desentendimentos entre capitão e tripulação. Cada quatro horas, o capitão e o imediato revezam-se na ponte, noite e dia. O segundo oficial entra em serviço cada vez que o capitão fica de vigília.

Quando cai uma chuva forte ou tromba d'agua, em geral acompanhada de ventania, o capitão ou o imediato, durante cujo quarto isso aconteça, pode ser surpreendido e não ter tempo de recolher as velas. Tal fenómeno, provocado por tempestades, às vêzes surge súbitamente, não permitindo aos marinheiros, por maiores esforços que façam, recolhê-las, e o navio corre o perigo de ter as velas rasgadas pelo vento.

Se o nosso *Hudibras* via de longe outro navio, perdia a presença de espírito, pôsto que tratasse de escondê-lo o mais possível; era-me fácil, porém, distinguir entre uma fingida tranquillidade e o real pavor de que era acometido e se manifestava logo na sua cara, que eu observava atentamente a qualquer vizinhança de perigo. Felizmente não corremos nenhum verdadeiro, para o que eu tomava sempre minhas precauções. Se algum pirata se aproximasse, eu teria feito com que minha filha vestisse logo as roupas de grunete, disfarçando-a de modo a que não fôsse reconhecida como mulher. Fora a mala de minha filha, eu só perderia a casaca preta que, as vésperas da partida, mandei fazer com urgência no Rio de Janeiro para despedir-me do rei; o ministro dinamarquês emprestou-me para a ocasião seu *chapeau à claque* com cordões dourados.

Quando um pirata se apressa de algum navio, o que só faz depois de se dar conta de que a tripulação dêste não lhe é superior em número, carrega boa parte dos alimentos e deita a mão sobre tudo que é de valor. Piratas, insurgentes ou que outro nome tomem êsses saqueadores⁽¹¹⁸⁾, êles chegam a desvestir e a pilhar os viajantes. Afirmou-me o capitão Doormann, pessoa fidedigna, que, em viagem para São Tomás, no espaço de três semanas, foi duas vezes assaltado por diferentes piratas que só lhe deixaram a roupa do corpo. O pior é a captura da água doce como já referi, sobretudo quando, para chegar ao próximo ancoradouro, ainda faltam algumas centenas de milhas.

Um segundo perigo, embora menos freqüente, é o que corre o navio na escuridão, quando é abalroado por outro, impellido por uma tempestade; ambos podem danificar-se a ponto de não haver possibilidade de reparo. Tripulação e viajantes têm apenas tempo de se salvarem em botes ante a violenta irrupção da água que afunda o navio com toda sua carga.

Afora êsses dois perigos e o das tempestades, em alto-mar não se correm outros; nos portos, há os bancos de areia, as pedras submersas, etc., que exigem cuidado; contudo, o marinheiro experimentado costuma conhecê-los.

Os tufões são raros, mas podem ser perigosos, se ocorrem. Também quando está o mar muito agitado e que as ondas

(118) Não eram somente piratas barbáricos os que nessa época rondavam os mares, acarretando grandes perdas ao comércio. Corsários americanos, arvorando o pavilhão de Artigas, como insurgentes e outros, nas Antilhas, constituíam séria ameaça, que todos os viajantes registraram.

bateu o navio, sendo este menos bem construído, pode facilmente soçobrar; não resta então outra salvação senão confiar-se às ondas tempestuosas em botes e isso com a maior rapidez. Quando se tem sorte, consegue-se passar para outro navio ou atingir terra; mais freqüentemente, porém, tragam-nos as ondas.

Enquanto andávamos em alto-mar, longe de ilhas, eu não tinha cuidado. Mesmo por ocasião das tempestades, que experimentamos depois, fiquei calmo, pósto fôsse desagradável não saber ao certo a posição em que nos encontrávamos. O capitão, de pura malvez, nunca nos dava informações e os menores perigos pintava-nos sempre com as côres mais negras.

Depois de muita esperança frustrada passamos finalmente o equador com as velas enfunadas por um vento razoavelmente forte, no dia 3 de abril. A travessia desta paragem durou sessenta e quatro dias, quando, com ventos favoráveis, não tem levado mais de doze.

Tivemos a má sorte de não contar a bordo senão com um livro: a *Viagem do jovem Anacharsis*, que por acaso descobri e reli uma dezena de vêzes. Mas nem sempre estamos dispostos à leitura, podendo às vêzes passar horas seguidas a olhar da coberta, apoiado num tonel, o jôgo das ondas, com o espírito bem distante. Minha filha, ainda que com saudades dos irmãos, foi quem melhor ocupou o tempo. Dormia bem e pôde tricotar, no correr da viagem, vinte pares de meias e costurar umas doze camisas.

XXXIII *Previsão da chegada a Hamburgo. O tubarão. O peixe-piolho. O número de peixes apanhados durante a viagem de retorno. Mólho branco e mólho pardo. Almôndegas. Panquecas. Pudim. As galinhas pernoltas brasileiras.*

DEPOIS DE PASSADA A LINHA, avistamos um navio; apenas um ponto no mar. Foi um espetáculo novo, pois em mais de dois meses só vimos golfinhos, que à noite parecem fosforescentes e outros peixes e insetos, etc. Nada mais de interesse vimos no

mar. Contávamos os dias que nos faltavam para chegar a Hamburgo, já que era passada a terça parte da viagem. Os capitães não gostava de ouvir falar em prognóstico nem de especular sobre ventos favoráveis sabendo todos por experiência quanto podem ser iludidos.

Os marinheiros pescaram uma vez um tubarão, usando um grande anzol de ferro, amarrado a uma corda longa e, como isca, bacalhau seco e ossos envoltos em trapos de vela. De longe, aproximava-se lenta e preguiçosamente. Apenas viu a isca precipitou-se sobre ela e engoliu-a; com grandes esforços foi içado ao tombadilho, onde se defendeu, com extraordinária energia. Cortaram-lhe logo a cauda com um machado, para sangrá-lo, e depois abriram-lhe a barriga, o que não o impediu de dar vários saltos de mais de quatro pés de altura. Extraídos os intestinos, encontrou-se variedade de peixes de todos os tamanhos, mortos mas ainda frescos. Depois de tudo isso, o tubarão ainda pôde dar saltos que chegavam ao peito dos homens. Pareceria incrível, não o tivesse em mesmo testemunhado. A espinha dorsal é tão forte que se pode fazer dela uma bengala da espessura de um junco espanhol ou peças para jôgo de damas. A pele do tubarão no comércio chamada pele de peixe. É muito dura e serve para polir móveis e outros trabalhos que devem ser limados ou lixados.

Curioso é o peixe-piolho que adere às costas do tubarão. Tem o tamanho e a forma de um crustáceo e é inimigo do tubarão, cujo sangue suga sem que a vítima consiga dê-lo desembaraçar-se.

Durante a viagem pescamos dez golfinhos, seis tubarões e quatro bonitos, que são do tamanho dos primeiros, mas têm uma carne seca e insossa como a de boi, de qualidade inferior. Também doze peixes voadores foram jogados pelas ondas sobre o tombadilho.

Depois da linha, matou-se o primeiro dos três porcos trazidos do Brasil. Essa carne fresca foi um verdadeiro regalo depois de termos tido que nos contentar tanto tempo com carne salgada e defumada. Era ainda mais gostosa porque haviam sido engordados a ervilhas, batatas estragadas e *zwieback* apodrecido. Um desses porcos deu para quinze dias. De boa parte da carne, com molho branco ou preto, fêz-se um prato muito do gosto do capitão — ahondégas com farinha de trigo por êle trazida de Hamburgo — mas que exigia

estômago de ferro para digeri-lo e me caiu mal. O capitão, grande comilão, também os achava indigestos e chamava-as de "paralelepípedos estomacais", mas comia cinco ou seis delas, ao passo que nós, mesmo famintos, mal aceitávamos uma.

Outro prato de farinha, chamado em baixo alemão *Pannekuchen* (*Pfannenkuchen*) consistia nessa mesma farinha e manteiga, cozida em três fatias superpostas, como um bôlo de ovos. Com açúcar por cima, era passável. Muito sofrível também, era o arroz com carne defumada: somente o chamado pudim, sobremesa do ritual predileta dos maunheiros, e distribuída, como suplemento, de vez em quando durante a semana, eu não podia digerir. Consistia em farinha, água e manteiga e era preparado às nove da manhã pelo imediato na nossa presença, sendo a massa introduzida num saco cilíndrico de linho, e a seguir cozinhada em água salgada. Sabia à cola de encadernação. Juntavam-lhe ainda um mólho de banha de porco já passada... Dêsse estranho prato era preciso provar, para que não nos fizessem cara feia. O que sobrava do mesmo era cortado em pequenos pedaços, tostados na manteiga e servidos com o chá, à noite, qual especialidade. Desta maneira era, aliás, mais aceitável.

O segundo porco ia ser morto pouco depois, mas adoeceu de convulsões e teve que ser deitado ao mar; nossa esperança de comermos novamente carne fresca foi assim fraudada.

Minha irmã havia-me presenteado, ao partir, vinte galinhas penaltas, mas que morreram em grande número, depois de se arrancarem as penas estranhamente com os bicos. Tinham-se feido de todo jeito a despeito dos cuidados do capitão — o que reconheço em seu louvor — e ficaram esqueléticas. A ração de milho que eu comprara no Rio de Janeiro, na falta de cevada e aveia, ter-lhes á sido demasiado quente durante os dois meses de imobilização sob o equador. Essas galinhas brasileiras gostam muito do lixo e quando descobrem algum, ciscam-no com suas patas para comer, o que nunca observei entre as européias.

XXXIV

Ventos contrários. O macaco. Amizade do macaco por uma galinha. A morte de ambos. Uma tempestade. Seu abrandamento. As ondas. Pêlhéias da capitã. Sol poente. Satisfação quando se aproxima um navio. Perigo. A camballota do capitão.

QUINZE DIAS DEPOIS DA LINHA, sobreveio um vento contrário que impeliu o navio na direção das Antilhas.

Dos casos mais curiosos da viagem foi o que se passou com o pobre macaco já referido, de propriedade do jovem comerciante, nosso companheiro, que o capitão e marinheiros perseguíam. O macaco tinha em grau elevado o instinto do roubo pelo que o capitão deixava-o circular livremente quando os marinheiros, com tempo bom, comiam suas refeições no tombadilho; o macaco, sorrateiramente se os percebia distraídos, comia depressa dos seus pratos. Quando apanhado, batiam-lhe rudemente e os gritos do animal provocavam minha compaixão. Em princípios de maio, o macaco adoeceu, naturalmente por causa do frio que, à noite, obrigava-nos a usar mais de um cobertor. Tremia o coitado todo o tempo como vara verde e foi encerrado pelo capitão com a derradeira galinha européia bem nutrida, numa grande gaiola. A princípio macaco e galinha não se entendiam, mas acabaram acostumando-se um ao outro, a ponto de a galinha, ante o sofrimento cada dia maior do companheiro, estender sobre êle suas asas para aquecê-lo. Retirando-se o macaco da gaiola, a galinha cacarejava até que o devolvessem. Finalmente, morreu no colo de minha filha. Sentindo-lhe a falta, adoeceu a galinha e, emagrecendo, teve que ser morta. Envólto em lã, por minha filha, foi o macaco jogado ao mar. Pouco antes, haviam-lhe dado um biscoito embebido em chá quente. Fêz uma mímica com a cabeça como a dizer que sentia aproximar-se o fim. Foi uma cena verdadeiramente tocante. Isso se passou escondidamente, para que o capitão e os marinheiros não o soubessem logo e nos demonstrassem sua falsa tristeza.

No dia 22, na vizinhança dos Açores, sobreveio uma tempestade que durou três dias. O urvar dos ventos e o bater das ondas, qual um surdo canhoneio, nos assustou, pois tínhamos a impressão de que a violência do mar arrebentaria o costado do navio. O capitão desceu ao camarote a gritar: "Que a sorte nos ajude, já não governo o navio!" O mar continuou grosso depois da tempestade e as ondas varriam o tombadillo, ameaçando tragá-lo. Os marinheiros mantiveram-se a postos, junto às cordas. O capitão proibiu-nos de subir no convés, para que não fôssemos arrastados pelas ondas.

Três dias depois, liberados da nossa prisão, pudemos respirar ar fresco e observar os estragos feitos pela tempestade. De um lado do navio arrebentara-se o forte revestimento de tábuas que tinha uma polegada de espessura; também a porta da cozinha havia sido rachada pelas ondas, que ainda alguns dias depois ofereceram espetáculo ameaçador. Apesar da calma atmosférica e do belo sol, corriam elas pelo bordo, altas como montanhas, arrebentando às vêzes sôbre o convés, de onde a água escorria pelas aberturas laterais.

Nosso *Hudibras* (o capitão) não deixava por vêzes de ter chiste. Assim, durante a tempestade, disse-me em bom alarão: "Veja o que temos que oguien ar para que o café em Berlim custe o dêbito do preço por que é vendido no Brasil!" A bem achada observação contrastava com o comum, de suas piadas, por demais sensaboronas.

Era um reconfôrto o espetáculo do pôr do sol sôbre o mar. Quando acabrunhado pelo meu destino e desanimado quanto ao futuro de meus quatro filhos, subia eu ao tombadillo e sentia-me reanimado ante a beleza do crepúsculo.

Com o movimento das ondas, o navio adernava de tal maneira que eu me sentava às refeições atrás da cadeira que ocupava minha filha, sustentando-a com os joelhos e apoiando-me contra a parede. Ela passava-me a comida por cima da cadeira, vendo o que, o capitão irônicamente atalhou: "Esta não é a boa maneira do mar. É preciso saber equilibrar-se numa perna só". Mal acabara de dizê-lo e uma onda mais forte jogou-o de cambalhota, derramando sôbre si pratos e comidas. Foi difícil conter o riso ante tão cômico episódio. O capitão levantou-se envergonhado dos destroços da refeição e não disse uma palavra.

A tempestade seguiu-se a bonança. Passaram por nós muito perto cinco navios vindos da Inglaterra em direção das Antilhas. Foi uma alegria, mas que nos ia sendo fatal, pois um desses navios, por negligência do marinheiro que se achava ao nosso leme, quase nos abalroou. Por sorte apenas nos arranhámos um ao outro.

XXXV

Caravelas. Sensação sob a luz das estrelas e do luar. Influência nefasta da lua. Ventos favoráveis. O barco de Blankenese. O salmão. A música das ondas. O Canal. Um farol. A Comissão de Saúde. Cuxhaven. Hamburgo. Fim da viagem.

As CARAVELAS, a que já me referi e que se encontram à altura de Portugal, têm uma forma estranha. Parecem um fole de que pendem aderências e apresentam uma banda circular estreita, avermelhada ou azul, como as caixas de *whist*, do mais belo efeito. Os portugueses chamam-nas *Manuar*, os ingleses *Man of war*⁽¹¹⁾ e os franceses *Galère*. Foi com satisfação que vimos pelas costas esta região e que deixamos de encontrar tais criaturas, que dizem ser venenosas e deixam ao contato uma inflamação dolorosa como um emplastro de cantáridas.

Uma noite clara e tranqüila no mar produz uma sensação indescritível. O silêncio a bordo, o bater regular das ondas, um imenso firmamento estrelado e a lua resplendente exercem forte influência sobre pessoas sensíveis. O capitão Doormann afirmou-me que a exposição à luz pode ser perigosa, desfigurando o rosto dos marinheiros⁽¹²⁾.

O vento agora era tão favorável e soprava tão forte que, dentro do camarote, tinha-se a impressão de corrermos ao galope de quatro cavalos por uma estrada real. Chegamos rãpi-

(11) *Manuar* ou "man of war" ("Portuguese man of war") seem parecido. A primeira expressão seria então um esportuguesamento da segunda, por conta de Leitão.

(12) Era era uma doença a que outros viajantes na época fazem menção.

damente ao Canal. Como a neblina era intensa, já havíamos entrado seis milhas sem o saber. O capitão estava muito preocupado por ignorar em que ponto nos encontrávamos. Deitávamos a sonda cada quatro horas. Aproximávamo-nos de terra e tocamos no fundo. O mar estava mais verde. Ele receava que, continuando a neblina, encalhássemos nalgum dos bancos de reio que se encontram à entrada do canal. Felizmente ela levantou-se e, para nossa alegria, nos encontrávamos nêle.

Um barco de Blankenese, trazendo o piloto, veio ao nosso encontro. Tais barcos têm um só mastro e uma tripulação de três homens. Saem de Blankenese, perto de Hamburgo, e chegam pelo canal até o Oceano, para levar os pilotos aos navios que chegam. Geralmente trazem peixe. Os peixes que estavam no que nos veio buscar cheiravam ôtimamente. O piloto ficou a bordo. Os demais seguiram com o barco.

O piloto conduziu nos até Cuxhaven, onde foi substituído por outro colega.

O vento favorável havia durado até o fim do canal e aí cessou de uma vez. Dos Açores até Hamburgo a música que eu ouvia dia e noite, às vezes mais forte, às vezes menos, soava assim:



Ainda em Berlim, durante dez dias ficou-me a melodia nos ouvidos.

A rápida travessia do canal, já em princípios de junho, foi muito interessante. Passamos perto do Condado de Sussex, da Ilha de Wight, de Dover, etc. Podiam-se distinguir os bonitos tons verdes dos campos, encontrando grande número de navios, pequenos e grandes, que iam da Inglaterra para a França e vice-versa. Os esplêndidos faróis novos chamaram-me a atenção porque, como me dissera meu cunhado, serão construídos semelhantes no Rio de Janeiro, cobrando-se para isso

nôvo impôsto dos navios estrangeiros. O vento contrário que se levantou ao sairmos do canal nos levava para os bancos do Mar do Norte. O capitão parecia aborrecido, porque dois anos antes atriou-se quatro semanas por causa disso, e agora parecia repetir-se o fato, mas o vento mudou e ancoramos em Cuxhaven a 8 de junho de 1826, onde recebemos a visita da Saúde, na manhã seguinte, a qual, procedendo de maneira estranha, constava de seis pessoas. O médico ficou de fora, no barco em que viera. Os passageiros, marinheiros, etc., tiveram que se enfileirar no tombadilho e o capitão jurou, levantando dois dedos da mão direita, que não havia doentes a bordo. Pôde o navio seguir viagem até Stade, na rota de Hamburgo, onde teve que se demorar uma noite devido à Allândega de Hannover.

Estávamos ancorados a cento e poucos passos de Cuxhaven, gozando a vista da terra de que sentíramos a falta tanto tempo e a bellíssima vegetação. As casinhas pitorescas em tôrno pareciam especialmente aprazíveis.

Terminada a visita da Saúde e devendo prosseguir logo o navio, pedi às autoridades que nos levassem minha filha e eu para Cuxhaven, no que logo consentiram. Foi uma alegria! De um salto, passamo-nos para o barco da Saúde sem dar atenção ao capitão Klaus Hoop. Referi o que tinha sido sua condota durante a viagem e tive como resposta que o "senhor capitão" era bem conhecido como egoísta.

Em Cuxhaven voltei a provar o que é um bom caldo e uma refeição decente. Só que a extraordinária mudança do espaço acanhado sôbre o agitado elemento para a vastidão da terra firme não permitiu que nos produzisse melhor impressão. De tal modo, eu e minha filha, havíamos sido deprimidos pelo destino que nem sentimos êsse primeiro beneficio de nos encontrarmos em lugar seguro e entre boa gente.

Tomamos em Cuxhaven um barco muito rápido que nos levou a Hamburgo. Passando por Stade, onde tivemos que parar por causa da Allândega, vimos o nosso navio. Mandei o piloto receber do capitão Klaus Hoop minha mala, etc., que logo me foi entregue.

Recomendo a todo viajante estipular, em contrato escrito, com o capitão ou mestre a menção expressa de tôdas as condições do mesmo, porque uma vez embolsada a passagem e embarcado o passageiro, fazem dêle o que querem e êste, por assim

dizer, fica sendo um escravo. Há excepções, naturalmente, e certifico com prazer a do capitão Doormann, que bem o demonstrou, na nossa ida.

Chegamos a Hamburgo a 9 de junho, onde por incômodo superveniente de minha filha, ainda tivemos que esperar três dias. Finalmente, seguimos para Berlim no dia 13, assim, terminando minha infeliz viagem.

*

Impresso por Leopold Wilhelm Krause, em Berlim, Adlerstrasse, N.º 3

DIÁRIO
DE MINHA VIAGEM
ATÉ
O RIO DE JANEIRO
NO
BRASIL
E
VOLTA
NOS ANOS DE 1819 E 1820

*

LUDWIG VON RANGO

EM CARTAS
COM TRÊS GRAVURAS

BAUMBERGER BUCHHANDLUNG

(Em comissão)

LEIPZIG

1821

ÍNDICE DA PRIMEIRA PARTE

PREFÁCIO	119
CARTAS A EGIMONT:	
<i>primeira</i> — Decisão de viajar para o Rio de Janeiro, no Brasil, e razões para essa decisão	125
<i>segunda</i> — Licença de Sua Majestade para a partida e resposta a uma carta de Egimont	126
<i>terceira</i> — Partida para Hamburgo, onde um navio se encontra pronto para largar, sob o comando do capitão Dookmann, seguindo direto para o Rio de Janeiro	126
<i>quarta</i> — Chegada a Hamburgo	127
<i>quinta</i> — Estadia em Hamburgo e descrição do navio mercante <i>Sophie</i> , que parte a 1.º de agosto	127
<i>sexta</i> — Partida de Hamburgo a 1.º de agosto de 1819 e descrição da travessia pelo Elba até a chegada ao mar — 8 de agosto	127
<i>setima</i> — Descrição do espectáculo dos <i>Saltadores de Schiller</i> , em que Herr Devrient desempenha, a convite e papel de Franz Moos. Considerações sobre o teatro e conceito de Schiller sobre o mesmo	127
<i>oitava</i> — Enjôo. Lista alfabética das expressões próprias usadas pelos marujos. Um enigma	127
<i>nona</i> — Um sonho <i>O juramento</i>	127
<i>décima</i> — Curta notícia sobre a arte de navegar	127
<i>décima primeira</i> — Descrição da barquilha: isto é: o instrumento pelo qual se mede a velocidade e se conta a milhagem	127
<i>décima segunda</i> — Sobre as marés e descontos do atraso lunar	127
<i>décima terceira</i> — Divisão do tempo durante a viagem e observação dos corpos celestes, para sinalização do curso pela gente do mar. Devião. Correntes. Instrumentos para observação celeste pelo capitão	127

<i>décima quarta</i> — Regras para descobrir algumas estrelas.	127
<i>décima quinta</i> — Chegada ao Rio de Janeiro. Descrição da entrada da barra.	128
<i>A surpresa.</i>	129
Extrato do diário de navegação.	
Resumo da milhagem navegada.	129
<i>décima sexta</i> — Reencontro. Conhecimento de irmãzinha de seis anos.	
Descrição de alguns peixes notáveis:	
o tubarão,	
o bacalhau	
o atum,	
o <i>Makreile</i> ,	
o <i>Breitsisch</i> ,	
o pequeno <i>Rothbart</i>	130
Anotações às cartas celestes:	
a esfera setentrional,	
a esfera meridional.	
As constelações:	
da esfera setentrional,	
da esfera meridional.	130
<i>décima sétima</i> — Recordações do passado	131
<i>décima oitava</i> — Algumas impressões da cidade.	132
<i>décima nona</i> — Continuação. O beija-mão.	135
<i>vigésima</i> — Envio dos capítulos: <i>Situação topográfica e Comércio do Rio de Janeiro.</i>	137
<i>vigésima primeira</i> — O Passeio Público — O teatro — Louçadas. . . .	144
<i>vigésima segunda</i> — Militares. A Polícia. Forças, Artilharia, Marinha. Mercado de escravos.	146
<i>vigésima terceira</i> — Recordação de Wilhelm. Entêrrro de um militar. Acusa uma carta de Egmont.	148
<i>vigésima quarta</i> — Morte do marechal Blücher von Wahlstadt e de um amigo. Música na Capela Real. Marcos Portugal. Conhecimento com Neukömm. Sobre a música.	150

<i>vigésima quinta</i> — Sobre a maneira de viajar no interior. A colônia suíça de Cantagalo. Provisão de mantimentos para uma viagem marítima. Consequências para o europeu das falsas notícias sobre o Brasil	151
<i>vigésima sexta</i> — Decisão sobre o regresso a bordo do três-mastos francês <i>Glaudine</i> , de partida direta para o Havre de Grâce	153
<i>vigésima sétima</i> — Relato das viagens a São Lourenço e a Cabo Frio. 154	
<i>vigésima oitava</i> — Partida e comparação do <i>Glaudine</i> com o <i>Sophie</i> . Informação sobre a ilha da Trindade. Passagem da Linha. Ocupações no <i>Caludine</i> . Conflitos a bordo. Caça à tartaruga.	160
PALAVRA FINAL DA PRIMEIRA PARTE	163

Prefácio

O NÚMERO DE OFUSCADOS, que, por considerações diversas, abandonam a pátria, para se atirarem aos braços de uma zona exótica, sobre a qual formaram noção de todo errada, aumenta diariamente, ocasionando a desgraça de muita família honrada.

Após da fama e de ocupação, jovens destroem sua felicidade interior quando pretendem em vão arrancar da novidade o que lhes nega a rotina caseira e, ao voltarem, deprimidos e decepcionados, após penosa e longa ausência, à pátria desprezada, não redescobrem a *felicidade* que êles largaram, já que *tudo* está mudado e se lhes tornou estranho em casa.

Outras conseqüências ainda mais sérias decorrem, para nossa *pátria alemã*, da illusória descrição de um país que ainda se acha em projeto e no mais baixo estágio de cultura, e onde a *humanidade está sendo calcada aos pés*.

Que é que no mundo deve mais importar ao homem senão a humanidade? Que mais poderá estimulá-lo senão o seu aperfeiçoamento?

O Brasil um paraíso!!! Terrível imagem de um paraíso na terra. *Inocência e liberdade*, qualidades precípuas de um natural paradisíaco, debalde vos acharão naquele tão louvado país!

Entre todos os estrangeiros com quem falei durante minha estada no Brasil, poucos não partilhavam de minhas vistas sobre o país, poucos não suspiravam pelo momento de sua liberação, para, de joelhos, implorarem aos penates o perdão de sua culpa; poucos, em suma, encontraram o que buscavam, excetuados talvez, os que foram à caça de borboletas e vermes, pois vermes os há em abundância.

Para abrir, pois, os olhos dos que estão a ponto de se deixarem iludir por homens falsos ou subornados, de que o Brasil seja um país onde basta ter mãos e pés para se *ganhar a vida*, e oferecer a meus amigos uma prova de aprêço, fiz imprimir estas páginas que não pretendem mais do que são (1).

Pôsto que eu saiba quão ingrato é dizer a verdade a quem prefere ser iludido e seja difícil esclarecer a errada noção que se faz da liberdade àqueles para quem felicidade e dinheiro são aparentemente sinónimos, não se deve contudo omitir, por vários motivos, mesmo nos ávidos adeptos de Mamon, a advertência leal de que justamente nesse país nada irão encontrar e menos ainda aquilo que os faria felizes: *ouro*.

Lágrimas silenciosas vinham-me aos olhos cada vez que passava por uma officina, loja ou casa e ouvia falar alemão, aparecendo em seguida um homem pálido, banhado em suor, cujo rosto parecia marcado pelo atrependimento. Oh! pudesse eu falar ao coração dos que cometeram a loucura de trocar sua pátria, sua *pátria alemã*, por outra, em que o homem virtuoso é uma aparição inatidita e todos são escravos, sem excepção, como também persuadi-los a se não deixarem succumbir pelas conseqüências de um passo errado. Mostrar-lhes-ia o futuro como num espelho e poderia, quiçá, despertá-los de sua letargia mediante uma boa resolução.

Ainda que eu esteja convencido de que só um *desgraçado* pode virar as costas à pátria para *naturalizar-se* noutro país (como se costuma dizer), também acredito na possibilidade de que espíritos inflamáveis e levados por românticas descrições cometam com entusiasmo o terrível passo de se desvestirem de seu ser alemão; pois, de cabeça fria e em sã consciência, tal equívoco é impossível.

Mesmo o sofrimento vivo não excusa uma decisão tão desesperada. Quem se propõe a fugir de seu torrão natal por se convencer da própria miséria, só a partir desta decisão deixa de ser alguém, se jamais o foi.

Debalde tentarão abalar-me a fé com a lembrança de tempos antigos, quando tribos inteiras abandonavam suas origens; em vão apresentar-me-ão os anais da história para provar-me que mesmo em épocas recentes, massas de perseguidos, por

(1) Oxa! sirvam elas também aos que nunca viajaram por mar e esão rotundados a fazê-lo, já que poderão extrair da minha narrativa muita preciosa util.

desespéro ou temor, virar as costas à sua terra; inútilmente recordar-me-ão que até nos vizinhos Países Baixos, ainda no século dezesseis, atingiu a 120 000 o número de emigrados à cega vingança do espanhol fanático, à espada verduga de um Alba implacável; emigração de que até príncipes de sangue participaram: repetirei, não obstante, minha convicção e tratei de lhe permanecer sempre fiel. Não importa que todo o alegado difficilmente contradiga minha tese, que estes exemplos nada tenham que ver com o que eu chamo de emigração e de degredante naturalização em país estrangeiro, uma coisa está sufficientemente comprovada: não é certo tudo o que fazem as massas, nem tudo o que parece certo, ou seja mesmo certo, pode ser qualificado de *grande* ou *nobre*.

Contudo, minha intenção não foi escrever um capítulo sobre o tema: "Quando pode um homem virtuoso legitimamente abandonar seu país e deixar-se naturalizar em outro"; pois isto me levaria, zeloso defensor que sou de minhas idéias, longe demais e trar-me-ia o ódio dos *grosser Herren* (2), que de nenhum modo estão dispostos ou habituados a ouvir a verdade de quem lhes está tão abaixo (será mesmo tão de temer o ódio d'esses *grosser Herren*?). Não, minha intenção é apenas prestar um serviço com minha franca opinião, apoiar com argumentos e deter por todos os meios os nobres ofuscados da prática de uma tal loucura, de que tarde ou cedo se arreperderão. Chame, quem quiser, de fantasma o *amor pátrio*, de quinquera a *ansia pela liberdade*; estas são virtudes que brilharão eternamente no firmamento da immortalidade.

Com infinita felicidade voltei de novo a pisar, após uma ausência de treze longas iras, o sagrado solo alemão; indescritível foi a sensação que me assaltou, tanto mais viva por voltar a sentir a graça celestial de ser *alemão*.

VON RANCO.

NOTA — Circunstâncias diversas levaram o autor a imprimir estas páginas em Bruxelas onde, por falta de letras alemãs, não pôde ser evitado o desagrado de servir-nos de estranhas.

O EDITOR.

(2) Grandes senhores.

JORNAL
DA MINHA VIAGEM
AO
RIO DE JANEIRO
NO
BRASIL,
E
VOLTA.
NOS ANOS DE 1819 E 1820
EM CARTAS

PRIMEIRA PARTE

Berlim, 15 de junho de 1819

Finalmente caro Egmont, vejo a ponto de realizar-se meu tão suspirado desejo. Sedutora miragem, que me persegue há doze longos anos, clamava, cada vez com maior veemência, estas palavras de fogo: "Segue-me, precipita-te nos braços de uma mãe amorosa, para entregar-té ao sacrossanto delcete do reencontro de que tanto tempo estiveste privado!"

Doze memoráveis anos são passados desde que disse meu último adeus à querida mãe, o peito todo amos, o coração partido; desde que, pela primeira vez, senti e suporlei, em sua magna intensidade, a dor da separação.

Com efeito, Egmont, nada tem de ligeira a dor da separação. Nunca a sentiste no mesmo grau. Contudo, algo de indefinível plana sobre sua sublime paciência, expressão segura do que há de divino em nosso ser humano, a prova mais real da nossa natureza divina.

Maior e mais forte para grandes ações sente-se o homem em momentos desses, que deixam a marca eternamente no livro perene da immortalidade, de rossos impulsos vitais os mais intensos, arrancando-os do esquecimento.

Daquele instante da separação, precedida de amarga intuição, nunca mais vi desaparecer a mãe sem esperar que, terminados os estudos, iria saudar filialmente minha adorada mãe, mais homem e mais feliz. Eis que, como se tocado por vara de condão, lá em começos do sétimo mês, uma carta me gritava estas duras palavras:

"Nossa mãe seguiu o marido para o Rio de Janeiro (1). Consola-te! Ela cumpria o seu dever."

Teu irmão sempre carinhoso

Wilhelm.

(1) Embora o casal Silvestre Pinheiro deixasse Berlim, para estar em Lisboa em 1807, só pôde chegar ao Rio em 1810. *Cópia de* Edmundo: *A corte de D. João VI.*

Desapareciam assim por uma eternidade meus suaves devaneios de voltar a vê-la, pois, nas minhas condições de então, como seria possível entreter a fantasia com planos gigantescos de uma viagem dessas? Sem embargo, devo confessar-te que um raio de luz varou o céu tenebroso de meus sonhos juvenis, deixando-me suspeitar o que agora está para se realizar.

A decisão final, que, por certo, devo agradecer-te, está indelévelmente escrita em meu peito. Já me dirigi ao rei, pedindo-lhe uma licença de dezoito meses para realizar a viagem ao Rio de Janeiro. Foi-lo com indefectível confiança no coração do meu soberano e estou tão seguro de seu assentimento como acredito em um Deus. Logo que receba a decisão, comunicar-ta-ei e desde já te peço: arranja-te para que eu possa, ainda antes de seguir para Hamburgo, onde penso confiar-me às ondas, apertar-te uma vez mais em meus braços fraternais e conversarmos sobre tudo o que há que fazer.

Não ousou pensar em nossa despedida, que já tornou difícil, faz tempo, uma resolução, mas *minha mãe trouxe-me sob o coração!* Não lhe posso dar maior prova de amor.

Deixando a pátria, separei-me de tudo, que me é caro neste mundo, salvo dela. A meu pai, escrevo ainda hoje. Egmont! É uma carta que me vai custar muita lágrima. Meu pai tem-me inenso carinho e eu receio, por isso, que êle interprete mal meu propósito; mas não lhe posso poupar êsse disabor: o último.

Em belos sonhos balouça minha fantasia e uma estranha mistura de dor e de consciente alegria enche-me o íntimo, que conheces melhor do que ninguém, tu de quem me vou longamente separar.

Consola-me a convicção de que meu nobre Egmont saberá compreender-me ainda melhor em razão mesmo desta decisão, e pensará em mim sempre com afeto.

L.

Cartas segunda à décima quinta

(Resumo)

(As cartas segunda e terceira, ainda de Berlim, ferem a mesma nota de sofreguidão ante a idéia de rever a mãe e de conhecer "a terra paradisíaca", mas os preparativos da viagem

deixaram-lhe, contudo, tempo — informa êle — para escrever uma curta comédia: *Crime desnecessário ou consequências de um desmaio*. A quarta, de 28 de junho, relata a saída para Hamburgo e o prazer que lhe proporcionou o conhecimento de certo companheiro de diligência, um senhor B., de quem voltará a falar e que não é o tio, verificando-se aqui misteriosa discrepância entre os dois relatos, pois que Leithold diz ter feito essa primeira parte da viagem, de Berlim para Hamburgo, acompanhado do sobrinho, entre 20 e 23 de maio, ao passo que Rango fê-la a 27 de junho, sem falar numa viagem precedente. Na quinta, dá suas impressões de Hamburgo, cidade que não lhe foi simpática por causa dos "muitos judeus e traficantes". As qualidades náuticas do *Sophie* confirmam sua expectativa. Na sexta, já de bordo, descendo o Elba, refere a escala do primeiro dia, quando almoçou em terra com o já referido Sr. B. e, no dia seguinte, a visita a bordo de grupo jovial, que incluía a "interessante Demoiselle K., que cantou no piano" e o encontro. A sétima — longa epístola literário-filosófica de dez páginas — em que elogia o famoso Devrient na representação dos *Salteadores* de Schiller, a que assistira em Hamburgo, bem como descreve a última noite em Berlim para despedir-se da cena alemã, vendo *Cabala e amor*, é pretexto para expor suas idéias sobre o teatro, citando o conceito de Schiller a respeito. A oitava — uma semana depois (15 de agosto) — é dedicada à viagem, aos passageiros e ao enjôo. Junta a esta uma lista de expressões em uso entre os marujos e propõe ao amigo longa chorada rimada, para, na nona, submeter-lhe um poema heróico — *O Juramento* — composto na véspera, e ainda lhe falar num sonho. Estudava com afinco o português quando passa em frente a Las Palmas. Da décima à décima quarta, ocupa-se da arte de navegar e de astronomia. Nenhuma dessas cartas se enquadra no objetivo documental e descritivo desta tradução que se limita à vida carioca. A décima quinta é já da chegada ao Rio (páginas 62 a 65 do texto original), mas de novo foi ela interrompida das páginas 84 a 104, por tratarem da descrição, sem maior interesse, mesmo do ponto de vista científico, de sete variedades de peixes (descrição a que acompanham duas gravuras), e das anotações de leigo a duas cartas celestes, para recommençar da décima sétima à vigésima oitava, isto é, das páginas 105 a 165. Foram igualmente omitidas as cartas relativas à viagem de regresso, em que o autor se ocupa das calmarias na região equatorial, dos atritos

entre os passageiros e o capitão, da pesca a uma tartaruga, que quase lhe ia sendo fatal, passagens estas em que o autor não mais se refere ao Brasil. Saltou-se por isso à *Palavra final* e o índice, que ocupam as últimas páginas).

Décima quinta carta

Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1819.

Descrever a alegria, caro Egmont, que senti anteontem ao rever minha adorada mãe, jamais poderá fazê-lo a pena de um mortal; pelo que contenta-te, amigo, com a simples narrativa da minha chegada. A primeira visão da terra firme americana foi a 6 de outubro: o Cabo Frio. Depois de navegarmos algumas horas com vento favorável, vimos ao longe um buique que vinha direito sobre nós. Alguns passageiros creram ver um pirata e emperliaram-se em convencer os demais dessa idéia. Em vez do temido pirata, verificou-se uma longa hora mais tarde — que foi de preocupação para muitos — tratar-se de um costeiro americano, que nos informou vir do Rio Grande e dirigir-se ao Rio de Janeiro. Depois de examinado a lazer, desapareceram na névoa, para trás. No dia 7, pela manhã, vimos claramente a costa pela frente e com impaciência procurava eu o sítio em que pensava lobrigar a entrada do porto. Vimos rochedos que correspondiam à imagem da mesma. Uma fragata que saía, logo deixou-nos ver a direção em que estava a barra.

Antes de continuar a descrição, deixe-me que transponha para aqui, o que escrevi ao divisar o *Pão de Açúcar* (2). Foi um belo momento.

A SURPRESA

Teus olhos dirige para ali,
numa mirada cheia de saudades.
Vê os raios que sugam a nuvem
e que ela reflete de volta.

(2) Nome por que é conhecido o mais alto penhasco à entrada do Rio de Janeiro. (Nota do autor.)

É o nosso signo predileto
depois de longa travessia.
Ah! esta nuvem vai sumir,
presta atenção ao que ela esconde!

E eu vi o cauro nebuloso
fugir para o sagrado Oriente,
podendo levar os terras austros de paz,
que de n.º porto se erguem,
até a nobre cabeça paterna,
de que as ondas bravias do mar
me roubaram o caro semblante.

Clara o d'ia e, com encanto,
vejo no fulgor do sol
o dorso de um penhasco
na forma de um Pão-de-Açúcar,
Oh! como se levantam ardentes,
no vôo solar da água,
os desejos que desabrocham
com a minha juventude.

Seja esta a costa almejada
do louvado rincão!
de tão fervorosamente esperada,
já me era sagrada e familiar.
Sim! é o belo portal
que conduz ao pôente joanino
e à santa peregrinação
que lá dentro se vai perder.

Vi um lote balouçando,
de veff ao mesmo encontro
Deuses, como agradecer-vos?
Meu espírito haveis sustentado,
Naquele rincão, en-ôito em ténne veu,
encontrarei feliz a Bem-amada,
que para a vida me despertou.

Animado das mais gratas sensações, firmava eu a vista,
da proa para o ponto almejado. Várias ilhas pitorescas, dos
dois lados da terra, atraíram-me a atenção, e antes de que me

tivesse saciado com o espetáculo, vi um forte, à esquerda, na encosta de Ingerne montanha, e, à direita, outro que entrava pelo mar.

Nossa bandeira foi desfraldada e, instantes depois, uma similar annunciava do forte a nossa chegada. Antes de nos aproximarmos do mesmo, alcançou-nos o piloto que vinha em nossa direção. Parecia-me um prelado no seu escaler, que doze negros remavam. Ofereceu êle seus serviços e, como o capitão Doornann entrava no pôrto pela primeira vez, para maior segurança, respondeu afirmativamente. Subiu então para bordo com a ajuda dos prêtos. Conduzidos ao ancoradouro e, terminadas as visitas da comissão de Saúde e da Alfândega, deixei o *Sophie*, precipitando-me a passos rápidos para a casa de minha mãe.

L.

Décima sexta carta

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1819

Como se apresenta ótima oportunidade para mandar-te notícias minhas, rápidas e seguras, aproveito-a para convencer-te da minha sincera amizade e para rogar-te, ao mesmo tempo e encarecidamente, não tomes como arrefecimento de minha afeição se nestes primeiros quinze dias não te dedicar o mínimo da hora diária que te prometi, senão que comprehendas o que seja a delícia de respirar, após dōze saudosos annos, ao lado de minha querida mãe. Temos de lado a lado tanto que nos contar sôbre o passado.

Entrando na casa materna, indescritível, foi minha alegria de poder estreitar contra meu peito fraternal uma irmãzinha de seis annos. Joana é bem o encanto que tantas vêzes desejei encontrar. Imagina tu que, além da língua materna (o português), ella fala o francês e o allemão tão bem como se tivesse visto a luz pela primeira vez em nossa terra. Fora outros conhecidos, vim encontrar com sua familia o emigrado Doutor Ritter, cuja viagem aventureosa e infeliz não deixarei de contar-te assim que tiver tempo. Equivocou-se êle grandemente em seus cálculos e é de temer que as consequências dêsse equivoco sejam funestas para o resto d'e sua vida.

Segue a descrição dos peixes mais notáveis que tive a oportunidade de ver durante a viagem e que meus fracos

conhecimentos não permitem fazê-lo com a perfeição que teria desejado. Também juntei as duas cartas celestes prometidas, com as convenientes, anotações.

Espero em breve o prazer de receber carta de ti, em que me porchas a par do que tens feito e do que se passa em nossa querida pátria. Acredita que também eu, d'este novo mundo continuo o amigo de todo coração.

L.

Décima sétima carta

Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1819.

Não te zangues querido amigo, guardião que és há tanto tempo dos meus mais recônditos segredos, que somente hoje volte a te falar de mim. Entrei de certo modo numa vida nova, que, queira Deus só com a morte venha a terminar. Mas, antes que nela ingresse, deixa-me dar uma olhada sobre o passado; talvez recolla eu alguma lição para o futuro, talvez te explique alguma faceta de meu caráter ou da minha conduta que te haja ficado até agora obscura. Revivendo recordações, nossos corações, pelo menos, reconhecerão mais claramente o que foram um para o outro até agora e o que precisarão ser até o fim.

Três anos terão brevemente passado desde que pela primeira vez te avistei entre estranhos; meu coração já não é mais insensível.

Lembro-me vivamente do momento em que, correndo a vista pelos rostos que se achavam em torno de mim, deparei com o teu. Encontramo-nos e, pelo teu primeiro olhar, convenci-me de que era a expressão de uma alma igual. Tantas vezes contrariam as convenções humanas as leis da natureza quando a alguém está reservado ser feliz nesta terra através da amizade! Foi o nosso destino, do primeiro instante em que nos conhecemos. Persuadi-me da verdade de que a amizade não é somente uma criação da fantasia, mas parte integrante do nosso ser, quando este encontra o verdadeiro objeto do seu amor. Sem reciprocidade, contudo, difficilmente poderá ela ser duradoura sobre a plataforma da sua fragilidade. Tanto mais feliz me considero e tanto mais sincera e ardente é a gra-

tidão do meu coração ao destino, por me ter sido dada esta felicidade que milhares buscam em vão. Cada dia cresce-me a convicção de que esta amizade está selada para a eternidade. Jamais, porém, o senti em tão alto grau quanto agora, que me vejo afastado das doçuras do ambiente pátrio — ainda que por pouco tempo — sem um coração masculino que me compreenda, abandonado a mim mesmo... (2)

L.

(Neste tom inflamado prossegue a carta, que interessa maiormente ao psicanalista, mas, por retratarem a personalidade do autor, foram traduzidos os primeiros parágrafos, destacando-se a seguir a única referência ao Brasil, melhor dito, a seus habitantes: "esses bastardos da raça humana sobre os quais a natureza, para fazê-los aceitáveis aos olhos do mundo, derramou seus encantos com indizível amor").

Décima oitava carta

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1819

Hoje, caro Egmont, fiz um longo passeio pelas montanhas e vi a cidade de diversos pontos que oferecem as mais imponentes visões. As ruas planas, mas muito estreitas, cortam-se quase tódas em ângulos retos. São mal pavimentadas, mas têm calçadas dos dois lados para pedestres, sendo as casas de dois a três andares. Não há edifícios dignos de nota: os principais estão perto do porto, na rua Direita e na rua do Ouvidor (sic). O Palácio Real, lindamente situado e habitado mais pela família do que pelo rei propriamente, está longe de ser majestoso. Pode apenas ser comparado a uma casa grande das nossas. O número de igrejas é considerável, às vezes ricas por dentro, mas decoradas sem gosto. Além das públicas, existem capelas privadas em quase tódas as melhores casas, em que as famílias ouvem a missa na intimidade, tendo para êste fim seu próprio capelão. Festas religiosas diárias e procissões semanais

(2) Desta carta, como de várias outras, várias passagens foram riscadas pelo autor. (Nota do editor.)

a desfilar pelas ruas, com a participação muitas vezes do rei e de sua família, justificam a crença de que as opiniões já expostas sobre o particular são verdadeiras, pois num país onde reinam a atividade e o trabalho não se malbarata tanto tempo e tanta gente em farsas deste quilate. Com todo o respeito pelos usos e costumes e pelas práticas religiosas, não é possível dar outro nome a essas procissões. As vezes, em plena luz do dia, queimam fogos que só são percebidos pelos seus estalos e explosões.

Chama a atenção do forasteiro a grande diferença na coloração dos habitantes e uma tal variedade desperta naturalmente o desejo nos curiosos de conhecer mais de perto as respectivas raças, pelo menos de nome. Além dos europeus portugueses (filhos do reino) há os portugueses do Brasil (brasileiros), os mulatos, os manelucos os negros (africanos) ou moleques, os crioulos (isto é: filhos de negros nascidos no Brasil), os índios — os autênticos habitantes do país — e os caribocas. A relação entre brancos e gente de cor é, mais ou menos, de um para nove. Ainda não há cálculos exatos e, por isso, dados estatísticos de qualquer natureza e de quem quer que seja não passam de avaliações sendo, portanto, necessariamente incompletas.

Dos estrangeiros, o maior número é o de ingleses e franceses; entretanto, são encontradas aqui todas as nacionalidades.

Entre as coisas dignas de serem vistas nos arredores, está o aqueduto que desce a água das montanhas e a conduz até o centro da cidade. Do seu ponto mais alto, tem-se uma vista soberba sobre todo o vale.

De um lado, a cidade está cercada de brejos, onde crescem mangues, que só servem na realidade para prejudicar um clima de outro modo saudável; é de surpreender que muito pouco se faça do lado do governo para secá-los. Já houve um começo, mas a marcha está sendo lenta e cautelosa demais para sua conclusão.

Entre as moléstias que acometem nativos como estrangeiros duas sobressaem, que, embora não mortais, devem ser altamente incômodas e desagradáveis. A inchação das pernas e de outras partes do corpo é a característica externa de ambas, que, por sinal, são raramente curáveis.

Pouco conhecedor da natureza, a descrição de minhas observações sobre o particular de pouco valerá; quando muito

traria à memória alguns nomes conhecidos. Nunca tive ocasião como agora para lamentar minha fraca lembrança de história natural, pois aqui prevalece uma abundância e variedade tais, em todos os seus reinos e especialmente no mundo vegetal, que o naturalista não deixará o país insatisfeito. *Laranjeiras* de frutos dourados, *coqueiros*, *bananeiras*, *mangueiras*, *mamoeiros* (4) e outras plantas excelentes proporcionam o mais agradável entretenimento nas excursões. Seriam estas inigualáveis não fôssera o calor e os insetos que incomodam a cada passo e as tornam desagradáveis. Os melhores passeios são os que se fazem ao longo das praias, onde as ditas pragas perdem algo de sua impudência. Na cidade mesma só há o *Passeio Público*, que ainda não visitei até agora, pôsto que passe muitas vezes frente ao mesmo.

A corte é de pouca ostentação e tudo o que vi até agora não me deu da mesma uma alta idéia. A nobreza e o clero (*senhores do país*) vivem com mais luxo, mas devido à inaudita soberba que os caracteriza são pouco inclinados à vida social. O exagêro na chamada etiquêta (formalismo exterior) torna suas reuniões tão enfadonhas que é uma felicidade não ter que freqüentá-las. Alguns membros do corpo diplomático, sentindo com freqüência e em alto grau a falta de amenidades sociais, na certa contribuíram para o incremento dêsse luxo. De tôdas as casas que vi, nenhuma me agradou mais que a do ministro da Prússia, o conde de Flemming, que, verdadeiramente, pôde ser comparada a um castelo de fadas. Seu único inconveniente para os de fora é ficar ela distante da cidade (5).

Dentre as frutas que abundam nos arredores do Rio, as melhores são os *ananases*, as *mangas*, as *bananas*, as *melancias* e as *laranjas*! *Uvas*, *abricós* e *pêras* também há, mas são pouco apeteceíveis. A *cana-de-açúcar*, que é principalmente apreciada pelas crianças, cresce selvagem por tôda parte no Rio. A carne mais geralmente consumida é a de porco, isto porque a de vaca é interior e, por vêzes, intragável. Dentre as aves, comem-se muito galinhas e patos. Gansos são raridade e as galinhas, muito bonitas. Chamou-me especialmente a atenção uma variedade delas de patas e bicos amarelos que, dizem, teria sido trazida da África.

(4) *Melone* *inbêlume* é o têmeo empregado, mas que tanto pode ser a melancia (*wassermelone*) como o mamoeiro, que tem a forma de melão.

(5) Situava-se nas encostas do marçço de Santa Teresa, sub não-se pelo Catumbi.

Quanto ao clima predominante aqui, pelo que pude observar, dêle fazemos uma idéa errada na Europa. Assim, acredita-se, por exemplo, que só no inverno chove forte e continuamente, o que não é verdade. Pelo contrário chove mais seguido nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro; portanto, no verão. Os fortes trovões diários produzem-me marcada impressão e, como pude notar, também nos nativos. Sua influência sôbre as crianças de 2 a 3 anos é a mais curiosa. Conheci crianças dessa idade que, à aproximação dos trovões caem em sono letárgico para só despertarem depois que a tempestade passa de todo. O mesmo efeito tinham sôbre minha irmã, até dois anos atrás.

Neste momento estão passando alguns carros de duas rodas, carregados de pedras, cuja música é tão irritante para o ouvido que me vejo obrigado a largar a pena e a dizer-te adeus por hoje.

Egmont, quão infinitamente feliz farás a teu querido amigo se estivesse aqui.

L.

Décima nona carta

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1819

Parecer-me-ia incompreensível que tantos milhares de europeus possam permanecer longamente neste país se não me tivesse convencido de que há outras tantas razões que os prendem como indivíduos. Um, atirado à torrente da especulação por enganosas descrições, fica para que não escape das mãos o pouco que adquiriu com muito trabalho. Outro, entusiasmado com a perspectiva de dobrar a fortuna em curto prazo e sem maior dificuldade, assiste ao lento progresso dessa duplicação de seus haveres, mas continua, movido pela ganância que não o deixa, até que o hábito lhe faz esquecer a diferença entre sua pátria e esta terra. Milhares de outros que para cá vieram com o propósito de cultivar a terra e, pelo trabalho, encontrar na lavoura os bens terrenos que lhes faltam, descobrem horrorizados que sua constituição européia não resiste às fadigas que, aos mesmos nativos — acostumados ao clima —, deapaueram e em pouco tempo inutilizam. Debaide procuram então os meios com que voltar à pátria desprezada, uma

vez que o que ganharam à custa de grandes esforços mal alcança para as necessidades mais indispensáveis.

O artista acatiza a esperança de lograr uma vida mais descuidada com o produto do seu talento, mas descobre a verdade do ditado: que, para uma criança brincar, a vara de marmelo é de mais serventia que uma obra de arte.

O artesão convence-se, com o suor no rosto, de que sua habilidade adquirida de transformar a matéria-prima, dará neste país apenas o suficiente para viver e, talvez, o necessário com que voltar depois de anos de trabalho.

Certamente não exagero quando te digo que cá não se conhece, com raras exceções, o que seja *arte* ou *ciência* nem mesmo gôsto por estas matérias. Embrutecidos pelo calor e por certos hábitos adquiridos na educação, quase não sentem o estímulo de fazer algo mais do que se deixar enfeitiçar ou embair pela hipocrisia de estranhos, como se a religião se tivesse refugiado dentro dêles. Felizmente que, sob essa máscara, podem ser reconhecidos os verdadeiros traços de seus pálidos semblantes. *Em parte alguma do mundo existem mais padres e vi menos religião do que no Brasil.*

O clero e a nobreza gozam de privilégios neste país como nenhuma classe na Europa pode gabar-se de possuí-los.

O rei, baixo de estatura, vive separado da rainha e sofre amiúde de um pé doente, que lhe dificulta o cumprimento de sua ocupação diária, que é dar a mão a beijar a seus fiéis vassallos. Este costume merece certamente menção, pois é dos que mostram sob sua verdadeira luz o caráter de uma nação.

Nestas ocasiões, senta-se o rei numa espécie de trono. Abertas as portas da antecâmara, entram compenetrados os candidatos ao beija-mão e alcançam seu suspirado objetivo, que é, de joelhos, levar aos lábios a destra ou a sinistra real, enquanto, trêmulos e transidos, esperam da boca do soberano a mercê de uma palavra. Não lia concedendo, prosseguem e deixam a sala com a esperança de outra oportunidade mais favorável; mas involuntariamente calculam, ao sair o custo dêsse beija-mão, pois para o mesmo tiveram que alugar um carro, o que corresponde às vézes, conforme as circunstâncias, a alguns dias de ordenado⁽⁶⁾. O beija-mão realiza-se na resi-

(6) O aluguel de uma carruagem pelo dia vai de 8 a 9 mil-réis e, por meio dia, de 4 a 5 mil-réis, o 1-l-réis valendo um *toler* e *deresseis groschen* da moeda prussiana. (Nota do autor.)

dência habitual do monstro, em São Cristóvão, a duas horas da cat. de; não se podia, pois *esperar* que alguém, fatigado após um dia de calor, vá a pé por ruas empoeiradas, de sapatos rasos e meias. E, no entanto, sei que o Doutor Ritter, nosso con-patriota, o fez uma boa dúzia de vèzes, mesmo sob mau tempo, para, ajoelhado e beijando a mão do rei, supplicar-lhe um lugar. Quem poderá ou ousará levá-lo a mal? Não tem êle que fazer o impossível por si e pela família que o seguiu fielmente, já que, com a venda de porcelana e demais mercadorias, saiu-se péssimamente? Pobre homem, compadeço-me d'êle sinceramente! É duro, com effeito, largar a pátria, onde não lhe faltavam possibilidades, para se ver terrivelmente desiludido no fim de longa e infeliz viagem.

Que êste exemplo de emigração fracassada por falsas noções seja conhecido dos que tenham a maldadada idéia de abandonar sua *pátria alemã* na ilusão de que em outro lugar serão mais felizes ou ficarão mais ricos.

Agora, meu amigo, vou passear pela baía, para que os atractivos de natureza me façam esquecer as tristes imagens que me perseguem desde que aqui cheguei.

O calor foi tão forte durante o dia que o passei numa espécie de aturdimento. A noite é um pouco melhor; mas não me foi dado gozar de um dia só que se pudesse dizer fresco. Visto a traspisar e não conheço mais a satisfação de respirar uma aragem realmente reconfortante. De dia aborrecem-me os homens e à noite, não me deixam em paz os mosquitos, ratos e camundongos. Poucas casas aqui estão livres destas pragas.

Até amanhã se Deus quizer, com mais do teu amigo saudoso,

L.

Vigésima carta

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1819.

Há quinze dias venho reunindo tudo o que diz respeito à história e geografia do Brasil, para, enquanto ficar aqui e no meu regresso, começar um trabalho que espero apresentar-te quando voltarmos a nos ver. Já consegui dados importantes e

tenho a esperança de, com o auxilio de alguns amigos que me prometeram mais materiais, oferecer ao mundo algo completo.

A inclusa descrição da situação topográfica e do comércio do Rio de Janeiro recebi-a anteontem e é com prazer que te posso mandá-la já. O paquete sai amanhã cedo. Talvez que o próximo a chegar me traga notícias tuas, que aguardo com a maior ansiedade.

Situação topográfica e comércio do Rio de Janeiro

A COSTA DO BRASIL, vista de uma certa distância, parece uma cadeia de montanhas, apresentando um perfil irregular de altos e pontudos cones. O Pão de Açúcar, assim chamado por causa de sua forma, está situado à esquerda da entrada da barra. Ao fundo da baía, umas quatro milhas para dentro, está a Serra dos Órgãos, igualmente apelidada pela sua linha de elevações pontiagudas, quais tubos de um órgão, que attingem de 4 a 5 000 pés sobre o nível do mar.

O vale em que foi levantada a cidade de São Sebastião não tem mais de uma milha de largura. A baía é cercada de pequenos morros e recheada de ilhas românticas. As praias estão ocupadas por casas caiadas de branco por fora e cobertas de telhas vermelhas. Tanto vistas do mar como do alto, o efeito é extremamente pitoresco.

As partes cultiváveis dos morros e os vales cercados de montanhas estão na maior parte habitados. Duas estradas saem da cidade: uma para o norte, passando pelo palácio real com uma extensão de 40 milhas; a outra para o sul, transitável apenas umas 10 milhas.

O solo, de modo geral, produz muita planta e fruta tropical, mas a agricultura, mesmo nas cercanias da capital, está ainda na infância; matas cobrem a superfície montanhosa de uma vegetação agreste, mas em que há grande variedade de

madeiras duras, aptas para a construção. As árvores frutíferas são de grande beleza.

O país apresenta feição uniforme numa área de algumas centenas de milhas. Todas as tentativas para fazer com que os habitantes percam seu caráter sombrio ficaram até agora, aparentemente, sem resultado, o que se atribui à dificuldade de os aproximar uns dos outros.

A experiência cotidiana que adquirem comerciantes e capitães de navios torna as relações com este país cada vez mais lucrativas. Estes últimos compreenderam ser preferível consignar os navios a uma firma local, ou, pelo menos, a alguém com longa residência no país:

- 1.º) por causa das declarações à alfândega;
- 2.º) para mais rapidamente solucionarem as dificuldades que surjam com esta;
- 3.º) pelos prazos que é preciso conceder nas vendas; e
- 4.º) por causa do conhecimento local dos compradores, o que requer não pequeno estudo. Neste particular, devem os estrangeiros observar muita cautela.

Ao expedir um navio para o Brasil, não convém fazê-lo para um porto único, ainda que o propósito seja tudo liquidar na mesma praça, *mas legalizá-lo para todos os portos do Brasil*. Desta maneira, o navio entra em *franquia*, isto é: com autorização para se dirigir também a outro porto. O navio pode, então, desembarcar no primeiro os artigos mais vendáveis e sair com o resto para onde acredite colocá-los vantajosamente, e isso sem pagar os direitos de exportação, que equivalem a 5% do valor total e dos quais não estão de nenhum modo isentos os navios que tenham sido diretamente despachados para um só porto, já que a Alfândega é muito severa. Esta declaração *em franquia*, pela sua conveniência, deve ser praticada em todos os casos, mesmo que o navio só permaneça num porto. Se uma empresa deseja receber o pagamento pelo mesmo navio, isto é, a imediata realização do todo, pôde fazê-lo vendendo à vista ou recorrendo a leilões públicos. A operação será menos vantajosa porque, em ambos os casos, verifica-se para o vendedor uma perda obrigatória de 20% no valor da mercadoria do que se a vendesse mediante créditos de três e quatro meses. Para evitar inconvenientes desta natureza, é preferível associar-se a uma casa no Brasil que faça os necessá-

rios adiantamentos para uma carga de retorno em produtos do país, evitando, outrossim, os custos que a demora do navio no porto acarreta.

No Rio de Janeiro, como nas outras praças do Brasil, os artigos francezes têm preponderância sobre os produtos da indústria inglesa.

Os vinhos de Bordéus, remetidos em pequenas quantidades, vendem muito, apenas se deve ter em vista que, no estado natural, estão sujeitos a se estragarem neste clima e são de saída difficil, mesmo conservando-se bem porque os portuguezes preferem vinhos capitosos e escuros. Para este fim, os vinhos ordinários (quando puros de gosto) devem ser misturados com aguardente ou 3/6 de espirito, que lhes dá o sabor e a força do porto ou dos vinhos catalães. Aguardentes brancas, a genebra principalmente, por dispensarem prova e serem importadas em pequenas partidas, são altamente lucrativas.

Os ingleses beneficiam de um prêmio de exportação nos panos grosseiros e ainda ganham no câmbio. Estão, assim, em condições de baixarem os preços, fazendo nestes artigos uma concorrência ruinosa às demais nações que não gozam da mesma vantagem. Nenhuma espécie de comestível, exceptuando as batatas, o presunto, a manteiga e o queijo, contém a importação devido à fortaleza do solo. Frutas em conserva e também o vinagre devem ser igualmente excluídos por haver fábricas desses artigos no país.

Gravuras emolduradas, artigos reunidos em série, quais quinzelarias francezas e brinquedos, vendem-se bem. Também meias brancas de sêda, algumas com *baguettes* bordadas; meias pretas, em menor número; lenços para rapé, de 3/4 de largura, rendados; chaes de 3/4 de largura; fitas de 1 a 6; peças de crepe de todas as côres, panos de sêda; levantinas simples, brancas e pretas; lenços de cambraia, para rapé, rendados; cambraias bordadas em peças de 15 côvados; panos para velas; linho; cordões; brins; bretanhas finas e ordinárias, estreitas e largas; linho parisiense. Sempre que possível, esses vários artigos devem ser embalados separadamente em caixas especiais e não misturados num só fardo.

O comércio francês equivocou-se grandemente quanto às reais possibilidades deste mercado, que é importante para arti-

gos de primeira necessidade e muito limitado para os de luxo ou para objetos de arte.

Deve-se levar em conta que cá não existem especuladores, como na maioria das colônias que compram em grosso os carregamentos europeus; senão que é preciso optar pela venda direta ao consumidor.

É importante pois, evitar as desvantagens que resultariam da manutenção de um navio e de sua tripulação durante quatro e seis meses. O armador não deve de modo algum pagar em moeda, porque esta sofre forte desconto, sendo preferível *abrir créditos em Londres e Lisboa, confirmados aqui* pelos banqueiros sobre os quais são os mesmos sacados, para facilitar a carga de retorno, seja neste porto, seja em qualquer outra praça do Brasil, cujos preços possam apresentar-se mais vantajosos, ou ainda autorizar o consignante a fretar o navio sem obrigar a despachá-lo para o porto de partida. O exemplo dado pelo comércio inglês e português, conseguindo com facilidade reembolso contra a Europa, faz-me esperar que a França, a Itália, a Holanda e todo o Norte possam efetuar normalmente suas transações aqui.

O Rio de Janeiro mantém amplas relações comerciais com as Índias Orientais. A vizinhança das colônias espanholas abre uma saída às mercadorias que nesta praça estão sujeitas à baixa. Tudo, pois, contribui para atrair forte concorrência estrangeira.

Os custos portuários são consideráveis. Cada navio estrangeiro paga por dia ancorado, dez mil-réis (?). Os demais custos dizem respeito à Secretaria de Estado, à Alfândega, à carga e descarga, à vigilância a bordo, etc., que são, aliás, bastante módicos.

Os direitos da importação sobre mercadorias estrangeiras desde a assinatura do tratado entre o príncipe-rei de Portugal com a Inglaterra, de 10 de fevereiro de 1810, são cobrados da seguinte maneira:

- 24% do valor quando transportadas sob outras bandeiras que não a portuguesa ou a inglesa;
- 16% quando sob bandeira portuguesa, e
- 15% quando vêm da Inglaterra sob bandeira inglesa ou portuguesa.

(?) Não coincidem neste particular as cifras dadas por Leithold e Wang.

O manifesto do navio deve ser legalizado pelo cônsul português no porto de embarque; exige-se mesmo que as faturas apresentadas para determinar o valor dos artigos segundo a tarifa alfandegária sejam supridas daquela formalidade.

Os holandeses introduzem com benefício pregos, algumas mercadorias correntes, quais *queijo, manteiga e aguardente de trigo*, mas os preços desses artigos são tão variáveis que é difícil indicá-los.

Hamburgo e Bremen mandam toda sorte de panos de linho, cuja saída, porém, é lenta. Aos produtos dessas cidades, também se juntam outros dos países nórdicos, como ferro, aço, cordas alcatroadas, alcatrão, etc., com a vantagem de constituírem lastro para os navios. Da Itália vêm bebidas, como da França e da Espanha, e aquela pode suprir sedas leves, meias de fio, papel de carta de fabricação barata. O comércio com a Inglaterra é gigantesco. Unicamente em virtude do *drawback* (devolução de direitos) que ela concede para a exportação de suas manufaturas e a diminuição dos direitos de entrada de que goza, pode entregar os artigos de vidro e louça, mercearia, tecidos de algodão de toda espécie e uma boa parte dos de lã. Só quanto a panos pode ela temer concorrência.

O melhor momento para a chegada dos navios é de janeiro a julho; mais tarde são poucos os produtos que sobram, principalmente nas demais praças do Brasil. Como a colheita é ininterrupta, na região do Rio de Janeiro, estes chegam, contudo, em maiores quantidades dentro do referido período.

Os principais artigos de exportação são o açúcar, de que há diversas qualidades: o de primeira chama-se Redondo, que é branco, tem mais corpo e muito caroço, o grão brilhante. A seguir vêm o segundo Redondo, o primeiro Batido, o segundo Batido e, finalmente, o Moscovado. Este último é vendido em sortimento e o Rio de Janeiro fornece o melhor.

O café não tem a fragrância do das Antilhas e é pequeno de grão, tendo uma bela cor; por ser secado ao chão, adquire um pouco o cheiro de terra.

O algodão vem do interior para o Rio de Janeiro — umas cinquenta milhas alemãs — em pequenos fardos de couro de formato retangular; não é o mais limpo, mas tem fibra longa e fina.

Peles existem em superabundância. Provém do Rio Grande, Montevidéu e Buenos Aires, sendo menos apreciados os primeiros. O arroz é alvíssimo e de bonito grão. A madeira de Pernambuco, quando não é do monopólio real, que só os ingiêses podem vender, aparece em contrabando (8).

A banha, em surrões de couro, não é de boa qualidade, por não ser bem limpa. O fumo, em surroes e rolos, é bom e barato; contém uma substância doce, cujo cheiro não é desagradável. Finalmente as pedras preciosas constituem um ramo a parte, do qual há que excluir os diamantes que só por conta do rei são extraídos e polidos.

L.

Vigésima primeira carta

Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1819

Tudo o que a natureza faz por este país é magnificante, por isso parece tanto mais pobre o que o homem criou. Estou vinc'o do Passeio Público, o único em todo o Rio. Que Deus tenha misericórdia! Nem um caminho sêco em todo o jardim... Realmente uma lástima, um lugar tão bonito e bem arborizado, que se poderia tornar realmente belo com pequeno custo. Mas assim é tudo aqui. Nada se faz com cuidado, tudo se deixa largado à lei da natureza.

Fui ontem pela terceira vez ao teatro. Não posso deixar de fazer-lhe uma descrição sem incorrer na censura de meu amigo. Mas, que poderei dizer a respeito?

Um grande picadeiro, destituído de gosto e arte, é a sede de um bando que tem a petulância de se intitular *atores* e *artistas*, acreditando mesmo ocupar uma posição na classe, talvez porque ninguém lhe negará a mais baixa na sociedade. O primeiro galã fica aquém do último dos nossos comparsas e a *estrela* da companhia difficilmente sustentará paralelo com uma Cleópatra em disfarce; contudo, succedem-se os aplausos às piores contraditas de nobres sentimentos e às mais lamentá-

(8) Desde 1800 estava arrendado o monopólio de pau-brasil a dois negociantes na Inglaterra.

veis atuações, infalivelmente respondidos, em cada caso, com uma reverência por parte do ator, mesmo no arge dos seus transportes ou numa tiraça de grande efeito, como se costuma dizer.

Por mais esforços que eu fizesse, não me pude conformar com estas medidas, senão recebendo-as com uma gargalhada, pois embora a princípio o espetáculo me repugnasse, passei a considerá-lo como uma pantomima de má qualidade, desde o momento em que abstrai qualquer idéia de arte. Quase tôdas as peças levadas são traduções de Kotzebue. Também apresentam óperas italianas que, na verdade, são cantadas bem sofredelmente, ainda quando, como representação, fiquem abaixo da critica, não se podendo pedir muito, de resto, de uma companhia vinda de tão longe. Um baixo bastante bom e um tenor razoável, acompanham a linda voz, não é todo desenvolvida, de uma Foschiotti de deztoito anos, que os próprios estrangeiros admiram (pois os nativos nada entendem de arte). *Tancredo*, um fragmento da *Caça de Henrique IV*, o *Califa de Bagdá* e outras óperas conhecidas são exibidas, mas mutiladas e desfiguradas.

No intervalo de dois atos, costumam apresentar um bailado. Obviamente, desta parte é que os portuguezes mais gostam, visto que logo depois se retira a metade do público. O todo pelo todo, não lhes nego razão; o bailado ainda é do melhor do espetáculo. Dois bons dançarinos e duas dançarinas regulares, aparecem em cada representação e admira que mantenham esse nível tôdas as noites. O número principal é uma imitação do fandango. Dão sobretudo valor aos grandes saltos. A cança do povo consiste num movimento convergente dos joelhos e numa repetida inclinação do corpo. É bem característica, mas em nada atraente. Ao contrário, prova quanto o povo está atrasado em qualquer manifestação de cultura. Nos ruidosos aplausos a esta dança mesmo pela gente de qualidade, manifesta-se de pleno a vulgaridade do gosto. Só às o to da noite começa o espetáculo e raramente termina antes de uma hora.

As gêneros diversões pertencem as touradas, má imitação das espenholas, que têm lugar num redondei especialmente constituído, onde as arquibancadas custaram uma soma fabulosa por ocasião da chegada e do casamento da princesa alemã

com o príncipe Dom Pedro. Não há palavras suficientemente fortes para descrever esse abôrto de diversão ou dar uma idéia do miserável conjunto. Eu teria logo saído, não fôsse por respeito à companhia em que me achava. Tanto basta para o particular.

Amanhã irei ver um pouco mais de perto os arredores e, se puder, viajarei ainda esta semana para São Paulo, que dizem ser um lugar mais aprazível.

Não esperes, caro Egmont, que trate nas minhas cartas de temas históricos do país. Isso receberás, conforme prometi, em capítulo especial, quando nos revermos. Adeus!

L.

Vigésima segunda carta

Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1819

Tive hoje uma oportunidade, querido Egmont, para ver a guarnição local. Ela consiste presentemente de dois bem instruídos batalhões dos regimentos 11 e 15, que há dois anos vieram de Portugal e que, daqui a um ano, serão substituídos por outros. Esses batalhões, num dos quais tenho um parente próximo, obedecem quase à escola prussiana e foi com satisfação que os vi executarem corretamente até o pequeno passo de parada. A metade dos efetivos está ao serviço privado da rainha que os ocupa no amanho da terra e dos jardins! Como cada batalhão só possui em homens a metade dos nossos, manobram sempre em pequenos destacamentos, a dois de fundo. O corpo de oficiais é bem instruído e seu chefe, de alta estatura e bela presença, tem a formação essencialmente militar a que deve aspirar todo o verdadeiro oficial. Não posso nesta ocasião deixar de referir o conhecimento desse homem de esclarecida visão e nobre caráter, de que me hei de lembrar com profundo respeito, o brigadeiro K. . . , que traz largamente estampada na fronte a autêntica virtude alemã.

Além desses dois batalhões, compreende a guarnição do Rio um regimento de milícias, a pé e a cavalo, e outro de negros.

O Estado-maior isto é, o chamado estado-maior abrange todos os oficiais que ainda não têm um cargo definido no exército e, na maioria desocupados, aguardam sua designação.

A polícia desempenha um papel preponderante neste país e foi organizada militarmente. Está bem uniformizada. Apesar de seu número ser considerável, não é, sem embargo, maior que o de roubos e outros crimes mais sérios.

A pouca artilharia, especialmente a dos fortes, é bem aparelhada e executa as manobras com presteza e correção. As tropas estão aquarteladas em casernas, mas com muita deficiência e pouco conforto. A marinha, quase imperceptível na grande baía, faz suspeitar que não esteja destinada a grandes planos. Alguns navios de guerra antiquados servem de prisão para condenados e oferecem nessa soberba enseada, tão favorecida pela natureza, deprimente espetáculo.

De todos os estabelecimentos que até agora vi, nenhum me ofendeu mais do que o lugar de concentração dos negros recém-chegados, onde ficam às centenas, como gado num estábulo, para serem daí vendidos a quem mais oferece.

As ruas estreitas, mas regularmente traçadas, andam cheias de negros, que à força de incríveis pauladas, são levados a carregar à cabeça sem maior esforço os maiores pesos e cumprir toda sorte de tarefas. Nenhum branco passa pela vergonha de carregar na rua um pacote por menor que seja, pois correria o risco de se ver perseguido por um bando de negros a vaiá-lo. Em tudo o que fazem, principalmente quando carregam fardos pesados, os negros se estimulam uns aos outros, cantando de modo repulsivo e barulhento, e infestam as ruas com sua forte transpiração, que exala um cheiro pronunciado e doce, tanto mais desagradável no calor.

Chamou-me especialmente a atenção um destes infelizes que vejo todos os dias, depois de sua dose usual de chicotadas, caminhar compassadamente, sob minha janela, levando à cabeça uma grande vasilha de água. Fiz-lhe o retrato num momento de repouso, para mandar-te logo que estiver pronto.

Deus te proteja, querido amigo, e devolva-me breve a teus braços fraternos

L

Vigésima terceira carta

Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1819

Já é meia-noite, tudo dorme à minha volta e só o desagradável ruído dos ratos e camundongos interrompe de quando em vez o sagrado silêncio, confidente fiel dos meus pensamentos.

Egmont! Há *um dia* — já lá vão seis anos — cuja passagem enche-me sempre de tristeza. É o da perda de meu querido irmão, cada vez mais acentuada porquanto sinto necessidade de dedicar à sua memória uma hora de oração.

A 28 de dezembro de 1791 nasceu meu adorável Wilhelm, a quem a Providência reservou a bela sorte, depois de reconquistada a liberdade, de cair pela pátria, no campo de batalha, a 30 de março de 1814, frente à orgulhosa capital da França. Não me envergonho de confessar-te que derramei cálidas lágrimas!

Para recordá-lo condignamente, fui à igreja (São Francisco de Paula). Com surpresa, vi de longe que a nave estava iluminada. Penetrou-me viva emoção! Entrei no tempio deserto e cheio de luzes, muito contente de não ter testemunhas. Passada meia hora, ressoou fora uma ordem militar de comando e, logo depois, postava-se de cada lado o batalhão do Regimento n.º 11, como para uma cerimônia solene.

Dirigi-me ao coronel e vim a saber que esperavam o corpo do falecido... para enterriá-lo marcialmente. Fiquei para assistir à cena, e não me arrependo; pois pude então mais uma vez convencer-me de como ainda estão atrasados, neste país que tanto se preza, nas marcas usuais de respeito que se deve a um morto.

Um granadeiro do batalhão anunciou ao comandante a chegada do corpo. Este marchou imediatamente para fora da igreja e postou-se *em linha* contra a igreja. Numa essa levada por quatro negros e flanqueada por doze porta-tochas, entrou o caixão, que foi depositado perante o altar. Durante a solene encomendação, renderam-se honras militares e três salvas pelo batalhão anunciaram o descimento do caixão. Até aqui corre

tudo com a devida ordem e respeito. Descobria-se, porém, a seguir, que a armação especial que devia baixar o ataúde era demasiado curta. Cozaram os presentes, pensativamente, a cabeça, tratando de sair dessa situação. Finalmente, depois de muito manobrar com o caixão, para cima e para baixo, o que me revoltou por dentro, lembraram-se de reentrar o corpo do caixão, baixá-lo, para em seguida reuni-los dentro da cova. Este foi aberto entre risadas e appareceu o finado de fardão. Logo acharam de lhe roubar as dragonas e outros ornamentos. Nisso entrou um offic' que, indignado, deu ordem para que tudo fôsse repôsto. Antes de que os quatro negros o deixassem em paz, observei que lhe estavam faltando novamente os galões. O que se passou depois com o cadáver não quis mais presenciá-lo. Voltei depressa para casa e aqui me vejo, achando difficil conter os amargos sentimentos que tal conduta me despertou e não perder o pouco que me resta de respeito pelos costumes d'este país.

Oh ! como gostaria de me achar de volta à minha querida pátria ! Deve estar bonito agora entre vós, passando êsses deliciosos serões de inverno na companhia de íntimos, enquanto que eu aqui, banhado em suor, só em pensamento posso estar convosco.

Se minhas condições o permitirem partirei em março e espero o mais tardar, em julho, saudar o solo pátrio.

Aguarda-se um paquete. Talvez me traga a ansiada carta de meu querido Egmont que responderei com alegria e aproximarei dos meus lábios.

L.

29 de dezembro

P. S. — Antes do que eu contava, foi-me entregue tua bendita carta de 1.º de outubro, datada de B. Agradeço-te de coração e apresso-me em responder mas quero primeiro relê-la conscienciosamente, para amanhã acusar ponto por ponto. Até lá um cordial adeus.

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1819

A notícia do desaparecimento do nosso imortal marechal, príncipe Blücher von Wahlstadt, foi uma grande surpresa. Eu esperava revê-lo ainda nesta vida e banhar-me em seu olhar senhoril. Que belo destino o seu, amado e admirado como foi! Certamente todos os poderes, em suma, a pátria agradecida tratará de perpetuar-lhe a memória pelo menos com uma estátua condigna. Lamento não ter podido assistir ao seu entêrro.

Tive muita pena ao saber por tua carta da desgraça que sofreu nosso bom amigo G... Tens razão, êle merece nossa compaixão. Entretanto, creio na robustez do seu coração, feito para ser paciente e para vencer. Acho que um amor igual ao seu é menos uma fraqueza do que força desperdiçada: tão extraordinariamente bom e nobre êle é. Acredita, caro Egmont, que partilho não menos que tu da infelicidade dessa criatura, por ótimos perseguida do destino, ainda que poucas vêzes falássemos sobre êle. É realmente de lastimar que êsses dois scres, talhados para se entenderem, devam separar-se e, ainda mais, por uma briga com o pai velho hipocondríaco, que da vida nada viu fora de seu gabinete e de seus papéis e nunca foi mais longe do que Schönberg.

Que em nossos tempos esclarecidos, ainda não se tenha comprehendido que é um dever sagrado deixar cada qual viver a sua vida! Muito menor seria o número de infelizes. Sem precisar recomendar-te, estou certo, de que farás tudo o que está em tuas forças, para socorrer ao pobre G... em atos e palavras. Não te esqueças de assegurar-lhe do meu aprêço e simpatia. Infunde-lhe coragem; quando falha o consôlo humano, existe ALGUÉM que aparece, sem que o suspeitemos e mereçamos! Este é o remédio que lhe deves dar, querido Egmont, e êle na certa se sentirá confortado. Fortalece a sua fé. Ele deve sentir quanto possível que realmente crê: pois isso é o que falta a muita gente. Ninguém é tão desgraçado que não possa ter fé: pois o que a maior parte dos homens carece é do hábito de meditar sobre êsse alto objetivo, precisando êles de ser nisso encorajados e estimulados.

Ja não espero no Rio resposta à carta que hoje te escrevo, pois ela demoraria pelo menos seis meses, querido amigo, e isso seria pedir demais... Anteontem fui à Capela Real e assisti a uma solenidade acompanhada de boa música, que me inspirou. O rei, a quem fui apresentado poucas semanas depois da minha chegada, estava presente com a família. Só a rainha não.

O mestre de capela é um certo Portugal que adquiriu grande nomeada, pelo menos entre seus conterrâneos. Do seu merecimento artístico não posso julgar; mas tenho a impressão de que ouvi allures uma de suas composições sob o nome de artista bem conhecido; mas como disse, trata-se de mera suposição pela qual não me responsabilizo e só um artista que entenda mais do que eu, poderá confirmá-lo.

Algum tempo atrás, ouvi em sociedade o famoso Neukonin tocar uma de suas fantasias no piano. Foi uma grande satisfação, pois não me recordo de ter ouvido alguém que tocasse com tanta técnica e sentimento.

A música é tão apreciada pela gente educada da população quanto pelos escravos e com igual fervor; ouve-se todo o tempo o canto monótono dos negros acompanhado de instrumentos que lhes próprios constroem e quando três d'elles se reúnem, mesmo nos mais rudes trabalhos, sempre há um que canta ou faz soar as cordas.

L.

Vigésima quinta carta

Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1820

Ao entrar o ano formulei os votos mais sinceros pela tua felicidade, caro amigo, com o firme propósito de voltar brevemente à tua companhia. Vai ser uma empresa difícil preparar minha mãe e penso angustiado no momento em que lhe deverei anunciar o meu regresso. Essa nova separação, provavelmente a última, será mais dura que a de doze anos atrás. Então, eu tinha a esperança de voltar a vê-la, ao passo que agora saio convencido de que a terei visto pela última vez

nesta vida terrena. O chamado do destino é-me inexorável! O dever, manda agir como homem!

Amanhã farei uma viagem de dez dias pelo interior. Uma viagem dessas está sujeita a muitas fadigas, em parte por causa dos maus caminhos, em parte pela falta de lugares habitados, sendo por isso necessário carregar provisão de mantimentos.

A maneira mais comum de se viajar é montado em mula, levando um negro de confiança e alguns animais de carga. Como em estradas empedradas os animais não conseguem andar desferrados é preciso também estar munido de todo o indispensável para ferrá-los, uma vez que não se encontram ferreiros pelo caminho. Tais viagens comportam mais desconforto do que compensações, salvo para os naturalistas, bem entendido, mas eu não queria deixar o país sem lhe conhecer o interior.

Na certa saberás, dileto amigo, que o governo aqui fundou uma colônia suíça em Cantagalo, que fica a umas quarenta léguas do Rio, tendo já chegado a maioria dos colonos. Pelo que ouvi dizer, a região é muito bonita, fértil e menos abafada e quente do que aqui.

Todos estão descontentes com o responsável pelo embarque desses suíços. Ou por que houve desvios ou por negligência, o tratamento dessa gente foi tão mau, que uma terça parte dos viajantes dos dois sexos morreu em caminho e o restante chegou doente ou depauperado ao Rio.

Esperamos que um tal empreendimento torne os europeus mais prudentes e sirva de lição aos governos quando promovem emigrações dessas, para que tenham ao menos o cuidado, para honra da humanidade, de que não falte aos infelizes um mínimo das primeiras necessidades.

De modo geral, aconselho aos que estejam decididos a empreender uma viagem por mar, abastecerem-se a si próprios e não se liarem em promessas de capitães de navios, que, mesmo quando boa gente, não perdem de todo o espírito de ganância e frequentemente esquecem suas obrigações. Nada é mais desagradável a bordo, onde já são poucas as possibilidades de distração, do que ainda passar fome ou sede. Não é que eu possa falar de ciência própria, pois lentilhas pálidas e carne salgada nunca nos faltou, mas já em minha experiência com navios encontrei bastante perto dessas circunstâncias para que possa ava-

liar o espírito em que se fica quando faltam os vícios diurnos essenciais.

Agora os suíços, outros jovens e famílias inteiras aqui vieram ter seu recurso, iludidos pela notícia de que cada estrangeiro receberia logo do governo quanta terra de cultura precisasse e, em consequência, se vêem nas maiores dificuldades. É, portanto, de todo irresponsável espalhar-se informações sobre um país que só se conhece de oitiva, nunca o tendo visto com os próprios olhos. Tais pessoas ou foram pagas ou não receberam da natureza mais que quatro sentidos. Para que não continuem a ser nocivas à sociedade, deveriam elas, pelo menos, ser recolhidas a casas de *charité* (9).

Por hoje um cordial adeus!

L.

Vigésima sexta carta

Rio de Janeiro, 1.º de fevereiro de 1820

Desde minha última carta, caro amigo, poucos dias passei no Rio propriamente e, talvez, não estivesse ainda de volta, se as circunstâncias não me proporcionassem uma oportunidade de regresso à Europa. Resolvi tomar o navio francês *Claudine*, de três mastros, que se destina ao Havre de Grâce, na embocadura do Sena, para dali continuar através da França e da Holanda. Segundo a primeira promessa do capitão, já devíamos ter partido há oito dias, mas sei bem que não há que confiar cegamente em promessas de capitães de navios. Como o paquete que leva esta carta levanta âncora já amanhã, saberás da minha partida antes que eu chegue ao Havre. Daí receberás notícias minhas e a descrição da viagem que empreendo com os mais tristes pensamentos. Adeus! Consola-me a idéia de que, o mais tardar em dez semanas, saberei que estás bem.

L.

(9) Em francês no original.

Vigésima sétima carta

Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1820

Como m'ha carta só parte amanhã, tenho a possibilidade de fazer-te a devida descrição dos dias passados fora do Rio.

O primeiro dia levou-me o São Lourenço em companhia de dois ingleses e proporcionou-me muitas curiosidades que minha viva fantasia reterá com fidelidade. Batendo as quatro horas no relógio, tomamos um escaler e fomos t'er, fazendo uma parte do percurso por águas interiores, até uma colina, onde desembacamos e no alto da qual está espalhado o casario de São Lourenço, à sombra de bellissimas árvores. Subimos a altura e entramos na primeira cabana, onde algumas índias, sentadas no chão, faziam umas vasilhas de barro cinzento. Têm ellas uma habilidade especial no trabalhar esse barro, que amoldam com as mãos e bem artisticamente, sem o auxilio, de fórmãs e tornos como costumam os nossos oleiros. Na segunda cabana, em que, aliás, só entramos por causa de sua pitoresca situação, vi um menino de seis anos que, malgrado sua côr amarela, parecia-se tanto com W. H. . . que não me pude conter e, tomando-o nos braços, beijei-o.

Proporcionamos grande alegria às crianças dessa cabana, distribuindo entre ellas pequenos presentes e foi em grande número que nos desejaram boa viagem depois de nos oferecerem água fresca de uma *talha* (vasilha de barro para conservação da água), utilizando um côco fixado a uma vara. O arranjo singelo dessas cabanas tem sido descrito pormenorizadamente em muitas relações, pelo que me contento agora com mencionar que em quase tôdas encontrei uma pedra de fogo ou um arco e flecha entre os objetos de uso.

A nutrição dos índios consiste em milho e numa farinha extraída de raizes, que chamam *mandioca*, a qual se não fór preparada, dizem ser venenosa. A sua lingua materna, que é falada pela maioria dos habitantes do litoral, chamam os portuguezes de *lingua geral* ou *lingua matriz* mas também falam o portuguez e pode-se supor, no menos nas vizinhanças do Rio, mais portuguez do que a própria. Depois de termos avançado bem e que o dia começou a declinar, decidimos voltar. Ao nos aproximarmos da referida cabana, propuz então

dormissimos ao almoço e aproveitassemos o resto do dia caçando.

Minha proposta foi aceita e logo ocupamos, a mais ou menos dois mil passos da cabana, um local que nos pareceu adequado para acampar.

Nosso Domingos e os dois moleques — os três escravos que li víamos trazido — depositaram as provisões de boca sobre uma grande pedra e foram para São Lourenço buscar água, laranjas e outras coisas. Nesse intervalo, fiz uma grande fogueira, não só para nos aquecermos como para mantermos à distância os espíritos malignos, entre os quais se destacavam uns mosquitos pequenos; revimos a seguir os fuzis e partimos à caça. Domingos e um dos moleques ficaram atrás, para cuidar do fogo e dos viveres, enquanto o outro acompanhava-nos para carregar os possíveis despojos. Meus companheiros — uma gente esplêndida — estavam bem humorados e me fizeram rir tantas vezes que me doía o diafragma. Um deles, apaixonado caçador, era, porém, melhor cantor e guitarrista. Cinco vezes fêz o tiro, enquanto seu compatriota lograva variada coleta. A minha constou de um macaco e quatro pássaros, dentre os quais um meigo beija-flor, de que há muitos aqui. Edward, nosso infeliz caçador, ainda nada tinha logrado quando pensamos em voltar; ele não estava, por isso, de acôrdo e conseguia persuadir-nos a ficar um pouco mais. Ficamos e admiramos seus esforços para não voltar com as mãos abanando. O acaso fê-lo encontrar um macaco aleijado no caminho; visou-o, atirou e fêz como dantes. As gargalhadas que demos ante o cômico incidente, irritaram-no tanto que ele, carregando em silêncio seu fuzil, entrou pela mata, sem levar em conta o nosso pedido para que terminássemos pelo dia a caçada. Seguimo-lo a distância. De repente, ele desapareceu e nossos chamados, por todos os lados, ficaram sem resposta. Procuramo-lo debalde umas duas horas e gritamos pelo seu nome mil vezes, dando alguns tiros como sinal, que também ficaram sem eco. Nada mais podendo fazer, voltamos para o nosso acampamento e despachamos Domingos e um dos moleques à sua procura. Preparamo-nos, entretentes, para passar a noite e mal havíamos terminado quando vimos em nossa frente Edward e os dois negros. Vinha ele triunfante e não me foi difícil compreender porque, ao vez um macaco e um grande pássaro cinzento nas mãos do moleque. Depois

de cantarmos, alegremente e comemos o nosso jantar, começamos a "astronemizá:"⁽¹⁰⁾, ao que nos convidava tentadoramente o esplêndido céu tropical. Nosso sono foi muito curto; pois às duas e meia da manhã caiu forte orvalho que nos obrigou a reforçar o fogo que os negros entretinham. À nossa volta, tivemos ocasião de admirar a natureza e, apesar da chuva forte e pertinaz que muito nos molestou durante a travessia, ficamos bem satisfeitos com a pequena excursão, que nos deu um antegosto de viagem maior que projetávamos pelo interior, persuadindo-nos a tomar umas quantas precauções complementares.

Apenas estava eu de volta ao meu quarto, quando Herr K. anunciou-se para me convidar a fazer com ele uma viagem a Cabo Frio. Não precisei de muito tempo para me decidir e, depois de entender-me com os meus ingleses, fixamos a partida para o segundo dia do mês, a fim de termos tempo de nos preparar. Herr Y., cujo filho juntou-se-nos, ofereceu três negros e três mulas carregadas de toda sorte de mantimentos, mais uma provisão de vinho, que mereceu minha especial atenção. Nossa caravana compunha-se, pois, de Herr K., do filho, de Herr Y., dos dois ingleses, de minha pessoa e de seis escravos sob a direção do meu Domingos, de cinco mulas para montaria, de mais três carregadas e de três cães de caça, dentre os quais o meu Juro desempenhava o principal papel.

Estávamos, todos armados de fuzis e suficiente munição, levando os negros grossos bastões. As famílias dos senhores Y. e K. acompanharam-nos até a *Praia Grande*, onde desembarcamos e, depois de alguns problemas criados pelos nossos animais, proseguimos viagem. Cavalgou-se através de morros, que pareciam semeados de flôres e plantas tropicais chegando tarde à aldeia de São Gonçalo, onde passamos a noite. Os animais ficaram no campo, mas tivemos a precaução de recolher a bagagem para dentro das casas, junto à pequena igreja de São Gonçalo. Tivemos muita dificuldade na manhã seguinte para catregar novamente os animais e, antes que pudéssemos continuar havíamos perdido três horas. Já no segundo dia, compreendi que teríamos mais desconfortos do que prazer

(10) O neologismo é por conta do autor.

e tratei logo de manter o bom humor do grupo. Depois de varias horas, encontramos uma venda — espécie de estalagem — na estrada; ali paramos para restaurar as forças, nossas e dos animais, e tocamos para diante. À margem do riacho *Guaxindiba*, tivemos a grata surpresa de atirar num pássaro pousado num galho de mimosa⁽¹⁾, de bico longo e côr parido-amarela, que Domingos chamou de *cuculo* (cuco). Edward nessa ocasião machucou-se na mão direita. Pretendendo ter visto antes o cuco, correu para apanhá-lo sem pensar nos numerosos espinhos que há pelos maciços de vegetação, os quais rasgaram-lhe a mão, que sangrou muito tempo. Ficou impossibilitado de servir-se do fuzil. Até o alto da serra de *Inoan*, coberta de mata, pela qual passava a estrada, a paisagem era cada vez mais bela. Detivemo-nos aqui e acolá para admirar os vales que fomos divisando pela frente e dos lados, escuros mas animados por numerosos pássaros, entre os quais uma variedade de papagaios que voa em bandos e se distinguem pelos gritos. Dessa altura, descia a estrada conduzindo para uma várzea a mais pitoresca, onde vimos uma *fazenda*, em que o dono criava gansos entre outros animais: os primeiros que me foi dado encontrar no país. Como já tínhamos vencido uma fatigante jornada, achamos melhor pernoitar na fazenda e continuar nuns repousados pela manhã. Tive sorte, enquanto os outros tomavam o pequeno almoço, de matar uma *aroponga*, que é um passaro branco, cujo canto metálico e vibrante lembra a pancada do martelo sobre a bigorna e costuma pousar muito alto. Meus companheiros conseguiram atirar em vários pássaros e macacos. Imaginava eu que esta região fosse menos movimentada. Continuamente passavam carros carregados, daqueles, cuja música intolerável já descrevi e é, na realidade, de enlouquecer, que são guiados por um negro e puxados por dois bois, de chifres longos e bonitos; também tropas de muías; cavaleiros isolados aos quais nos dirigiamos para obter informações, mas que respondiam resmungando. Por isso, já nos satisfazíamos quando era respondida alguma das perguntas, que levávamos "in petto".

Bosques incendiados, de que ficaram os troncos, parecendo ruínas; plantações escondidas entre morros; brejos e pastagens; tudo isso desfilava ante nossos olhos durante o dia.

(1) As mimosas são árvores altas e comuns na floresta brasileira. (Nota do autor)

Devido ao calor, andávamos devagar, pelo que, à tarde, pouco havíamos avançado quando uma chuva mais forte nos fez buscar a proteção das árvores. Passada esta e cansados — homens e animais —, erguemos a nossa tenda numa clareira mais seca cercada de palmeiras e coqueiros e tratamos os nossos corpos enrijecidos com o bom vinho do senhor J. Os mosquitinhos não foram tão impolidos essa noite quanto de costume e não vimos formigas — uma exceção, pois esses bichos estão por toda parte — não, e assim nos foi possível jantar apazivelmente. Edward, o nosso guitarrista, entreteve-nos com sua voz melodiosa, mas sem poder acompanhar-se porque a mão ferida não o deixava tocar.

A esse acampamento veio ter um fazendeiro que mora na vizinhança de Cabo Frio, com seus dois escravos. Depois de nos encararmos devidamente, aceitou êle nossa proposta de juntar-se ao grupo e servir nos de guia, reservando-nos, porém, prudentemente, o direito de escolher os pontos de repouso se os que nos propusesse ficassem demasiado longe ou perto. Princialmente, levou-nos êle a uma *freguesia*, que disse ser *Maricá* e está situada num lago que tem umas três milhas de extensão. Não é uma região especialmente fértil. Suas margens são em boa parte baixas e pantanosas e o terreno parece em tôrno muito arenoso; a grama dos pastos é muito curta e a mata nos morros, entremeada de pedras. Entre os animais que pastavam na redondeza, vi uma bela variedade de cabras que já tinha admirado nas proximidades do Rio. Do referido lago sai um caminho de terra até a vila de *Santa Maria de Maricá*, com sua igreja, ruas arenosas e casas de um só andar. Está lindamente situada. Quanto mais progredíamos, tanto mais lamentava eu o que ia perdendo da natureza por não ser um naturalista. Dificilmente se encontrará noutro lugar uma profusão mais admirável de objetos do reino vegetal, capazes de prender a atenção de um cientista.

Na proximidade de um bosque escuro, que me fez grande impressão, Edward deu um tiro de mestre, apesar da mão ferida, abatendo um *tucano*, que é um pássaro de grande bico, côr de laranja e penas pretas, difícil de alcançar porque pousa sempre nos galhos mais altos. Justamente, para nossa admiração, foi essa bela presa cair às mãos do pior caçador; pelo que, de pilhéria, atribuímos ao gosto pela música o fato de o pássaro se deixar apanhar por Edward. Em memória desse

tiro feliz, o tucano ficou sendo para nós o amigo do canto, nome que até agora conserva.

Detivemo-nos ao meio-dia, para minha satisfação, no engenho *Gurapina*, pelo qual passava a estrada. Era o primeiro que eu via e assim tive tódá a comodidade para examiná-lo. Depois de deixarmos o lago para trás, em Ponta Negra, levounos o brasileiro por um caminho bem junto ao mar que nos proporcionou bellissimo panorama. É esta uma região de muita água, pantanosa, causando, assim, aos viajantes bastante desconforto, obrigando-os muitas vézes a entrar pelos brejos ou furar pelas picadas estreitas de lenhadores. O lago *Saquarema*, ligado ao mar e habitado por pescadores, oferece magnífico quadro, digno de desafiar o pincel de um pintor. Ao lado fica a *freguesia de Saquarema*, povoada de pescadores e rocciros, relativamente extensa, com sua igreja sobre o alto. O telégrafo local, que se corresponde com o Rio, distraiu-me enquanto os companheiros prepararam o almoço, o qual teve um acompanhamento musical. Nosso brasileiro nos havia proporcionado, sem dúvida, o mais interessante dos passeios, pois novas perspectivas se abriam a todo instante á nossa vista. A fazenda *Pitanga*, pela qual passamos situada numa colina, qual um velho convento, e o engenho *Tiririca*, a que chegamos por estreito caminho, forara os principais atractivos que me encheram o dia. A fábrica de açúcar fica ao sopé de um morro povoado de casas. O dia seguinte, depois de deixarmos a lagoa de *Araruama* e visitarmos a aldeia de *São Pedro*, que fica no caminho para Cabo Frio e é povoada de índios, ia sendo trágico para mim, porque quase me afoguei. Queríamos passar para a *Vila de Cabo Frio* e tínhamos de atravessar um braço de mar cujas águas, pouco profundas, são bem claras. Embarcamos nunas canoas pequenas, feitas de um tronco de árvore, que os nativos sabem muito bem manobrar, mas que viram facilmente quando não se mantém e equilibrio. Quis demonstrar minha habilidade no remo e cá, tomando um banho involuntário. Edward ficou radiante com essa oportunidade de também poder rir á minha custa, pelo que saltou novamente na água, mas desta feita por prazer, enquanto os outros secavam minhas roupas. Depois dêsse *intermezzo*, visitamos os arredores de Cabo Frio e, passados três dias, encetamos a viagem de volta.

Vigésima oitava carta

A bordo do *Claudine*,
10 de fevereiro de 1820

No dia 7 de fevereiro, cedo, às seis horas, velejávamos e já às dez horas nada mais se via da costa americana.

Deixe-me, caro Egmont, que silencie os sentimentos com que deixei a companhia de minha mãe! De viva voz serei mais fiel à verdade, pois o tempo alivia e purifica o sentimento da dor.

Desta vez o enjôo parece querer poupar-me: até agora nenhum incômodo senti, e isso apesar de o mar estar bastante movido.

O arranjo interno do navio é quase como o do *Sophie*, porém menos elegante e limpo. O camarote do *Claudine* é maior, embora o navio seja mais curto e mais estreito. Em ordem e limpeza a diferença é grande entre o navio francês e o hamburguês. Até as velas, que o velho Doormann cuidava sempre com muito cuidado, são aqui usadas como cortinas de cozinha, toalhas e outros fins semelhantes, de modo que não tenho maior confiança numa boa viagem.

O capitão Prudhomme é um personagem sombrio e desagradável. Casou recentemente e é condecorado com a Legião de Honra. Além de sua graciosa mulher, verdadeira francesa, encontram-se a bordo uma senhora com três crianças e dez passageiros, entre os quais um jovem suíço. Não sei como ocuparei o meu tempo, não tendo mais o interêsse de aprender uma língua nova, como aconteceu na vinda; a leitura, acredito, encher-me-á o tempo e para isso não me faltam livros.

15 de fevereiro de 1820

Com ventos desfavoráveis, só ontem vimos a ilha da Trindade e ainda agora a temos diante dos olhos. Oferece-nos imponente visão, mas já a divisamos bastante e poderíamos dispensá-la, para avançarmos. Os ventos, porém, não o querem e são senhores de nós.

Embora o capitão e seus oficiais mantenham segredo sobre suas observações, esta circunstância me faz duvidar de sua capacidade. Contudo, passamos ontem a Linha e hoje, com ventos moderados, caminhamos para o trópico de Capricórnio.

Durante as quatro últimas semanas minha ocupação foi a leitura de *Racine*, *Voltaire* e *Molière* e a continuação de uma comédia, *Philippine und Ferdinand* e do meu *Egmont*. Esperava tocar flauta com freqüência, mas, como no *Sophie*, só raramente o tenho feito.

A única pessoa com que costumo conversar é o jovem suíço, que me descreve em côres negras o abandono em que foram deixados seus compatriotas na colônia de Cantagalo. Está descontente do Brasil e lamenta que sua situação o obrigue a voltar por mais seis anos, conformando-se com a circunstância de que o hábito ajuda a suportar muito desagrado. .

Palavra final

AO ENTREGAR A MEUS AMIGOS e a meus *irmãos alemães* estas cartas, julgo necessário acrescentar algumas observações que quiçá aproveitem a quem estiver firmemente decidido a procurar sua sorte no Brasil.

Foram demais os irmãos infelizes e desiludidos que lá encontrei para que pudesse deixar de repetir outra vez o que já disse no prefácio: que ninguém se deixe enganar por falsas descrições e confie em minhas palavras, por diferentes que sejam de tudo o que tem aparecido até agora sobre o assunto!

Quem chega ao Brasil sem dinheiro, à força de habilidade e muita saúde pode ganhar o seu pão, como, aliás, em qualquer outra parte; mas mais do que isto, certamente não.

Mas quem irá renunciar, por tão módico prêmio, ao privilégio de ganhá-lo em solo alemão, a ver raiar entre irmãos o sol da liberdade e cooperando ativamente nesse fausto acontecimento? Quem preferirá passar penosamente os dias sob o jugo estrangeiro em vez de trazer o seu esforço para o bem da pátria e da liberdade alemã? *Liberdade alemã!* Sim! Liberdade alemã, no verdadeiro sentido da palavra, quando, despiendo-se do véu que a cobre, há de para sempre viver e desabrochar, mesmo que a tirania e a prepotênciaousem ameaçá-la; há de para sempre viver mesmo que umas quantas cabeças débeis, transviadas, subordinadas ou insensíveis julguem-na e proclamem-na uma quimera.

Ainda tremem os pusilânimes, ao ouvirem a voz de um *jovem alemão*, temerosos de pronunciar a palavra liberdade, *liberdade alemã*, porque *crêem* desagradar as autoridades e *receiam* perder títulos e favores conquistados a duras penas. Ainda se assustam quando um *jovem alemão* grita com ardor o que vai dentro do seu peito. Prova segura de que a liberdade é mais do que quimera, um sol que reluz envolto na névoa a aquecer invisível o solo materno, de cujo ventre misterioso

arranca os mais nobres frutos. Que apareaça o momento em que o céu ainda tuvo ventia a clarear, deixando transpassar os raios divinos! Que ela sazone os frutos que, em exuberante floração, recheiam a primavera e que, orgulhosa, lá das alturas, sob a aparência abençoadora da esperança, baixe sua vista sôbre o vale pulsante de vida!

Não se arrependam de apoiar com mãos robustas e energia juvenil os ramos que vergam sob o o péso dos frutos a amadurecerem, para que o vento, de qualquer quadrante que sopra, não os arranque do seu ventre materno e, uma vez maduros, colham-nos cautelosamente a fim de que não caiam por si ou, sugando-os em demasia, não debilitem o caule que os alimentou!

Bênçãos se derramarão sôbre vossas colheitas, trazendo paz e contentamento à vossa descendência agradecida, que honrará vossos nomes e os erguerá ao céu em hinos e cânticos populares até o fim do mundo.

Não vos assusteis com mal compreendidos e precipitados juízos que muitas vêzes ameaçam a virtude, e tomai a iniciativa quando houver campo para agir. Provai ao resto do mundo por vossos feitos que mereceis a felicidade de ser *alemão*, olhai de frente o odioso semblante de cada perigo que ameaça vossa liberdade; e, aproximando-se um *ignorante* ou um *desfavorecido* da natureza, que não se sinta *alemão*, que não saiba o que se deve entender por *liberdade alemã*, abri-lhe os olhos para que ao menos sua ignorância não obstrua, se não pode cooperar! Instilai no espírito tumultuoso da juventude inexperiente o significado da liberdade; mas sem abafar o que dentro d'ele queira vir à luz, quando maduro para feitos vigorosos. Quem ousará, então, não vos entender? — insinuar baixas intenções aos vossos pensamentos? — abalar a vossa fé e chamar de quimeras vossas virtudes? Provai a êsses pusilânimes que vossa convicção, vossas vistas sôbre a nobre liberdade estão estreitamente ligadas à vossa religião, não podendo uma renegar a outra sem lhe abalar a base, e, em vez de tentarem fazer-vos voltar à mediocridade, que vossa fé infunda respeito e transforme vossos contraditores em amigos sinceros!

Dos negócios que se oferecem a um emigrante que chegue ao Brasil provido de dinheiro, os que mais rendem são a cultura do café e a do açúcar.

Mas para isso se impõe que seja suficiente para a compra da terra, dos escravos indispensáveis para trabalhá-la e ainda para sua sobrevivência durante cinco anos, sem contar com entradas, pois só depois de cinco anos é possível esperar a primeira colheita, quando se planta os próprios pés de café. É raro poder comprar-se uma plantação já formada e, quando se encontram, são muito caras. Para uma empreitada dessas não há que contar com suas próprias forças, senão que com a energia dos escravos, que só à custa de instantes castigos podem ser mantidos na atividade. Se não se tem o ânimo de exercer a função de capataz insensível, será preciso empregar um administrador que dirija o regimento dos açoites. Mas poderá um nobre coração alemão ser tão inconsciente que deva seu bem-estar ou riqueza ao suor de infelizes escravos? Mesmo que o interesse de toda uma nação pareça excusar essa vergonha e que as leis protejam uma tirania tal, não posso, apesar de tudo, recuar da minha convicção de que isto é contrário às leis da natureza e, portanto, abaixo da dignidade humana.

Para que acumular mais argumentos se todos visam ao mesmo fim, que é advertir cada alemão a não se deixar desencaminhar ou a dar o passo fatal de trepar sua pátria alemã pelo Brasil? *Eterno arrependimento* e destruição de sua paz interior serão as conseqüências em cada caso.

Quem, para sua educação ou por prazer, quiser empreender esta viagem, não deixe de levar bastante alimento para o corpo como para o espírito, único meio de se defender contra a doença. Também há que suprir-se de suficiente roupa branca, pois que a gente do mar não gosta de que se gaste a provisão de água doce na lavagem. Roupas brancas e roupas de vestir são muito caras no Brasil. Como as que lá usam os brancos são exatamente iguais às europeias no verão, convém ir munido de bastante para a duração da permanência.

Ao chegar, não se deve abusar logo de todas as frutas, mas comê-las com um pouco de pão até acostumar-se; assim como se deve misturar um pouco de vinho à água. Tampouco saia-se, no princípio, sem guarda-sol, sob pena de apanhar uma das moléstias congênicas do Brasil.

Embora saiam os navios o ano inteiro, a experiência ensina que a melhor época para a travessia, na ida, vai de fins de julho a começo de agosto, e, na volta, de março a abril.

Mesmo no Rio de Janeiro há que evitar sair à rua sozinho de noite e ser mais atento à sua segurança do que em qualquer outra parte, porque são frequentes os roubos e crimes, apesar de a polícia ser lá tão encontradiça como areia no mar.

É bem sabido que os portuguezes antigos, quando brigavam, perseguiam comumente seus adversários na escuridão das ruas para apunhalá-los, sem que o fato provocasse maior escândalo; se esse costume diminuiu, não é, contudo, aconselhável envolver-se em brigas para não ficar exposto a agressões noturnas.

Fica assim terminada a primeira parte do meu jornal. Que preste o serviço que me propus ao editá-lo, para de algum modo me compensar do muito que sofri, ausentando-me da pátria!

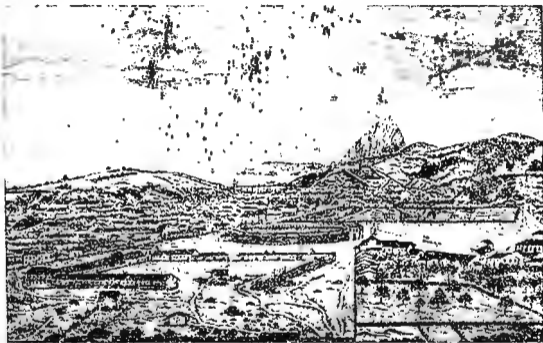
A segunda parte conterá a história do Brail em que trabalhei com empenho, apoiado nas melhores fontes. Em curto prazo seguirá a primeira.

L. VON RANGO

Bruxelas, 26 de julho de 1820

Fim da primeira parte

Documentário
Fotográfico



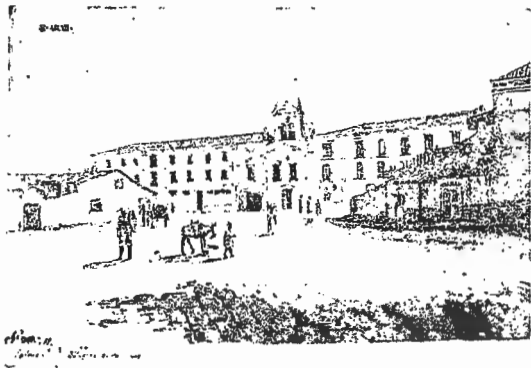
O Campo de Sautana (Desenho anónimo, pertencente à Biblioteca Nacional)



A Lampadum Palácio Rio Seco — THOMAS EXNER, 1817



São Francisco de Paula e hospital dos 3.º à esquerda — MARIA GRAHAM



Igreja e rua da Misericórdia — THOMAS ENGRA



P. L. - io de Santa Cruz. - MARIA CRISTINA



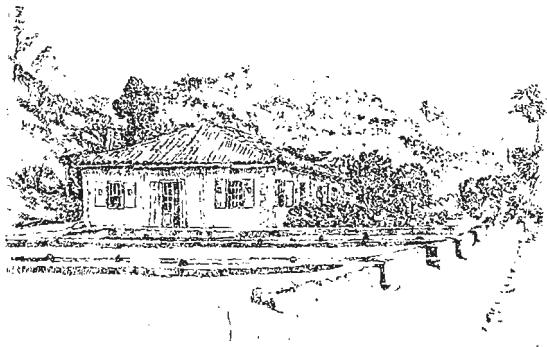
O Palácio de São Cristóvão — THOMAS ENDER, 1817



Arsenal de Marinha — Desembarque da esquadra D.^a Leopoldina
F. Faltinck, 1817



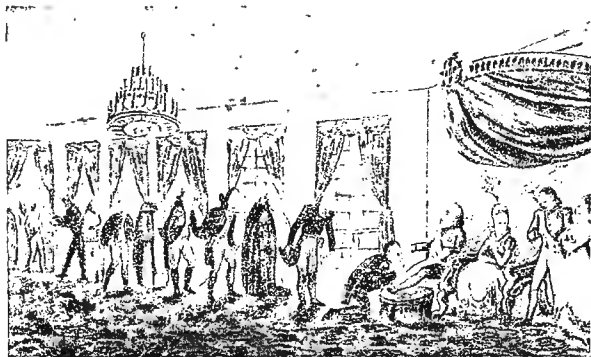
477.
Festzug des St. Peter's Festes in Wien



*São Luís -- Fazenda de café do francês Lecesne
na Cúvea Pequena -- MARYA GRAHAM*



Rua do Catete, vista para a Guanabara MARIA GRAHAM, 1895



Heijn-mão no Paço
(Sketches of Portuguese Life, Londres, 1826)



Enquanto isso, enquanto

Piquenique no Crato, onde em que apareceram Dutra, Spix,
o Conde de Flemming Langsdorff, etc e quando para a
de lá, um jovem escravo e um negro — ENRIQUE FERREIRA, 1817



Rua do Molho — atual Carioca — THOMAS ENDER

T a t e n j ä

oder

die protestantische, deutsche Colonie am
Rio St. Francisco in Brasilien,

von

Ludw. Fr. von Kango,
Oberst-Lieutenant a. D. und Ritter u. u.

In vier Bänden.

De t t i n.

Verlegt bei G. E. Hermann.

1 8 3 8.